



DEFESA DE DIREITOS HUMANOS

PB tem 40 pessoas sob proteção

Disputas por terra, moradia e defesa do meio ambiente são as principais causas de ameaças. **Página 7**

PSG e Chelsea decidem, hoje, a final do Mundial de Clubes

Times gigantes do futebol europeu enfrentam-se no MetLife Stadium, EUA, a partir das 16h.

Página 24

Lei amplia penas para crimes cometidos no ambiente escolar

Punição em caso de homicídio pode chegar a 30 anos de reclusão, com agravante se a vítima for PcD.

Página 14

Rotatividade elevada afeta o setor de telemarketing

Função está entre as que mais ofertam vagas, mas também impõe desafios físicos e psicológicos.

Página 17

Matinhas abre as portas para visitantes no Caminhos do Frio

Durante a Rota Cultural, que começa amanhã e segue até o dia 20, a cidade preparou uma agenda que inclui shows e passeios por trilhas ecológicas.

Página 8

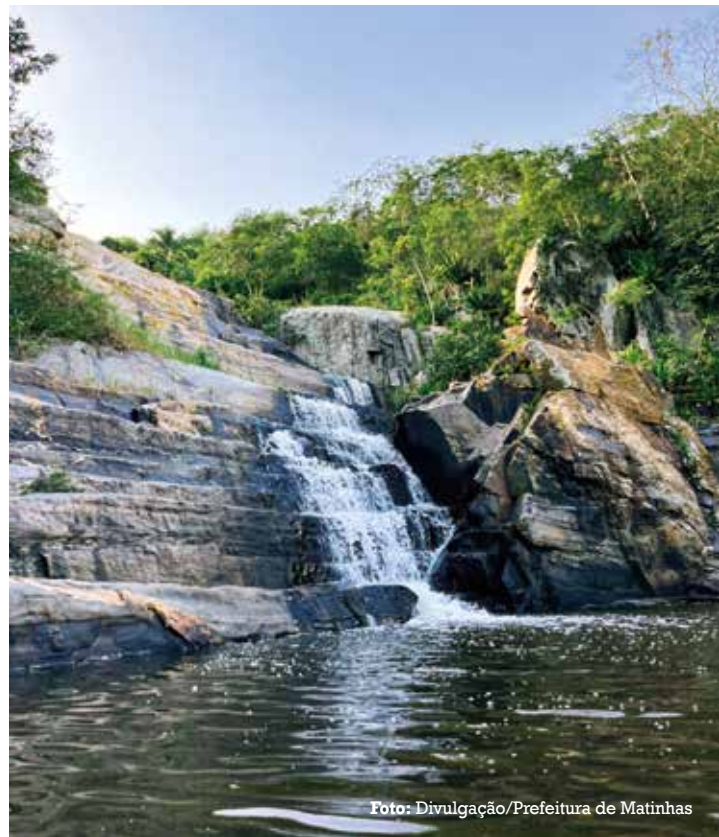


Foto: Divulgação/Prefeitura de Matinhas

Animais em risco de extinção ressurgem na Mata Atlântica

Macacos das espécies guariba-de-mãos-ruivas e prego-galego voltaram a ser vistos em área re-florestada, localizada no município de Santa Rita.

Página 20



Foto: João Pedro Souza/Colaboração

■ “Quantas vezes alcei voo de pássaro de quem sai de si, desta prisão que as duras leis da vida impõem, nas asas do único voo feliz que não consegue terminar”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Placas indicam locais onde corpos de traidores da Coroa portuguesa foram expostos em JP

Colocadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), no início do século passado, objetos detalham as punições impostas aos participantes da Revolução de 1817. Uma delas está na fachada da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, onde a cabeça e as mãos de João Peregrino Xavier de Carvalho, enforcado no Recife, aos 19 anos, foram exibidas ao público.

Página 25



Foto: Roberto Guedes

Editorial

Para se ler mais

O paradoxo, além de figura de linguagem ou de pensamento relacionada ao contraditório, é também uma espécie de fenômeno social de múltiplas interpretações, que passeia, por exemplo, entre a Filosofia e a Religião. Matar milhares de pessoas de fome e de sede — ou com balas e bombas — em nome de Deus, como acontece, hoje, no Oriente Médio, é uma dessas incoerências que ajudam a notabilizar o paradoxo.

No campo da Cultura, as incongruências, claro, também acontecem. Enquanto cidades como João Pessoa, Curitiba (PR), Manaus (AM), Belém (PA) e São Paulo (SP) comemoram o fato de serem consideradas polos privilegiados de leitura de livros, o setor editorial ressen-te-se do recuo em termos reais nas vendas realiza-das ao mercado, de acordo com o portal PublishNews, especializado na cobertura da indústria do livro.

O PublishNews baseou-se nos resultados da série histórica da Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro — o estudo é coordenado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), com apuração da Nielsen BookData —, para mostrar que houve uma significativa queda (44%) no faturamento das editoras brasileiras, em 2004 (sem contar as ven-das ao governo).

Para aquelas pessoas que não acreditavam no sucesso dos livros digitais e au-diolivros, esses produtos, conforme a mesma pesquisa, registraram um crescimen-to de vendas da ordem de 200%, desde 2019. Ressalte-se, ainda, que tanto os livros impressos como os conteúdos digitais estão mais baratos em termos reais, apre-sentando uma queda de 30% nos últimos seis anos, conforme registra a reporta-gem da PublishNews.

O presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sevani Matos, defende a ado-ção de “políticas públicas consistentes para o fomento à leitura, à produção editorial e à valorização do livro no Brasil”, tendo em conta que “o encolhimento de quase metade do mercado em duas décadas impacta diretamente na formação de leito-res, no acesso ao conhecimento e na sustentabilidade de toda a cadeia produtiva”.

O que se quer, na verdade, é um mercado editorial robusto, moderno, produzindo livros de excelentes conteúdos, graficamente bonitos e de baixo custo, de modo a democratizar o acesso à diversidade de obras pelos leitores e leitoras de todos os recantos do país. Que os estudantes, principalmente da rede pública de ensino, re-cebam livros gratuitamente, e que o mundo se torne melhor em virtude da leitura.

Artigo

Um fantasma que insiste em voltar

A revolução comunista em Cuba, em 1959, acendeu um alerta permanente nos Estados Unidos. A partir de então, qual-quer movimentação de esquerda na Amé-rica Latina passou a ser vista como amea-ça direta à segurança hemisférica. O Brasil, com um presidente que defendia refor-mas de base e dialogava com setores po-pulares, rapidamente entrou no radar da Casa Branca.

Poucos dias antes do Golpe Militar de 1964, o coordenador da Aliança para o Pro-gresso, Thomas C. Mann, convocou uma reunião com representantes do gover-no americano ligados à América Latina. Desse encontro surgiu a chamada Doutri-na Mann, um documento que estabelecia o apoio dos EUA a qualquer governo la-tino-americano que fosse declaradamen-te anticomunista, independentemente de ser democrático ou ditatorial.

Durante a década de 1960, diversos paí-ses da América Latina que possuíam líde-res com alguma aproximação com Mos-cou enfrentaram golpes militares. O Brasil seguiu essa rota. Prisões arbitrárias, re-pressão violenta e assassinatos políticos marcaram a nova ordem. Era o reflexo da chamada Guerra Fria, quando Estados Unidos e União Soviética disputavam in-fluência global por meio de alianças, pro-paganda e intervenções diretas.

No caso brasileiro, havia a expectativa de que a crise política se aprofundasse, o que levou os EUA a planejarem uma ope-ração militar de apoio ao golpe. No entan-to, os generais brasileiros agiram com rapi-dez e removeram Goulart do poder antes que o plano precisasse ser executado.

Criada por John F. Kennedy, em 1961, a Aliança para o Progresso pretendia ser um instrumento de desenvolvimento so-cial, mas foi utilizada para barrar o avan-ço de governos considerados progressistas. No Brasil, foi fundado o Instituto Brasilei-ro de Ação Democrática (IBAD), responsá-vel por produzir e difundir conteúdo anti-comunista em rádios, televisões e jornais.

Em 1963, uma Comissão Parlamentar de Inquérito comprovou que o IBAD finan-ciou campanhas eleitorais com recursos provenientes de empresas norte-america-nas. As verbas eram destinadas a candi-datos contrários às reformas de base de-fendidas por Goulart. Após a apuração, o

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com

presidente suspendeu as atividades do ins-tituto, que acabou sendo dissolvido pela Justiça no final daquele ano.

Documentos revelaram mais tarde a gravação de uma conversa entre o presi-dente Kennedy e o embaixador dos EUA no Brasil, Lincoln Gordon, em outubro de 1963. Na conversa, Kennedy pergunta-va se seria aconselhável uma intervenção militar no país. Gordon sugeria a articu-lação de forças políticas e militares capa-zes de conter ou afastar João Goulart da presidência.

Mesmo após o assassinato de Kenne-dy, seu sucessor, Lyndon Johnson, deu se-quência à política de intervenção. Gordon conseguiu convencê-lo a preparar uma for-ça-tarefa militar para entrar em ação caso houvesse resistência popular ao golpe. Os militares brasileiros agiram antes, sem ne-cessidade de apoio direto.

Décadas depois, durante o governo de Donald Trump, os ecos dessa política in-tervencionista ressurgiram. Tentativas de interferência em processos internos de paí-ses latino-americanos voltaram à tona, in-clusive no Brasil. A paranoia anticomu-nista permanece como justificativa para desestabilizar governos considerados pro-gressistas, revelando que a luta por sobe-rania e autodeterminação na América La-tina ainda não terminou.

“

A paranoia anticomunista permanece como justificativa para desestabilizar governos considerados progressistas

Rui Leitão

Opinião

Foto Legenda

Leonardo Ariel



De olho no faturamento

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O reino encantado de Serafim

Li um poema, acabo de ler um poema. Quantos poemas já li desde o longínquo “Oh! Que saudades que tenho /Da aurora da mi-nha vida, /Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”. Só que os anos e séculos sempre os tra-zem de volta. E tornarão a voltar, seja no poeta menino que trina pelas cordas do-sabiá no exílio além-mar ou do homem fiel ao menino e ao trinado agudo a ressoar do gume e penhascos da sua Aroeiras.

Quantas vezes alcei voo de pássaro de quem sai de si, desta prisão que as duras leis da vida impõem, nas asas do único voo fe-liz que não consegue terminar.

Criança interna, todas as manhãs, eu acordava e levantava às seis, saía tangido em fila para o banheiro coletivo, o frio ser-rano juntando-se ao gelo da água. Tudo por severa obrigação. Obrigado à missa em je-jum, a só falar no refeitório após o *deo gra-tias*, a quatro horas de leitura e do dever de casa — oito tantos de disciplina para qua-tro de recreio — de repente só um sabiá de livro me salvava.

Minha terra tem palmeiras /onde canta o sa-biá. Sempre o sabiá de livro a nos dar asas e poderes sobre as nuvens do céu e os limi-tes da terra e do tempo.

Quantas vezes senti dúvida se não exis-tia uma vida além da que me obrigava a fi-car entre paredes, sem estrada à vista, o olhar pregado na sisudez do inspetor ou li-mitado aos muros do internato.

No salão de estudos, minha carteira fi-cava colada a um janelão aberto para o nas-cente, o sol benzendo-me com seu clarão e seu calor, sem que eu desse por ele. Sol é o que mais tínhamos e temos, crestando a roça e faiscando no seixo dos caminhos. Mas aquele sopro raiado de luz forte e car-regado pela apanha dos ventos e dos chei-ros para as páginas da antologia aberta nos versos de Casimiro e Álvares de Aze-vedo levaram-me com eles. E vim esbarrar aqui, muito pouco para os que sonham alto, mas nas nuvens para o menino matuto dos

“

Sol é o que mais tínhamos e temos, crestando a roça

Gonzaga Rodrigues

meus grotões.

Não senti surpresa diferente, agora, aos noventa anos, ao dar com *Serafim, reino en-cantado*, que o janelão do Gmail veio deixar no quarto três por quatro que é meu uni-verso de hoje.

Trata-se de um poema de 10 estrofes, de 11 a 15 versos cada, cuja leitura vai su-mindo como tal à medida que a poesia fe-liz por ser a vida mesma vai imergindo em você. Por mais que o autor tenha levado a vida a exaltar a palavra, a consagrá-la em todas as situações e em diferentes circuns-tâncias, mais a palavra ingressa no abstrato ou atinge a transcendência que se realiza, como esperava Augusto. E com as palavras mais simples como as que Rubem Braga apontou em Camões.

E parecendo tão vulgar: “*Nasci numa tarde de chuva/ o Cariri era uma escuridão só.*” Mas vá dentro, leitor e leitora amigos, e veja como sai!

Não sei se estou maltratando um autor da mais fecunda vocação poética e apurada consciência crítica como o mestre Hildeber-to Barbosa Filho. Mas não tenho dúvida que Manuel Bandeira, sob os signos de hoje, não me faria sentir maior e mais pura emoção.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

33 ANOS DE FUNDAÇÃO

Fapesq-PB impulsiona a inovação no estado

Instituição oferece editais, programas de incentivo e bolsas de pesquisa

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Por meio de editais, programas de incentivo a *startups* e empresas, bolsas de pesquisa e apoio permanente a eventos científicos, a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado (Fapesq-PB) impulsiona a inovação na Paraíba. A entidade completou 33 anos de existência neste mês e os investimentos, somente em 2025, já ultrapassam os R\$ 50 milhões, podendo chegar a R\$ 100 milhões até o fim do ano. A estimativa é do secretário, Cláudio Furtado, da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), a qual a Fapesq é vinculada.

Cláudio Furtado destacou o papel da instituição como braço do Governo da Paraíba no fomento à pesquisa e inovação. “A Fapesq é responsável por fomentar toda essa área e tem contribuído muito na questão da formação de pessoas altamente qualificadas, com bolsas de mestrado, de doutorado, iniciação científica, com auxílio da pesquisa de alta qualidade. Promovendo, assim, uma grande competitividade para o estado e melhorando cada vez mais os recursos humanos daqui da Paraíba”, pontuou.

De janeiro até julho, foram publicados 35 editais pela Fundação. Fomento à pesquisa e desenvolvimento; empreendedorismo inovador; políticas educacionais e tecnológicas do estado; desenvolvimento regional sustentável; cooperação internacional e gestão institucional são os eixos estratégicos que norteiam as atividades da Fapesq. “É im-

possível mensurar o impacto positivo que a Fapesq gerou em nossa comunidade e como potencializou o desenvolvimento científico, tecnológico e social na Paraíba”, comentou o presidente da Fundação, Rangel Júnior.

“Investimentos como os realizados pela Fapesq são fundamentais para o fortalecimento da pesquisa científica na Paraíba, pois permitem a formação de pesquisadores qualificados, a execução de estudos inovadores e estimulam a produção de conhecimento voltado às demandas da Paraíba”, comentou o pesquisador Jeanneson Sales, que tem sua bolsa de doutorado financiada pela Fapesq. Além disso, investir em ciência é fortalecer o desenvolvimento tecnológico, capaz de propiciar avanços sociais, econômicos e ambientais para a região”, continuou. “Ao viabilizar recursos para os pesquisadores paraibanos, esses investimentos fortalecem os programas de pós-graduação, pois muitos desses enfrentam desafios orçamentários e estruturais. Esses investimentos têm importância estratégica, pois ampliam a capacidade das instituições paraibanas de atuar na formulação de políticas públicas baseadas em evidências científicas”.

Só no ano passado, foram investidos R\$ 51 milhões em pesquisa e R\$ 29 milhões em bolsas de pós-graduação. Os investimentos ocorrem em projetos de diversas áreas de atuação, como: Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas; Ciências da Saúde; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e



Foto: Divulgação/ Secties

Furtado estima investimento de até R\$ 100 mi até o fim do ano

Artes.

Para o presidente Rangel Júnior, a Fapesq possui mais de três décadas de extrema dedicação ao desenvolvimento científico e tecnológico da Paraíba. “Nesses anos nós celebramos também a contribuição fenomenal de pesquisadores e pesquisadoras, de estudantes e de educadores e educadoras de todo o estado que têm participado e cooperado para este crescimento e para o desenvolvimento social do estado”, comentou. Rangel reforçou o papel de todos que colaboraram para impulsionar os avanços científicos na região. “Todos aqueles que foram beneficiados com as bolsas, com fomentos, com projetos, fazem parte dessa história, pois é através dessas ações que consideramos que a Fapesq efetivamente impulsiona melhorias que trarão frutos para a Paraíba”.



Foto: Divulgação/Fapesq-PB



É impossível mensurar o impacto positivo que a Fapesq gerou em nossa comunidade

Rangel Júnior

Pesquisa ligada à biodiversidade e conservação

O atendimento às necessidades socioeconômicas que afetam o desenvolvimento sustentável do estado também integra o rol de finalidades da Fundação. Assim, inúmeras pesquisas que pretendem dar um retorno à sociedade já foram subsidiadas nesses anos de existência. Neste ano, merece destaque os estudos voltados à biodiversidade e à conservação.

Jeanneson Sales é doutorando bolsista da Fapesq no Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Zoologia (PPGCB/UFPB), na linha de pesquisa ‘Conservação e Biodiversidade’. “A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado (Fapesq-PB) tem um papel fundamental no desenvolvimento da minha pesquisa, não apenas pelo apoio financeiro, mas também pelo estímulo à produção científica de qualidade no estado”, afirmou o pesquisador.

Ele desenvolve o projeto intitulado “Predadores Alados da Mata Atlântica: serviços ecossistêmicos

prestados por morcegos insetívoros em uma paisagem fragmentada com matriz de cana-de-açúcar” e atua no Laboratório de Mamíferos da instituição. A pesquisa foca nos morcegos insetívoros em áreas fragmentadas e dominadas por plantações de cana-de-açúcar, na Mata Atlântica do Nordeste do Brasil. O estudo está sendo conduzido ao longo da zona canaveira do estado da Paraíba, em que foram selecionadas, de forma aleatória, 40 áreas de amostragem entre os municípios de Alhandra, Baía da Traição, Caaporã, Capim, Conde, Cruz do Espírito Santo, Cuité de Mamanguape, Itapororoca, Jacaraú, João Pessoa, Lucena, Mamanguape, Marcação, Mataraca, Pedras de Fogo, Rio Tinto, Santa Rita e Sapé.

“A ideia principal é mostrar que a manutenção de fragmentos florestais de mata atlântica pode favorecer a presença dos morcegos em monocultura de cana-de-açúcar. Isso pode ser benéfico para a produção agrícola, pois os fragmen-

tos atuam como habitats naturais desses animais e, assim, garantem a provisão de diversos serviços ecossistêmicos, como dispersão de sementes, polinização e controle populacional de insetos. No caso específico dos morcegos insetívoros, eles atuam diretamente no controle de insetos, no qual alguns podem controlar pragas agrícolas ou vetores de parasitos zoonóticos”, explicou o pesquisador.

São estudos como esses que proporcionam dados concretos a partir dos quais é possível demonstrar a importância da conservação de áreas de vegetação. Assim, pesquisas científicas permitem que se subsidie diálogos e a implementação de políticas públicas que podem beneficiar toda a população. “O investimento da Fundação viabiliza diretamente a continuidade do meu doutorado, permitindo a dedicação exclusiva às atividades acadêmicas e científicas, além de cobrir parte dos custos operacionais da pesquisa de campo, como

combustível, aquisição de equipamentos para a execução das expedições para coleta de dados, etc. Além do suporte financeiro, o incentivo reforça a importância de pesquisas aplicadas à conservação da biodiversidade da Paraíba, contribuindo para a minha formação de forma qualificada e para a produção de conhecimento científico, com impacto ecológico, social e econômico”.

O objetivo final do estudo é demonstrar para os produtores que é mais vantajoso conservar fragmentos florestais no entorno das plantações do que desmatar. “Os morcegos podem estar atuando no controle de pragas agrícolas, ou seja, fornecendo um serviço gratuito em vez do investimento de milhões com o uso de inseticidas. Com isso, a conservação dos morcegos insetívoros pode ajudar a reduzir o custo de pesticidas, aumentar a eficácia da supressão de pragas e contribuir para a economia anual da região”, pontuou.

UN Informe

DA REDAÇÃO

TRE-PB E GOVERNO DO ESTADO ACERTAM PARCERIA PARA RECUPERAR CARTÓRIOS ELEITORAIS

O Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) acionou Termo de Cooperação Técnica firmado com o Governo do Estado da Paraíba para execução de projetos de recuperação, manutenção e melhorias estruturais em cartórios eleitorais do interior do estado. A parceria garante o apoio técnico da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), ampliando a capacidade de atuação do TRE-PB nas demandas de engenharia e arquitetura que visam aprimorar as condições de trabalho e atendimento à população. A iniciativa soma-se a uma série de medidas já adotadas pelo Tribunal para modernizar e revitalizar suas unidades. Desde o início de maio, equipes da Secretaria de Administração (SAD) do TRE-PB realizam um amplo trabalho de vistoria em 45 cartórios eleitorais, com o objetivo de levantar as necessidades de manutenção, reforma, condições de mobiliário e acessibilidade. O levantamento está sendo conduzido pela Coordenadoria de Serviços Gerais (Coseg), pela Seção de Engenharia e Arquitetura (Searq) e pelo Núcleo de Manutenção Predial (NMP), priorizando as unidades que não passaram por reparos recentemente. Segundo o presidente do TRE-PB, desembargador Oswaldo Trigueiro do Valle Filho, o investimento na infraestrutura do 1º Grau de jurisdição é prioridade absoluta da atual gestão. “É preciso mudar a cultura. Melhorar os espaços de trabalho e de atendimento não é apenas uma questão administrativa, mas de dignidade para quem trabalha e para quem é atendido pela Justiça Eleitoral”, afirmou. Entre os municípios com maior urgência para intervenções estão Gurinhém, Alagoa Grande, Esperança, Alagoa Nova, Queimadas e Solânea.

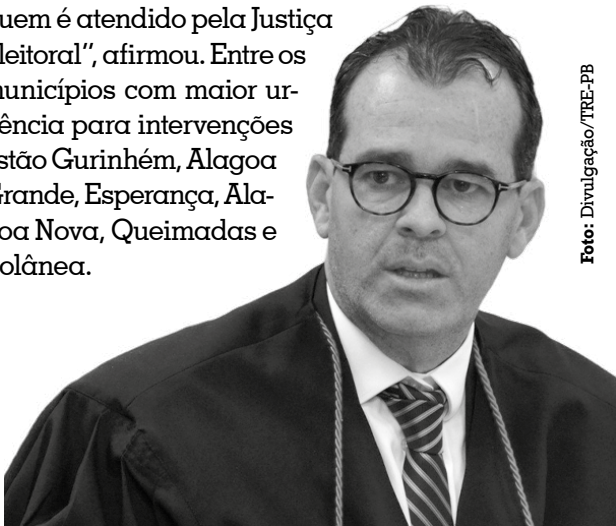


Foto: Divulgação/TRE-PB

PREFEITOS EM BRASÍLIA

Uma comissão de prefeitos e prefeitas paraibanos estará amanhã, em Brasília, para acompanhar, até quarta-feira (16), a votação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 66/23 pela Câmara dos Deputados. O chamamento foi da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) e da Confederação Nacional de Municípios (CNM).

EMENDAS PARLAMENTARES

O prefeito de Boa Ventura, Vital Neto, comemorou duas importantes emendas parlamentares destinadas ao Fundo Municipal de Saúde. Os recursos, segundo ele, serão utilizados para incremento do Piso da Atenção Primária. O deputado federal Hugo Motta destinou R\$ 300 mil e a senadora Daniella Ribeiro, R\$ 100 mil. “Esses recursos reforçam nossa luta por uma saúde pública mais estruturada e acessível”, disse o prefeito.

POLÍTICAS PARA MULHERES

Com o tema “Mais Democracia, Mais Igualdade e Mais Conquistas para Todas as Mulheres”, será realizada nos dias 1º e 2 de agosto, em João Pessoa, a etapa estadual da 5ª Conferência de Políticas para as Mulheres. O evento reforça a importância de políticas públicas interseccionais e inclusivas, comprometidas com a representatividade, a justiça social e a equidade de direitos.

SERVINDO DE BOMBEIRO

O líder do governo na Assembleia Legislativa, Chico Mendes (PSB), vem funcionando como bombeiro nas rusgas entre o presidente da ALPB, Adriano Galdino (Republicanos), e o deputado federal Gervásio Maia (PSB). “São divergências pontuais, nada que não possa ser superado”, minimiza. Galdino fez críticas públicas a Gervásio durante audiência do Orçamento Democrático em Riacho dos Cavalos, quinta-feira (10).

DANOS MORAIS COLETIVOS

A Terceira Câmara Especializada Cível do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) deu provimento, nesta semana, a um recurso do Ministério Público Estadual (MPPB) para condenar o município de Fagundes ao pagamento de R\$ 30 mil por danos morais coletivos, em razão de irregularidades no transporte escolar. A decisão foi proferida no âmbito de uma Ação Civil Pública, que já havia obtido decisão favorável em primeira instância.

Foto: Roberto Guedes



Thiago Nery

Veterinário e chefe da Divisão de Zoológico da Bica

“Temos parcerias com zoológicos e mantenedores de fauna do país inteiro”

Em entrevista, gestor detalha o cuidado com os animais, os desafios da reabilitação e a conservação de espécies em risco

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Localizado em uma área privilegiada de Mata Atlântica em João Pessoa, o Parque Zoobotânico Arruda Câmara — mais conhecido como a Bica — é muito mais do que um espaço de lazer e contemplação. Ele se tornou referência regional em cuidado animal, educação ambiental e reabilitação de espécies vítimas de maus-tratos ou do tráfico ilegal de fauna silvestre. Todos os dias, uma engrenagem silenciosa, formada por biólogos, zootecnistas, veterinários, ecólogos e cuidadores, garante não só o bem-estar de cerca de 360 animais, mas também promove ações de sensibilização do público e participa ativamente de projetos de conservação em todo o país.

A organização do parque é pensada nos mínimos detalhes: desde a preparação das bandejas de alimentação, com dietas individualizadas, até os ambientes enriquecidos com elementos que estimulam o comportamento natural de cada espécie. Tudo é planejado de forma integrada, com foco na saúde dos animais e na educação de quem os visita. Nesta entrevista exclusiva ao Jornal **A União**, o veterinário e chefe da Divisão de Zoológico do parque, Thiago Nery, detalha os bastidores do cuidado com os animais, os desafios da reabilitação, os esforços de conservação de espécies em risco, as parcerias com instituições nacionais e o novo papel dos zoológicos no século 21: o de formar cidadãos mais conscientes e conectados com a natureza. Confira:

A entrevista

■ Como é feito o cuidado diário com os animais da Bica?

O cuidado é contínuo e bem organizado. Temos duas equipes de tratadores, ou cuidadores de animais, que se revezam. Na segunda-feira, todos os funcionários estão presentes, porque é o dia que usamos para alinhar ideias e fazer manutenções maiores. Durante a semana, na terça-feira e quarta-feira é uma equipe, na quinta-feira e sexta-feira é outra. Elas se alternam semanalmente. A cozinha do zoológico também funciona em escala, com três funcionários que se revezam no preparo das bandejas, corte de carnes e separação das rações. O parque funciona de domingo a domingo, então não pode parar.

■ E a dieta dos animais, como é planejada?

A dieta dos animais é feita por dois zootecnistas. Ela é individualizada, como exige o Ibama [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis]. Cada animal tem sua bandeja personalizada. Colocamos a bandeja no recinto e depois verificamos as sobras. Se um animal que se alimenta bem deixa restos, pode ser um alerta para a equipe veterinária. É mais fácil identificar mudanças pelo que sobra do que observando 10 animais ao mesmo tempo. Também temos biólogos e ecólogos responsáveis pelo manejo e bem-estar dos animais, assim como pela ambientação dos recintos. Tudo que tem ali, como puleiros e brinquedos, é pensado para estimular comportamentos naturais.

■ Quantos animais vivem, hoje, na Bica?

Aproximadamente 360. Esse número varia bastante, principalmente por causa das aves migratórias. Temos um recinto, logo na entrada, com patos, marrecos, paturis. Em certos períodos, você vê 30 aves; em outros, apenas cinco, porque elas migram. Essas aves têm livre acesso para entrar e sair do parque. É um alerta enorme para a equipe veterinária, por ter o risco de trazer doença, mas também é um dado importante, pois indica que as aves percebem a Bica como um local de abrigo, um local de segurança, de alimentação, então elas vêm também confiando nisso.

■ Como surgem as ideias das ações temáticas, como a decoração de São João para os animais?

Essas ações fazem parte do que chamamos de enriquecimento ambiental: para o visitante, é algo lúdico, divertido; para o animal, é um estímulo. Por exemplo, esconder comida dentro de um balão é uma forma de dificultar o acesso à alimentação, o que é positivo. Ele não está vendo um balão, está vendo um local onde a comida dele está escondida. Então, em vez de ele pegar a comida lá no prato, fácil, cortada, ele vai ter uma dificuldade. E essa dificuldade é positiva. A gente vê essa dificuldade aumentando as taxas de bem-estar do animal. Além das datas folclóricas, as datas que a gente já tem, como São João, Natal, Páscoa, etc., há outras vindas do calendário da Associação de Zoológicos e Aquários do Brasil (Azab), da qual fazemos parte. Então, por exemplo, no Dia da

Onça-Parda, tem uma ação para a onça-parda. Tem o Dia do Meio Ambiente, o Dia da Água... Tem vários dias que são temáticos dentro do universo de zoológicos, do universo de aquários, do universo de conservação. Então, para esses dias, a gente realiza também uma série de ações, reforçando a educação ambiental. Assim, conseguimos unir educação ambiental, conservação e encantamento do público.

■ E agora que vêm as férias escolares, o que está sendo planejado para o período?

Já temos a programação definida e deve ser divulgada nesta semana, no nosso Instagram (@parquedabica). As atividades acontecem pela manhã e à tarde. Algumas são voltadas para o público infantil, como oficinas de pintura. Outras, como o “passarinho”, atraem mais adolescentes e adultos, pois envolvem a observação e fotografia de aves. A gente percebe que, no fim das contas, os pais também aproveitam bastante. Algumas atividades têm vagas limitadas para não estressar os animais. Por isso, é bom ficar de olho nas nossas redes sociais e chegar cedo — ou agendar previamente, dependendo da dinâmica de cada ação.

■ Como é trabalhada a sensibilização do público em relação ao cuidado com os animais?

Nosso lema é “Conhecer para preservar”. Quanto mais a pessoa conhece, mais empatia desenvolve. Muitas vezes, crianças chegam gritando, mas, ao verem o impacto do barulho no animal, elas mesmas pedem silêncio aos adultos. Quando temos oficinas com interação direta com animais, o resultado é impressionante. Já vi adultos mudarem completamente sua visão sobre serpentes após verem o próprio filho tocando uma jiboia. Aquele animal, vítima de maus-tratos, acaba educando o público e salvando outros indivíduos de sua espécie.

■ A Bica também atua na reabilitação de animais vítimas de tráfico e maus-tratos. Como funciona esse processo?

Trabalhamos em parceria com o Cetas [Centro de Triagem de Animais Silvestres], do Ibama. Eles fazem a triagem inicial e nos encaminham os animais com necessidade de reabilitação ou que não podem mais ser soltos. Temos recintos específicos para isso, fora da vista do público, onde os animais são preparados para retornar à natureza. A reabilitação dura o tempo do animal; pode durar um mês ou seis, depende de cada um. Ensinaamos a caçar, bus-

car abrigo, proteger-se. Só soltamos quando o animal está pronto e o ambiente de destino também é adequado. Alguns também são enviados para centros de pesquisa, reprodução ou conservação. O foco é sempre a espécie, não apenas o indivíduo.

■ Há uma articulação entre zoológicos do Brasil para transferência de animais?

Sim, temos parcerias com zoológicos e mantenedores de fauna do país inteiro, além da Azab. Por exemplo, nosso tamanduá-bandeira veio de um zoológico em Minas Gerais que fechou. Lá, ele sofria com o clima seco do Cerrado. Aqui, na Mata Atlântica, com mais umidade, sua córnea voltou a lubrificar normalmente. Às vezes, os animais vêm para formar casal; outras vezes, porque temos um especialista na espécie. Também enviamos animais para instituições com melhores condições para determinadas espécies.

■ Existe alguma espécie mais fácil de reabilitar?

Os primatas, pela afinidade filogenética. Somos primatas também, então conseguimos entender melhor suas necessidades. Já os tamanduás, por exemplo, exigem simulações específicas, como cupinzeiros artificiais. Só existe uma fábrica no Brasil que produz ração própria para tamanduá. Se ele não aceitar, temos que oferecer cupim mesmo. Felizmente, estamos dentro da Mata Atlântica e encontramos cupins com facilidade. E isso ajuda, inclusive, na reabilitação para soltura, já que ele vai precisar caçar cupins na natureza.

■ Como funciona a parceria com órgãos como Ibama, Sudema e Polícia Ambiental?

Todos os animais que recebemos vêm por meio desses órgãos. A pessoa física não pode chegar aqui com um papagaio, por exemplo, e querer doar. Isso é ilegal. Apenas o Ibama, Sudema, Polícia Ambiental e Guardas Ambientais podem fazer esses resgates e nos encaminhar. Avaliamos se temos estrutura para receber e garantir bem-estar ao animal. É uma rede de cooperação para dar uma melhor destinação para aquele animal e sempre por meio de órgãos competentes.

■ Há ainda o hábito de criar papagaio, arara, tucano em casa. Isso é permitido?

Animais da fauna brasileira pertencem à União. Ter um desses animais, em casa, sem autorização é ilegal, passível de multa e processo por maus-tratos. Mas existe um mercado legalizado. O Ibama autoriza criadouros

comerciais e o consumidor pode comprar de forma legal, com nota fiscal e documentação. Ainda assim, se o tutor não cuidar direito, pode responder por crime ambiental. Ter um animal exige conhecimento das suas necessidades básicas.

■ Quais são os animais mais populares da Bica e os mais ameaçados?

Os grandes felinos, como leões e onças, chamam a atenção dos adultos. As crianças se encantam com os macacos, que são ativos e barulhentos. Temos o macaco-galego, uma espécie que ocorre na Paraíba e está criticamente ameaçada de extinção, com cerca de 1.500 indivíduos no mundo, metade em cativeiro. Além dele, temos a arara-azul, onça-pintada, jaguatirica e gatos-do-mato, todos com *status* de ameaça. Por isso, participamos de programas de conservação, coleta de sêmen e pareamento de indivíduos para manter essas espécies.

■ Como vocês reproduzem os ambientes naturais dos animais?

Seguimos uma instrução normativa do Ibama (IN 07/2015) que define o tamanho e as características mínimas dos recintos. Além disso, usamos o enriquecimento ambiental para aproximar o espaço do habitat natural. Um animal da Caatinga, por exemplo, vai ter cactos no recinto; um da Mata Atlântica, vegetação mais densa. Isso melhora a qualidade de vida do animal e educa o visitante sobre o ambiente de origem da espécie.

■ E sobre campanhas de conscientização, o que tem sido feito?

Participamos de campanhas nacionais. Já tivemos campanhas do lobo-guará, da anta, do jabuti. Neste ano, a campanha é “Jacaré de Boa na Lagoa”. A mensagem é: se encontrar um jacaré, não o perturbe, em vez disso, acione a Polícia Ambiental ou o Corpo de Bombeiros. A gente tem o privilégio de estar inserido na Mata Atlântica, por isso o encontro com esses animais é possível. Mas eles merecem respeito e proteção.

■ Por fim, o que você destacaria sobre o papel atual dos zoológicos?

Estamos vivendo uma transformação. Antigamente, o zoológico era visto apenas como entretenimento. Hoje, é uma sala de aula a céu aberto. É uma chance de garantir que futuras gerações conheçam esses animais, pois o risco de não vê-los na natureza é real. As pessoas vêm hoje para contemplar, aprender, respeitar. Até o comportamento do público está mudando: menos gritos, menos batidas nos vidros. Isso é resultado de educação ambiental contínua.

CICLISMO

Grupos de pedal crescem na capital

Em busca de saúde, economia e segurança, coletivos de bikes promovem integração em viagens de até 440 Km

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Devido aos aumentos sucessivos nos preços dos combustíveis, ao desejo de incluir uma atividade física na rotina ou mesmo à crescente consciência ambiental, o ciclismo vem ganhando destaque no Brasil. Na Paraíba, essa realidade não é diferente, o crescimento comercial no setor de *bikes* confirma essa tendência ascendente.

Segundo a Pesquisa Anual de Comércio Varejista, realizada pela Associação Brasileira do Setor de Bicicletas (Aliança Bike), 48% dos lojistas entrevistados relataram aumento no faturamento de 2023 para 2024 — um crescimento de 26,1% em relação à percepção registrada de 2022 para 2023. Durante a pandemia, o setor teve alta expressiva e, embora hoje esteja estabilizado, os números seguem elevados.

A comercialização de *bikes* completas continua liderando o faturamento das lojas especializadas, representando 44% da receita média, seguida pelos serviços de mecânica e revisão (23%). Em relação às perspectivas para este ano, mais da metade dos empresários acredita que o desempenho de seus estabelecimentos será ainda melhor em 2025. O aumento da malha cicloviária nas cidades também impulsiona o uso desse meio de transporte. João Pessoa, por exemplo, destaca-se como a 12ª capital com maior proporção de infraestrutura ciclável por habitante, com 12,59 km para cada 100 mil moradores. Segundo a Semob-JP, a capital possui 121,8 km de ciclovias e ciclofaixas, localizadas principalmente na orla marítima.

Equipes de cicleteiros

Com o aumento no número de ciclistas na cidade, surgiram também alguns desafios, especialmente, relacionados à segurança. Pedalar sozinho passou a representar riscos, tanto pela possibilidade de assaltos quanto pelo convívio com veículos de maior porte no trânsito. Os grupos de pedal, portanto, surgiram como uma alternativa para esses problemas, tendo em vista que pedalar em conjunto proporciona maior proteção para

os integrantes desses coletivos.

O professor Rodrigo Leite, ciclista e um dos fundadores do grupo de pedal Teachers Bike, conta que a iniciativa começou com cerca de 10 participantes. Com o crescimento constante, foi necessário criar dois grupos no WhatsApp para comportar todos os integrantes, já que um só não era suficiente. “Hoje, temos mais de 400 ciclistas ativos, sendo que cerca de 120 a 130 pedalam com regularidade”, afirmou. Segundo o professor, pedalar em grupos grandes contribui para a segurança dos ciclistas, tanto por garantir maior visibilidade e respeito por parte dos motoristas, quanto por inibir assaltos e furtos de bicicletas.

Formado inicialmente por professores, o grupo de ciclismo Teachers Bike realiza passeios em dias e horários definidos, voltados para ciclistas de diferentes níveis. “Começamos com alguns professores, alunos e amigos pedalando nos fins de semana, e o grupo foi crescendo aos poucos. Atualmente, temos pedais regulares, com ritmos variados para atender a todos os integrantes”, ex-

plica o professor Rodrigo Leite, um dos fundadores da equipe.

Hoje, as equipes de ciclistas estão cada vez mais organizadas. No grupo de Rodrigo, os pedais acontecem de segunda a sexta-feira e aos domingos, com categorias que variam conforme o nível de condicionamento dos participantes: iniciante (15 a 18 km/h), iniciante II (19 a 25 km/h), transição (22 a 28 km/h), intermediário (25 a 35 km/h) e “insano” (a partir de 28 km/h). Além dos encontros regulares, a equipe promove, mensalmente, um pedal diferenciado, com trajetos mais longos. “Temos eventos durante o ano inteiro. A cada mês lançamos um desafio, e quase todo fim de semana tem um pedal especial”, contou o professor. Entre os destinos já percorridos pelo grupo estão Patos, Caruaru, Porto de Galinhas, Cabaceiras, Recife e Natal. Em julho, a meta é chegar a Mossoró, em um percurso de 440 km.

Rodrigo resalta que João Pessoa abriga diversos grupos de ciclismo com características distintas. Alguns focam exclusivamente em bicicletas do tipo

speed, desenvolvidas para alta velocidade em estradas; outros preferem o *mountain bike*, com foco em trilhas e terrenos irregulares.

Outro coletivo de ciclistas existente na capital é o grupo Pedal de Jaguaribe, equipe da qual o médico veterinário Glenison Dias é integrante. Ele conta que começou a pedalar por incentivo de um amigo, “Comecei [pedalando] sozinho, mas um dia aceitei o convite e fui ao pedal de iniciantes, que acontece às terças. Depois, fui melhorando o condicionamento e passei a participar do grupo de quinta-feira, que é mais avançado. Aos domingos, fazemos um pedal mais longo”, relatou.

De acordo com uma pesquisa da Aliança Bike, grande parte das lojas de bicicletas apoia grupos de pedal de alguma forma: 43% por meio da divulgação, 36% com doações de materiais ou produtos e 33% organizando diretamente os passeios. Essas equipes funcionam como importantes canais de divulgação, ficando atrás apenas das plataformas *on-line*.

Luciano Araújo, também

fundador do Pedal de Jaguaribe, conta que o grupo surgiu durante a pandemia, em 2020, quando amigos se reuniam para pedalar pela cidade. O que era um passatempo despretensioso transformou-se em um grupo estruturado. “Hoje temos ciclistas de vários perfis, de adolescentes a idosos, homens e mulheres de todas as idades”, destacou.

André Nascimento, mais conhecido como Pirulito, é um ativista do ciclismo e um dos fundadores do Pedal Jampa, grupo que existe há quase 20 anos. “Fui convidado para pedalar com um pessoal à noite, em 2007. Já usava a *bike* como meio de transporte. Em uma terça-feira, saímos em três pessoas e chegamos ao Posto 99, onde já havia 35 ciclistas. Conversamos e seguimos pelas

ruas de João Pessoa até o bus-to de Tamandaré e, depois, até a Penha”, recorda. A procura foi tão grande que o grupo acabou se dividindo, dando origem a várias outras equipes nos bairros da capital.

Para participar de um grupo de pedal não é necessário pagar nenhuma taxa. Basta comparecer no dia e horário combinados, seguindo as regras estabelecidas. Damião Toscano, integrante do Pedal Zona Sul — um dos maiores grupos da cidade — explica: “É só pegar a *bike* e ir. Não há cobrança, mas é essencial respeitar o grupo, seguir as orientações do guia e, principalmente, usar todos os equipamentos de proteção individual, como capacete, lanternas e câmara de ar reserva”, alertou.

Saiba Mais

Ciclismo e Código de Trânsito Brasileiro (CTB)

Para o CTB, bicicleta é um “veículo de propulsão humana, dotado de duas rodas, não sendo, para efeito deste Código, similar à motocicleta, motoneta e ciclomotor”. Para o veículo, há algumas normas específicas:

- Ciclistas têm prioridade sobre veículos motorizados em relação ao uso de ciclovias e ciclofaixas;
- Os ciclistas devem circular no mesmo sentido dos carros. Quando não houver, devem usar a borda direita da pista;
- É fundamental respeitar a sinalização de trânsito, manter uma distância segura dos demais veículos e alertar sobre mudanças de direção e curvas;
- É obrigação do ciclista a utilização de equipamentos de proteção individual, como capacetes, campainha, sinalização noturna, entre outros;
- É proibido pedalar em calçadas e em vias de trânsito rápida.

Ciclovias e ciclofaixa, existe diferença?

Ciclovias e ciclofaixas são diferentes, principalmente, pela infraestrutura. Ciclovias oferecem um espaço exclusivo, segregado do tráfego motorizado, ao passo que ciclofaixas são faixas sinalizadas na pista ou calçada, compartilhadas com outros meios de transporte.



Representando 44% da receita média, a venda de bicicletas completas lidera o faturamento das lojas especializadas, seguida pelos serviços de revisão e mecânica



Em João Pessoa, existem diversos grupos de pedal. O Teachers Bike e Pedal de Jaguaribe são dois exemplos de coletivos que ampliaram o número de integrantes



Foto: Luciano Araújo/Arquivo pessoal

■ Para participar não precisa pagar, é necessário apenas disposição

NEURODIVERGENTE

Os desafios de ter altas habilidades

Longe dos estereótipos da ficção, crianças e adultos atípicos enfrentam frustrações, invisibilidade e falta de estímulo

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Uma pessoa que tem conhecimento sobre tudo, consegue resolver problemas complexos em um piscar de olhos, entrou na faculdade aos 13, tornou-se doutor aos 18. É assim que os superdotados costumam ser retratados no cinema e televisão, como uma espécie de super-herói da inteligência. Na vida real não é bem assim que a superdotação funciona, e a falta de conhecimento, muitas vezes, leva à demora para identificar essa condição. Recentemente o humorista Whindersson Nunes revelou ser superdotado, algo que só descobriu recentemente. O mesmo ocorreu com a atriz Fabiana Karla, que a princípio havia sido diagnosticada equivocadamente com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

A psicóloga Vitória Peres Cherfên, coordenadora do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação da Paraíba (Naahs-PB) atribui a identificação tardia à falta de conhecimento adequado sobre a condição, que pode levar muitas famílias e escolas a não identificar comportamentos de superdotação por terem como parâmetro os estereótipos sustentados socialmente. “Algumas dessas rotulações são equivocadas, a exemplo do alto rendimento escolar em todos os casos, o comportamento exemplar, o desenvolvimento rápido em todas as áreas do conhecimento, entre outras”, disse.

Ela define altas habilidades/superdotação (AH/SD) como uma condição do desenvolvimento que se caracteriza pelo potencial elevado, aliado à habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e a criatividade, em uma ou mais áreas do conhecimento.

Sobre a confusão ocorrida com a atriz Fabiana Karla, a psicóloga ressaltou que, apesar de serem condições distintas, é relativamente frequente que familiares e profissionais, ao perceberem comportamentos atípicos em seus filhos ou estudantes, confundam as altas habilidades/superdotação com outras condições do desenvolvimento, sobretudo se não conhecem mais profundamente o que diferencia cada quadro.

A especialista explica que “a falsa percepção pode ser provocada pela observação de comportamentos do estudante, como a atenção concentrada em tópicos de interesse, causando aparente desatenção a outros

temas; a alta intensidade e agitação provenientes da automotivação; a dificuldade em seguir normas que não façam sentido para si, entre outros indicadores”. Dessa forma, é fundamental buscar orientações com profissionais especializados.

Como identificar AH/SD

Vitória esclarece que existem dois tipos de identificação para a condição: a clínica e a pedagógica. A clínica pode ser conduzida por profissionais da Psicologia ou Neuropsicologia, que, geralmente, utilizam instrumentos psicométricos para inferir o nível de inteligência, e outros processos psicológicos combinados que confirmem o quadro. “Apesar de ser uma identificação relevante, que levanta informações importantes sobre a pessoa avaliada, especialmente em nível acadêmico, com habilidades na área linguística ou lógico-matemática, os testes psicométricos são restritos com relação à visualização de destaque nas diversas áreas de interesses e habilidades”.

A identificação pedagógica, por sua vez, apresenta um cenário mais favorável de observação sistêmica, em diversas áreas de interesses e habilidades, sendo indicada pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Naahs-PB, de todos os estados, como modalidade prioritária de identificação. “Ela pode ser conduzida por equipes escolares capacitadas pelo Naahs-PB, com vistas à observação dos comportamentos característicos das Altas Habilidades/Superdotação, combinada a outros recursos fornecidos pelo Núcleo, como a aplicação de materiais pedagógicos. Para este fluxo, na Paraíba, a indicação é que a escola ou família contate o Núcleo pelo e-mail naahspb@gmail.com para encaminhamento da situação.

Identificação tardia

Um exemplo de identificação tardia de AH/SD é o de Leandro Moreira, que só teve a confirmação do quadro aos 53 anos. No caso dele, a demora deveu-se, em parte, a uma relutância que ele mesmo tinha em procurar assistência profissional. “Sempre resisti muito à ideia de ser AH/SD. Embora tenha recebido a orientação para procurar uma avaliação, em distintos momentos da vida adulta, demorei quase uma década amadurecendo a ideia de buscar um atendimento especializado”, contou.

Para Leandro, muitas vezes, as pessoas não entendem que



A psicóloga Victória Peres Cherfên desenvolve, no Naahs-PB, estudos e acompanhamentos a respeito de pessoas com AH/SD



Embora tenha recebido a orientação para procurar uma avaliação, demorei quase uma década amadurecendo a ideia

Lenandro Moreira

a superdotação não traz apenas vantagens. “Ser AH/SD é uma condição de neurodivergência. O que ocorre é que, em um modelo comparativo e, talvez, equivocado, quem é neurotípico tende a visualizar apenas os aspectos positivos, porém, invariavelmente, as pessoas esquecem que, como em qualquer outra condição, há um funcionamento diferente, que traz consigo uma carga proporcional de dificuldades e questionamentos que, de modo geral, não são percebidos”, avaliou.

O entrevistado pontuou ain-

da que essa neurodivergência provoca uma sensação de deslocamento, dificuldade de se integrar socialmente, contudo afirma ter ficado satisfeito com a decisão de fazer a avaliação para confirmar suas altas habilidades. “Em uma palavra, foi libertador. Muitas situações passaram a ter outro sentido e permitiram-me começar a ressignificar vários episódios que enfrentei ao longo dos anos”, afirmou.

Com diversas áreas de interesse, Leandro não conseguiu escolher uma profissão só. “Tenho formação na área da Saúde e na área de Finanças, pós-graduação em Acupuntura, Administração e Direito e fiz um mestrado em Psicanálise. Já trabalhei em inúmeras instituições, no mercado financeiro, como autônomo; fui professor universitário, concursado do INSS, do MPU, do Ministério da Ciência e Tecnologia, da ANAC, do Tribunal de Contas. Enfim, talvez para a maioria das pessoas isto seja um problema, para mim, foi uma necessidade de dar vazão aos meus projetos pessoais e profissionais”, explicou.

Essa questão de vários projetos, várias áreas de interesse, formações, profissões, tudo acontecendo em paralelo, de forma não linear, mas se intercomunicando, segundo Leandro, talvez seja a característica que mais causa desconforto social. “Uma grande dificuldade que percebo é que um funcionamento matricial causa muito estranhamento em uma sociedade que ainda resiste a aceitar a complexidade da condição neurodivergente”, completou.

Infância

A fisioterapeuta Renaly Rocha descobriu que seu filho Gabriel, hoje com oito anos, possuía Altas Habilidades/Superdotação quando ele tinha apenas três. Ela conta que percebeu algo diferente ao vê-lo ler uma palavra escrita em uma caixa. Para confirmar, começou a escrever outras palavras em um papel — e ele leu todas corretamente. “A gente descobriu que ele sabia ler, na metade do ano de 2020, durante a pandemia”, lembrou.

Em pouco tempo, ele começou também a escrever e, surpresa, Renaly tentava pesquisar na internet o que poderia estar acontecendo com o filho. “Eu pensei em altas habilidades

porque ele, de repente, começou a saber todas as bandeiras dos países, saber os planetas, as galáxias, as constelações. Começou a ter interesse nesse tipo de assunto. Pesquisando, encontramos o Naahs-PB, entrei em contato com o núcleo, contei a história de Gabriel e nos chamaram para uma avaliação. Após vários encontros, foi dado o parecer que meu filho possuía altas habilidades/superdotação”.

Renaly Rocha lembra que, após a descoberta das Altas Habilidades/Superdotação do filho Gabriel, os desafios começaram a surgir. “As escolas não estão preparadas para lidar com crianças com altas habilidades. Há preparo para crianças com autismo, com déficit de aprendizagem, mas não para aquelas com altas habilidades”, avaliou.

Segundo ela, o principal problema é que essas crianças costumam ser vistas apenas como alunos que se desenvolvem bem — por aprenderem com facilidade e tirarem boas notas —, mas não recebem estímulos adequados. “Gabriel tinha uma sede insaciável por tarefas, por aprendizado. Assistia a muitos vídeos sobre política, história do mundo e sempre pedia tarefinhas da escola”, relatou.

Aos cinco anos, ele já se queixava de que não havia mais nada para aprender na Educação Infantil. Diante disso, em comum acordo com a escola, foi adiantado para o primeiro ano. “Agora ele está com oito anos e segue um ano adiantado. Tem um desempenho acadêmico excelente. Continua apaixonado por história e política. Ele se interessa não só em jogar futebol, mas em conhecer a história do esporte e dos times — não só do Brasil, mas do mundo inteiro”, contou Renaly.

A mãe relata que, muitas vezes, Gabriel permaneceu em uma zona de conforto. “Neste ano, percebemos isso com mais clareza. No início do ano, os conteúdos trabalhados eram assuntos que ele já dominava. Em alguns momentos, a própria professora o colocou para dar aula, e o professor de inglês também — ele fala inglês e aprendeu sozinho”, destacou. Apesar disso, Renaly lamenta que poucos professores se envolvam de fato. “A maioria apenas segue o fluxo, observa as boas notas e não se preocupa em oferecer algo além à criança”.

Outro desafio enfrentado por

crianças com altas habilidades, segundo a mãe, é a intensidade emocional. “Os sentimentos, às vezes, são mais exacerbados do que em uma criança neurotípica. Quando está triste, é o típico caso de fazer tempestade em copo d’água. Ele se frustra com facilidade e, quando isso acontece, é uma avalanche de sentimentos”, explicou.

Ela recorda um episódio nos jogos internos da escola, no ano anterior, como exemplo dessa sensibilidade. “A turma dele perdeu, todos ficaram tristes, mas ele chorou na escola, chegou em casa e passou mais de uma hora chorando. Ele fica assim quando as coisas não acontecem como espera, quando algo não dá certo — fica remoendo por um bom tempo”, concluiu.

Cuidados

Descobri que meu filho é superdotado, e agora? Vitória Cherfên explicou que, do ponto de vista pedagógico, mesmo quando há uma identificação clínica, a formação da escola é fundamental para dar acesso aos direitos do estudante superdotado, que ao ser identificado é amparado pela Lei da Educação Especial e com isso tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), que deve ser ofertado pela escola num contexto de adaptações curriculares, enriquecimento e suplementação.

A psicóloga também destacou que a condição das altas habilidades/superdotação, por si só, não provoca sintomas colaterais nem ocasiona um transtorno, porém, em certos contextos, a pessoa superdotada pode apresentar dificuldades emocionais, sobretudo se não recebe o apoio necessário para compreender a si mesma e suas relações. “A maior intensidade de características como o pensamento divergente, o perfeccionismo e a tendência à criticidade podem intensificar o sentimento de não pertencimento e, eventualmente, realçar o comportamento ansioso ou depressivo”.

Vitória lembrou que também há casos de “dupla excepcionalidade ou dupla condição”, que ocorre quando as características das AH/SD são identificadas simultaneamente com outra condição ou transtorno que afete o desenvolvimento, aprendizagem ou comportamento. Nesses casos, a psicóloga recomenda buscar orientação de um profissional especializado.



Renaly Rocha descobriu a neurodivergência de Gabriel, seu filho, quando ele tinha três anos

DIREITOS HUMANOS

Iniciativa protege alvos de ameaças

Programa estadual contempla, atualmente, 40 pessoas envolvidas na defesa de causas consideradas sensíveis

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Enquanto lutam pelo território onde vivem, pela liberdade de se expressar livremente e por uma existência digna, entre tantos outros direitos fundamentais, eles também precisam batalhar, muitas vezes, pela própria vida. Esse é o desafio enfrentado, atualmente, por 40 pessoas na Paraíba, que estão sob o acolhimento do Programa Estadual de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos (PepDDH), implementado em 2021, em convênio com o Governo Federal. São lideranças ameaçadas por defender causas sensíveis, como a preservação do meio ambiente, o direito à terra, o combate ao racismo, além da proteção de minorias.

No Brasil, são mais de 1.400 defensores contemplados pelo programa, que, só na última década, registrou um aumento superior a 1.300% nos pedidos de proteção. O que mais chama atenção, entretanto, é a concentração de casos no Nordeste, onde 532 pessoas foram acolhidas após sofrerem ameaças que tentaram — e ainda tentam — silenciar suas vozes. A região lidera o número de protegidos no país, ficando à frente do Norte, com 383 casos, e do Sudeste, com 292. Nesse cenário, a Paraíba aparece na 21ª posição do *ranking* nacional e em sétimo lugar entre os nove estados nordestinos. Dos 40 atendidos por aqui, há 19 casos individuais e dois grupos em proteção coletiva — um com sete pessoas e outro com 14 —, sem contar com dois casos ainda em análise.

Perfis

O que as estatísticas não mostram, porém, é o drama enfrentado por quem ousa desafiar interesses de grupos ou indivíduos que operam dentro e fora do sistema. São pessoas que, ao confrontar práticas abusivas ou defender direitos, acabam expostas a um cenário de vulnerabili-

dade, em que a violência não é apenas física, mas também psíquica e moral. De acordo com Natasha Batusich, gerente operacional de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), responsável pela coordenação do programa no estado, o perfil dos defensores é diverso. Dos 19 casos individuais atendidos na Paraíba, apenas dois não têm relação direta com disputas por terra, moradia ou território: um envolve uma comunicadora e o outro, uma liderança religiosa de matriz africana, ameaçada por intolerância. “Os demais têm, sim, essa relação, seja com a

luta pela reforma agrária ou por moradia, pessoas atingidas por barragem, indígenas — especialmente das etnias Tabajara e Potiguar — e quilombolas”, afirma.

O relatório mais recente do PepDDH confirma esse panorama: seis situações envolvem territórios indígenas, outras seis dizem respeito a conflitos fundiários, duas são de comunidades quilombolas e duas ligadas à luta por moradia. Há ainda um atendimento relacionado a uma comunidade ribeirinha e outro a pessoas atingidas por barragem. Em termos de gênero, 74% dos atendimentos envolvem homens e 26%, mulheres. Já no recorte de raça, 36% são

pessoas pretas; 32%, indígenas; e 32%, pardas.

Além da diversidade de causas, os defensores também estão distribuídos por diferentes regiões do estado, o que evidencia a capilaridade do programa de proteção. Há pessoas protegidas em cidades como João Pessoa, Conde, Pedras de Fogo, Cruz do Espírito Santo, Alhandra, Marcação, Rio Tinto, Itatuba, Natuba, Aroeiras e Belém.

Ameaças

Do lado dos ameaçadores, Natasha confirma que, assim como no resto do Nordeste, na Paraíba, os principais alvos são fazendeiros, empresários e agentes de segurança públi-

ca. Mas a gerente operacional de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos chama atenção para um novo e crescente fator de ameaça: o crime organizado. “Temos notado a presença do crime organizado nos territórios de luta, onde essas comunidades estão inseridas, como um fator ameaçador e, muitas vezes, associado ao conflito”, explica. A reação do crime organizado à mobilização das comunidades tem sido ocupar territórios onde antes não atuava, juntando-se aos fatores de ameaça já existentes.

Ameaça, aqui, é entendida em sentido amplo: vai de agressões, tentativas de homicídio e intimidações até retas-

liações políticas, econômicas ou culturais. Qualquer ação que vise silenciar, deslegitimar ou punir, comprometendo a segurança e a atuação desses defensores, é tratada como violação aos seus direitos.

■ A presença crescente do crime organizado em áreas de luta é mais um desafio para os chamados defensores

Instituições parceiras ajudam a garantir apoio e segurança

Da ameaça velada ao risco iminente, o que acontece quando o confronto de interesses transforma-se em risco real a quem se opõe a uma injustiça? É nesse contexto que o PepDDH entra em cena, com sua rede de apoio e proteção, que inclui uma equipe técnica multidisciplinar, composta por profissionais de Psicologia, Serviço Social e assessoria jurídica. Além disso, segundo Natasha Batusich, o programa atua em rede com instituições parceiras, como a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Defensoria Pública do Estado (DPE), o Ministério Público da Paraíba (MPPB) e as secretarias da Mulher e Diversidade Humana (Semdh) e de Segurança Pública e Defesa Social (Sesds) — sem falar na própria Sedh.

Mas, diferentemente do que se vê no cinema, em que a vítima ameaçada passa a

viver em sigilo, o programa propõe-se a protegê-la em seu próprio território. O objetivo, conforme Natasha, não é afastar a pessoa de sua luta, mas garantir condições para que permaneça nela, com segurança, preservando ao máximo identidade, conexões e atuação. “O programa articula uma rede de proteção que envolve tanto a Sesds quanto o coletivo no qual essa pessoa está inserida, fortalecendo a auto-proteção”, explica. Isso pode incluir desde o fornecimento de equipamentos de segurança até a realização de audiências públicas, como no caso de uma comunidade ameaçada por agentes da segurança. “Organizamos uma audiência, reunindo vários atores, para afirmar que o Estado está presente ali, o que inibe e tira a força dos algozes”.

Outro exemplo envolveu uma liderança indígena em risco iminente de vida, cuja

retirada da aldeia era inviável. “Tirar o cacique é dar tudo o que o algoz quer. Há um vínculo com o território e a ancestralidade que precisa ser respeitado”, frisa Natasha. A solução encontrada foi articular, junto à Sesds, a intensificação das rondas policiais na região. “A gente conseguiu fazer isso e o defensor segue vivo”, pontua. Já em Princesa Isabel, o assassinato de um líder comunitário demandou do PepDDH um trabalho ainda mais amplo. “A comunidade estava em condição de ameaça, porque a existência dela era a questão. O programa tem desenvolvido metodologias e formas de proteção não só para um indivíduo ou família, mas todo um coletivo”, detalha a gerente operacional.

Acolhimento

Quando o risco à integridade física é extremo, há, sim, a possibilidade de apli-

cação de uma medida excepcional: o acolhimento provisório. Nesse caso, a pessoa pode deixar temporariamente o território, com base em uma análise criteriosa de risco. “Mas essa é uma situação de exceção, não a regra do programa”, reforça Natasha.

A porta de entrada é sempre uma situação concreta de ameaça, que chega por denúncia ou encaminhamento. A partir daí, a equipe técnica faz uma escuta inicial, avalia o cenário e elabora a estratégia mais adequada para garantir a proteção do defensor. Cada caso é analisado com base no risco e nas condições daquele território. E, assim como a entrada depende de critérios específicos, a permanência também é avaliada constantemente. Há quem saia do local porque a ameaça diminuiu, o contexto mudou ou, simplesmente, porque escolheu seguir sozinho. Mas também há desligamentos

por descumprimento das regras, informações falsas ou condenações por práticas contrárias aos Direitos Humanos. Segundo Natasha, a proteção, em regra, dura dois anos e pode ser prorrogada, se for necessário.

Organização

Na Paraíba, a execução do PepDDH é feita em parceria com a organização da sociedade civil (OSC) Casa Pequeno Davi, que também é responsável pela execução de outra ação desse tipo no estado, o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte (PPCaam). Além dele, a Paraíba também mantém ativo o Provita, que atende vítimas e testemunhas sob ameaça.

Natasha ainda destaca que o PepDDH mantém uma articulação permanente com os demais estados, o que permite trocas de experiência, alinhamento de práticas e



Foto: Arquivo pessoal

O PepDDH articula uma rede de proteção que envolve tanto a Sesds quanto o coletivo onde a pessoa está inserida

Natasha Batusich

participação em encontros nacionais que fortalecem a execução da política pública.

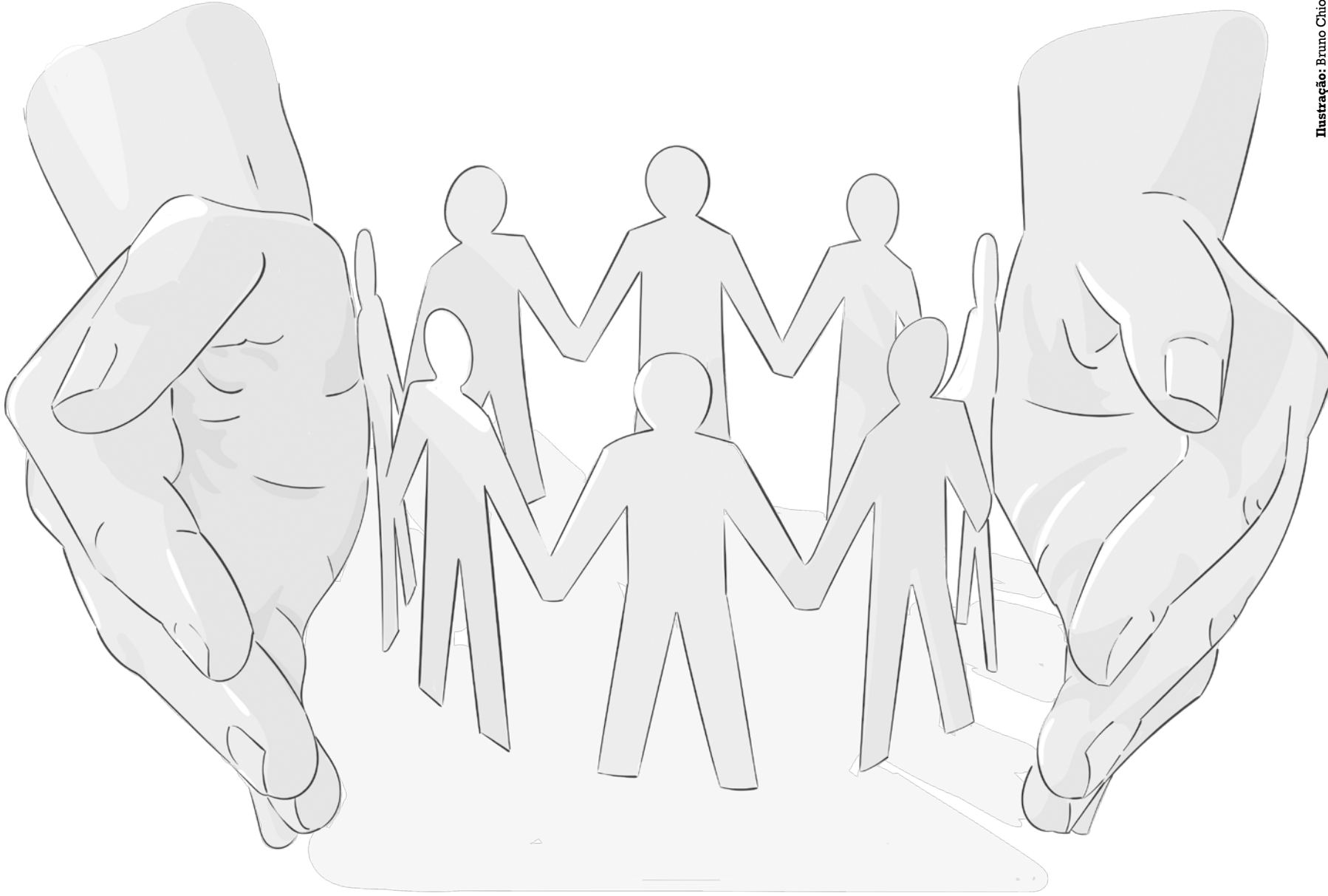


Ilustração: Bruno Chiossi

Os casos atendidos na Paraíba abrangem, por exemplo, intolerância religiosa e disputas territoriais, incluindo povos indígenas e comunidades quilombolas

CAMINHOS DO FRIO

Matinhas abre os braços aos turistas

Sede do festival nesta semana, cidade prepara agenda cultural para receber o equivalente ao triplo de sua população

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

Laranja, café, aventura e artes. Esse é o “puro suco” de identidade local servido gelado pelo povo de Matinhas, de 14 a 20 deste mês. Notabilizado pela produção de tangerina, o município do Brejo paraibano é a parada desta semana da Rota Cultural Caminhos do Frio.

O *city tour* do sábado, 19 de julho, é uma das novidades da programação local em 2025. Marcado para sair às 15h da Igreja Matriz de São Sebastião, o passeio terá um destino final especialmente atrativo para os fãs de café. “Vai acontecer uma demonstração de torra de café numa pousada rural do município. Na verdade, é um projeto da UFPB [Universidade Federal da Paraíba] com o Brejo: o resgate do café na região”, disse Wilker Muniz, secretário de Cultura, Turismo, Esporte e Juventude de Matinhas e proprietário do estabelecimento que sediará a demonstração. A iniciativa será gratuita para os participantes interessados.

A programação do Caminhos do Frio em Matinhas começa, na próxima segunda-feira (14), com a Feirinha de Artesanato e Gastronômica, uma apresentação da Orquestra Sinfônica Flor de Tangerina e uma solenidade sobre o tema geral do circuito neste ano, “Celebrando os Povos Tradicionais”. “Aqui, a gente tem gravuras rupestres à beira do rio. Há destaque também para os ne-

gros, porque não tem como fazer uma rota sem falar dos quilombolas que moram aqui”, lembrou o secretário municipal.

Já na próxima sexta-feira (18), a principal atração musical da noite será o cantor Batista Lima, que foi vocalista da banda de forró Li-mão com Mel por cerca de 20 anos. Além de música e comida, a agenda do próximo domingo (20) inclui o percurso de trilhas ecológicas para seguir de motocicleta. Aos visitantes que preferirem ir a pé, o trajeto será concluído com ativida-

des de rapel na Cachoeira do Pinga. O encerramento do festival cultural será embalado pelo forró, ao pôr do sol, no restaurante de Inácio Camilo.

Expectativa

Boa parte da programação desta semana do Caminhos do Frio ficará concentrada no Parque da Laranja. Com capacidade para até 30 mil pessoas, o espaço também é palco da Festa da Laranja, realizada em outubro. O secretário de Turismo de Matinhas estima que um público de 10 mil

a 15 mil pessoas circulem pelo município para prestigiar a agenda especial.

Isso significa que o número de visitantes da cidade, ao longo dos próximos dias, pode chegar a ser três vezes maior que a própria população do município — 4.735 habitantes, de acordo com as estimativas, para 2024, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo a Prefeitura de Matinhas, a maior parte dos turistas costuma ser de paraibanos, mas também chegam viajantes cearenses, pernambucanos,

potiguaras e até cariocas.

Polo produtor

Distante cerca de 150 km de João Pessoa, Matinhas pode ser considerada o destino ideal para quem estiver precisando de mais vitamina C. Da ornamentação da festa nas ruas aos quartos da única pousada do município, tudo gira em torno das tangerinas.

Nada disso é por acaso. De 1999 a 2005, a cidade foi o maior produtor de laranjas da Paraíba. Isso ocorreu apenas dois anos depois da efetiva instalação do mu-

nicipio, em 1997. Os dados são da Pesquisa Agrícola Municipal (PAM). Atualmente, Matinhas ocupa o quinto lugar desse *ranking* estadual.

■
Entre as atividades previstas, estão shows, trilhas ecológicas e feira de artesanato

Com setor em ascensão, município integrará nova rota regional

Até meados do ano passado, Matinhas não dispunha de um meio de hospedagem para abrigar seus turistas durante a noite. Com 20 leitos distribuídos em quatro chalés, a pousada rural Fulô de Tangerina tenta suprir a necessidade de uma cidade que se lançou como destino turístico há 10 anos. Antes da abertura da pousada, sobravam poucas alternativas aos visitantes — todas menos vantajosas para o turismo local, como passar apenas o dia no lugar.

Os interessados em passear no município procuravam o secretário de Cultura, Turismo, Esporte e Juventude de Matinhas. “Foi a partir dessa necessidade de hospedagem que eu e meu companheiro pensamos em fazer uma pousada rural dentro do nosso sítio. Mas, antes disso, a gente buscou entender como é a coisa. Não foi da noite para o dia”, ressaltou

Wilker Muniz.

Construídos sobre as chamadas “marés de morro”, pequenos conjuntos de colinas, os chalés oferecem uma vista panorâmica da cidade e são ladeados por plantações de banana, café e, obviamente, laranja. Mas apenas a beleza do lugar não é suficiente para vencer um dos principais desafios dos empreendimentos turísticos: a baixa estação.

Na tentativa de atrair turistas interessados, sobretudo, pela história dos municípios brejeiros, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB) criou, em parceria com empreendedores da região, a rota Ciclos do Brejo. O novo roteiro explorará, a partir de outubro, a herança deixada pelos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, do algodão e do café, em nove cidades paraibanas. Na terra das laranjas, um dos atrativos será o quilom-



Foto: Divulgação/Secom-PB

Matinhas está entre as nove localidades dos Ciclos do Brejo

bo Caiana dos Crioulos, que também abrange parte do território de Alagoa Grande.

Para o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, Josenildo Fernandes, a perspectiva promissora para o desenvolvimento do setor na região começou há 19 anos, com o Caminhos do Frio. “Bananeiras era uma cidade esquecida. Areia tam-

bém não tinha o cunho turístico. Aliás, nenhuma das cidades da região. Se não tivesse acontecido essa rota cultural, o Brejo não teria essa visibilidade que tem hoje. Os investimentos vieram a partir do Caminhos do Frio, que foi fundamental para o desenvolvimento turístico e econômico”, avaliou Josenildo, mencionando dois dos ou-

tros nove municípios que integram o circuito.

Com o apoio do Governo do Estado — por meio das secretarias de Cultura (Secult) e de Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde), assim como da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) —, o Caminhos do Frio é uma iniciativa do próprio Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, que conta, ainda, com a colaboração de entidades como o Sebrae-PB e a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio), além das prefeituras das 10 cidades participantes.

Pesquisa

Para analisar quais terão sido os pontos fortes e fracos da edição deste ano do evento, o Observatório de Turismo da Paraíba, vinculado à UFPB, deve retomar sua pesquisa de avaliação sobre as atrações culturais da rota. A informação é do secretário de

Turismo de Matinhas.

Durante o Caminhos do Frio de 2022, por exemplo, “aumentar o investimento na infraestrutura dos destinos turísticos” foi a principal crítica apontada pelos responsáveis do levantamento em Matinhas. O quesito “apresentações das atrações artístico-culturais regionais”, por sua vez, foi eleito o maior ponto positivo do festival. Na edição daquele ano do circuito, o Observatório entrevistou 120 pessoas na cidade.



Por meio do QR Code, acesse a programação completa

Clima

Confira a previsão do tempo para os três primeiros dias do evento em Matinhas:

- Segunda-feira (14): mínima de 20 °C e 50% de chances de chover;
 - Terça-feira (15): mínima de 21 °C e 50% de chances de chover;
 - Quarta-feira (16): mínima de 21 °C e 5% de chances de chover.
- (Previsão sujeita a mudanças conforme as datas se aproximam)
Fonte: Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/INPE)

Calendário

Veja as próximas paradas do Caminhos do Frio em 2025:

- Solânea: de 21 a 27 de julho;
- Serraria: de 28 de julho a 3 de agosto;
- Borborema: de 4 a 10 de agosto;
- Remígio: de 11 a 17 de agosto;
- Bananeiras: de 18 a 24 de agosto;
- Alagoa Grande: de 25 a 31 de agosto;
- Alagoa Nova: de 1º a 7 de setembro.

LITERATURA

Solha reencontra Shakespeare

Escritor aborda o maior clássico do bardo em seu novo livro: “A Angústia de Hamlet Segundo Seu Amigo Horácio, Paraibano”

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Se algum dia em teu peito me abrigaste, priva-te por um tempo da ventura e respira cansado mais um pouco neste mundo tão duro, para a todos contar a minha história”, suplica o moribundo Hamlet, numa das últimas cenas da peça que leva o seu nome, escrita há mais de 400 anos pelo inglês William Shakespeare. Coube a um paulista radicado na Paraíba atender a esse derradeiro pedido e transferir, como autor, o foco da narrativa para um personagem secundário: a releitura *A Angústia de Hamlet, Segundo Seu Amigo Horácio, Paraibano* (Arribachã, 204 páginas, R\$ 60), de W. J. Solha.

O texto que surge agora como obra independente está presente em outro livro de Solha, *História Universal da Angústia*, lançado há 20 anos. Intitulado apenas como “A angústia de Hamlet”, este é o último capítulo de uma série de sete segmentos em que ele adapta narrativas conhecidas da humanidade e seus he-

róis marcados por sofrimentos, como os reis Saul e Édipo.

O escritor dá voz e onisciência a Horácio, personagem que, no original, testemunha os últimos momentos de vida do amigo Hamlet. Nessa nova versão ele torna-se paraibano e tem acesso a elementos do presente extraficcional.

“As coisas não mudaram tanto nesses quatro séculos. A colher de pau da ‘Velha fritando ovos’, de Velázquez, é igualzinha às que ainda há na cozinha de minha casa, e também o cesto suspenso na parede, a jarra de louça, a velha empregada... e os ovos! Certo: Kaiser, agora é marca de cerveja, mas aí estão, ainda, navios nos cais, moinhos da Holanda, o papa em Roma e o *Kongeriget Danmark* — o Reino da Dinamarca — permanecendo no mundo como a fome, estupros, a corrupção, a miséria, a angústia... e a morte, evidentemente”, evoca o Horácio de Solha.

Linaldo Guedes, à frente da Arribachã, foi responsável, junto com Lenilson Oliveira, pela revisão do texto, transposto na íntegra para este projeto independente. “Eu achei uma ideia espetacular, porque se torna um livro curioso, instigante e original.

Num dos principais episódios de Hamlet, estaria um paraibano que seria seu amigo. Algo inusitado que apenas Solha poderia fazer”, sustenta.

Como espécie de apresentação do livro, foi adicionada uma crítica do jornalista mineiro Hugo Almeida, publicada há alguns anos. Foi Almeida, inclusive, quem sugeriu o lançamento isolado.

A Angústia de Hamlet foi dividido e capitulado conforme as indicações de Solha, que lançou outros quatro livros pela Arribachã. “Estamos indo para mais um, o novo livro de poemas dele. Ele é um autor que sempre nos surpreende. Pela sua capacidade, pela sua inventividade, isso tem que ficar registrado”, antecipa Linaldo.

Hamlet em José Américo

Solha recorda que leu Shakespeare, de soslaio, quando já residia na Paraíba, em Pombal, Sertão do estado. Recém-empassado como bancário e sem acesso a bibliotecas ou livrarias, trocou com um colega seus livros de contabilidade por uma vultosa edição da *Bíblia*.

“[Depois] veio a leitura de toda a obra de Platão. E, assim, veio a leitura da *Iliada* e *Odisseia* — e do teatro grego, Freud afirmando, em *A Interpretação dos Sonhos*, que as duas peças mais montadas no mundo sempre foram *Édipo Rei* e *Hamlet* — que eu já conhecia pela versão de Laurence Olivier para o cinema”, rememora.

Impulsionado pela impressão do pai da Psicanálise, foi atrás do texto original em inglês, numa leitura compartilhada com duas traduções em nosso idioma e as análises literárias combinadas de Jan Kott, Harold Bloom e Park Honan. Toda essa di-

gressão foi usada, décadas mais tarde, como fonte para o que escreveu em *A Angústia*.

“Aí aconteceu de participar do elenco do filme *Soledade* (1976, baseado em *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida) e entrever ali algo do *Hamlet*, donde o meu livro *Zé Américo Foi Princeso no Trono da Monarquia*, lançado em 1984”, sustenta.

A deixa para a contar essa história sob nova perspectiva deu-se, justamente, a partir da cena da abertura desse texto: Hamlet, agonizando, dissuade Horácio de cometer suicídio.

“Como me intrigava aquele nome nada nórdico e como Shakespeare chegou a Londres no mesmo ano da fundação da Filipeia de Nossa Senhora das Neves, pensei: ‘Por que Horácio não seria filho de um português traficante de pau-brasil querendo alguém seu em meio a príncipes de várias cortes europeias, interessadas na tintura nacional daqueles soberbos mantos vermelhos?’”, aponta.

A capa do livro inclui uma imagem do ator inglês Derek Jacobi como Hamlet na adap-

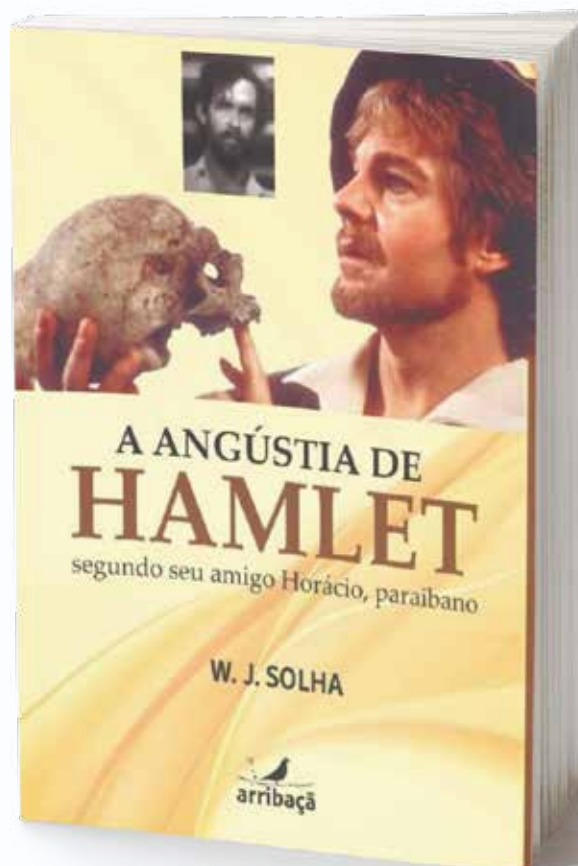
tação televisiva, pela BBC de Londres, em 1978, e uma foto do próprio Solha, jovem, atuando no filme *O Salário da Morte* (1971), de Linduarte Noronha, o primeiro longa paraibano de ficção. Por coincidência, o nome do papel dele era Horácio, mas, sem relação com o tipo shakespeareano.

“Eu quis dar a entender que o Horácio do romance sou eu, escrevendo hoje, com a mesma ‘eternidade’ do Orlando de Virginia Woolf”, justifica.

Questionado sobre a possibilidade de desenvolver outras releituras, paráfrases ou adaptações das peças de Shakespeare, Solha declara que as chances para intenções similares, por parte dele e de outros escritores, são infinitas, dada a extensão da obra daquele que é chamado de “bardo de Avon”.

“Tanto que passei nove meses trabalhando no painel-homenagem a Shakespeare, do auditório da reitoria da Universidade Federal da Paraíba, enorme retângulo composto de 36 telas, cada uma alusiva a uma de suas criações. Ele já rendeu e ainda vai render muito mais”, conclui.

Foto: Divulgação/Arribachã



“Shakespeare já rendeu e vai render muito mais”, diz Solha sobre possíveis futuras releituras da obra do bardo

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

O lado emocional do dinheiro familiar

Damos pouca importância à realidade social do dinheiro, ao contrário de seus aspectos econômicos como a circulação, o poder de compra, a unidade de contabilidade e a reserva de valor. O dinheiro é, antes de tudo, uma criação social, um signo, que pode assumir significados diferentes. É possível a existência do dinheiro sem o mercado. Como também a convivência de múltiplas formas de dinheiro, numa mesma sociedade, exercendo funções diferentes. Antropólogos descobriram, em sociedades arcaicas, um tipo de dinheiro exclusivo para as mulheres e homens; outro que podiam comprar apenas comida ou pagar custos de um casamento. Uma maneira muito incomum de atribuição de valor. A socióloga argentina, Viviane Zelizer, tem um trabalho formidável sobre os significados sociais do dinheiro; meio que pode assumir variados sentidos sociais, usos e limites. Um caso muito curioso é o dinheiro doméstico. Zelizer conta que nos EUA as mulheres só tinham acesso ao dinheiro de acordo com a “boa vontade” de seus maridos. Nas classes médias, por exemplo, os homens concentravam em suas mãos todo o orçamento da casa; compravam as roupas das mulheres e os utensílios do dia a dia, sem que elas tivessem autonomia de escolha. Enquanto as mulheres de classes mais baixas recebiam uma quantia para fazer as compras do lar. Sem acesso direto ao dinheiro, as esposas desenvolveram estratégias enge-

nhasas que iam desde economizar nas compras da casa, conseguir notas superfaturadas nos salões de beleza, a pegar o dinheiro escondido na carteira dos maridos. Tais comportamentos foram alvo de disputas em tribunais. Numa ocasião, um homem processou a sua esposa para reaver o dinheiro que ela economizou com as compras domésticas. Ele saiu vitorioso. O juiz considerou que o dinheiro não pertencia a ela. Nas primeiras décadas do século 20, esse problema passou a ter destaque em revistas e jornais, estimulado pela nascente sociedade de consumo. O papel dos meios de comunicação foi muito importante para ajudar a transformar as visões da época. O *New York Times*, em 1926, fez uma campanha pela adoção de uma mesada para as mulheres, que encontrou forte resistência masculina. Os homens usavam um argumento moral para se opor à introdução de uma mesada, eles diziam que não achavam certo pagar um ordenado para as suas mulheres, porque se assim o fizessem estariam tratando-as como empregadas. O tema repercutiu na imprensa, que defendia que as esposas deveriam ser vistas como companheiras, portanto, como pessoas dignas de compartilharem o orçamento. Na mesma época, na década de 1920, levantaram-se várias vozes críticas à mesada que era encarada como injusta e que precisava dar lugar a uma gestão conjunta e democrática da renda familiar. Essas ideias impulsionaram, aos poucos, uma transformação no mun-

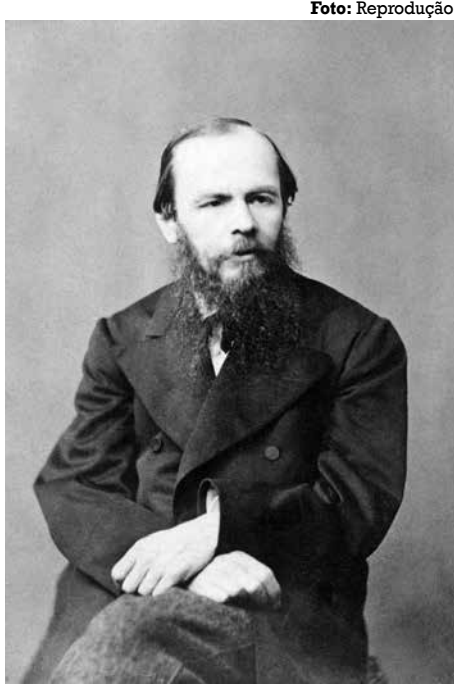
do doméstico, que passaria a ser gerido pelos casais como uma espécie de conselho de administração que, de acordo com as demandas dos membros da família, e as condições materiais do momento, distribuiriam os recursos financeiros. Segundo Zelizer, esse modelo veio a garantir uma “quantia específica para gastos pessoais, garantida a cada membro da família, sendo considerada como um direito orçamentário e não como uma oferta”. Outra coisa que Zelizer enfatiza é que o funcionamento da economia doméstica e o acesso ao dinheiro sofre influência da classe social. Não é à toa que mulheres da classe operária despertavam inveja nas mulheres mais ricas. Isso porque elas recebiam dinheiro de seus maridos para cuidar das despesas da casa. A autonomia das mulheres, portanto, era inversamente proporcional ao rendimento da família. Em outras palavras, quanto maior a renda, menor a liberdade feminina. A situação das mulheres no mundo rural também chama muita atenção. Um estudo de Margaret F. Byington mostrou que os homens confiavam às suas mulheres as questões financeiras, entregando os seus salários para que elas o utilizassem do modo que achassem melhor. A vida das mulheres, no entanto, só mudará substancialmente quando elas passarem a auferir seus próprios rendimentos, com a entrada no mercado de trabalho e a conquista de uma renda própria.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Abismo humano

Todo ser humano possui lembranças que compartilha apenas com alguns amigos. Existem outras que ele não revelaria nem mesmo a esses confidentes, guardando-as apenas para si, em segredo. Mas há também aquelas memórias que ele teme até mesmo admitir a si próprio — esse é o inconfessável, que gera sofrimento. São sentimentos como o apequenamento, o escapismo, a ingratidão e uma consciência fragmentada, com dificuldade de se reconciliar com os outros e consigo mesma. Essa forma de viver constitui um constante conflito entre razão e emoção; desejo e frustração; recusa e aceitação — e revela a falta de um existir com dignidade, fundada na carência emocional, nas falhas existenciais e psíquicas, nas incertezas pessoais e no sentimento de vazio existencial. *Memórias do Subsolo* é um romance publicado em 1864, escrito pelo filósofo russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881). Considerada uma obra precursora do existencialismo e da psicanálise, traz, em sua primeira parte, o monólogo de um homem amargurado que vive em um subterrâneo, sem nome ou vínculos sociais, e que não vê sentido em sua própria existência. O drama marca o surgimento do anti-herói, caracterizado por seu ressentimento doloroso contra os valores racionais e progressistas de sua época. A narrativa está dividida em duas partes. Na primeira, intitulada “O subsolo”, o narrador-personagem apresenta um monólogo que questiona os fundamentos do racionalismo e do determinismo. Para ele, a crença de que o ser humano age sempre de forma racional, buscando seu próprio benefício, é ilusória. Ele afirma: “O homem precisa apenas de um desejo independente, custe o que custar, seja ele bom ou mau. Esse desejo independente, ainda que completamente estúpido, ainda que completamente fora de propósito, ainda que vá contra todos os raciocínios e todas as tabelas, é o que há de mais precioso” (p. 31). Com isso, Dostoiévski antecipa as críticas exis-



Dostoiévski: precursor do existencialismo

tencialistas à ideia de um ser humano plenamente racional e previsível. A consciência do narrador, no entanto, não o liberta — ao contrário, o paralisa. Seu excesso de reflexão impede qualquer ação concreta, mergulhando-o em uma apatia rancorosa. Ele reconhece essa condição ao afirmar: “A consciência é, sem dúvida, uma coisa boa, mas é, ao mesmo tempo, uma desgraça, o que é pior ainda” (p. 18). Essa percepção transforma-se em desprezo tanto pelo mundo exterior quanto por si mesmo. É a recusa da pessoa em se tornar objeto de padrões sociais. Ainda que esse mal-estar a conduza à dor e ao isolamento, também é a expressão de uma subjetividade que não suporta ser reduzida à racionalidade. Na segunda parte da obra, intitulada “A propósito da neve derretida”, o título funciona como metáfora para o sofrimento e a dificuldade de se livrar de situações melindrosas nas quais as pessoas se lançam, seja por vontade própria ou por falta de força decisória. Dostoiévski apresenta — na imagem de um túmulo — a lama, a sujeira e a neve molhada, que é representada pelas contradições das certezas humanas. As intenções do

personagem revelam um homem incapaz de estabelecer vínculos humanos sinceros. Sua relação com a prostituta Liza ilustra de forma pungente esse conflito: embora deseje salvá-la, ele a humilha, traindo não apenas a ela, mas a si mesmo. Após ofendê-la, admite: “Eu não só não sou capaz de me tornar melhor, como sou o primeiro a rir da minha própria tentativa ridícula” (p. 87). Orgulho, desprezo e vergonha se entrelaçam em um ciclo de autossabotagem constante. O personagem representa, nesse sentido, uma crítica à modernidade racionalista e utilitarista. Por meio do protagonista, Dostoiévski questiona as dissociações presentes no ser humano confrontado com o absurdo da existência e sua incapacidade de encontrar sentido em um mundo desencantado. Ele apresenta um doente psicológico, cujas verdades ruíram e para quem nenhuma nova verdade é possível de ser reconstruída. O “Homem do subsolo” é reflexo da condição humana contemporânea: consciente, livre, mas absolutamente dilacerado por sua própria lucidez. Ele não busca consolo ou redenção, nem oferece respostas. Sua existência é um grito abafado no inconsciente — um sintoma do ser humano deste século. Dostoiévski apresenta as inquietações de um indivíduo em crise; por mais que deseje resolver seus próprios males, ele não consegue realizar a felicidade ao seu redor. Esse anti-herói procura, na subjetividade e no individualismo, a única forma possível de suportar seu trágico existencialismo.

Sinta-se convidado à audição do 527º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 13, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, analisarei as peças e a interpretação do violinista israelita Itzhak Perlman (1945).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

O Evangelista direcionado

De vanguarda ao proletariado, do homem do campo ao cidadão cosmopolita, eis o Evangelista. Há muito conheço Francisco Evangelista de Freitas (devo ter alguma parentesco com ele, de quem comecei a admirar frequentando sua casa e sua família, e acreditando que ajudaríamos aí nos 500 anos de história do Brasil mal contados e suas casualidades. Muita coisa mudou no Brasil e no mundo). Nós que gostamos de ler, de trabalhar, de tratar bem os garçons, os transeuntes, do cidadão desconhecido, com quem falamos sobre coisas simples, enquanto muitos não pisam no chão. Chegamos à era inteligência artificial, onde se vê resultados impressionantes, mas nada chega perto da sabedoria que nós, sertanejos, temos para fazer conexão com a “tecnologia” da vida de forma eficaz e revolucionar teoria na linha prática com o que Deus nos deu, a memória e o aprendizado. Caminhar, ler, arranjar uma ocupação, ficar mais junto da família e dos verdadeiros amigos, para manter nossa cabeça a prumo; o encanto que nos é permitido, o gozar a vida pelo que fizemos para merecer. Com Evangelista na luz que nos trouxe de nossos sertões, e das saudades alongadas de nossos pais. Evangelista está escrevendo suas memórias, cidades, colégios, ruas e realizações de um homem que se multiplicou sem nenhum papo furado ou enganação. Olho para ele e já estou perguntando: tudo bem? Como está a família? Geralmente, o encontro com mais ternura, resiliência e paciência. Precisamos ser mais intensos e prudentes para ultrapassarmos o “Caminho de Hebron”. É indissociável nosso amor pelo Brasil, mas um Brasil mais justo, por isso nos identificamos com o Brasil dos homens de boa vontade, onde se serve lições, feijões e aprendizados a multiplicar e aplaudir os jovens que vão chegando, para melhor sermos notados, como justos. Temos que ser justos, temos que ser justos. Muitos acham que ser bom, só bom e bom não é tudo, como já disse, precisamos que justos, para conhecer melhor a nossa história. Chega de promessas! Evangelista vai trará neste livro, sem nenhum artifício intelectual, com toda a simplicidade de um homem que veio para dividir o agora, o aqui e o antes, (ele ajuda muita gente) quando começou a estudar Direito e fez seus cursos e especializações na Espanha e em São Paulo, tendo sido professor, político, cidadão do povo, sem máculas. Gosto dele e da família que ele construiu com Maria Emília – Lourdinha, Junior e Luciana, que o representam Os que conhecem Evangelista, ele tem bons amigos, entendem e percebem qual é a direção, que mantêm um homem na liderança, flecha de seu discurso, tão brasileiro, tão raiz. Não pense que é fácil construir uma amizade, pela exigência no trato com humanidades, porque a cada dia está mais difícil encontrar outros Evangelistas, que nos remetam para os evangelistas que conheceram Jesus, seja pessoalmente ou através de testemunhas oculares, como apóstolos e outros discípulos. É isso, esse nome que ele tem, do jeito ele é, que a gente gosta, já é um agradecimento, a cada momento da compreensão e todos nós ganhamos com isso, a vida de um cara que nunca figurou na lista dos políticos desonestos.

Kapetadas

- 1 – A única coisa que evolui na era digital é a eficiência com a qual nos convencem a sorrir enquanto levam nosso dinheiro.
- 2 – Fim do mundo não me assusta, porque eu já moro em um.



Evangelista e o colunista: “Ternura, resiliência e paciência”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

De parceiro no jornalismo a confrade na APC

Durante algum tempo, em boa parceria, temos convivido o dia a dia em nossa mídia imprensa. Ele, na diversidade do seu notório conhecimento, por vezes abordando os segmentos das artes, enquanto eu revendo as *Coisas de Cinema*. Na realidade, o jornalista André Cananéa tem se mostrado sempre presente, não só através das ondas do rádio, do qual hoje faz parte, mas também no que se refere aos programas de filmes atualmente em cartaz.

André, quando editor do *Correio das Artes*, suplemento mensal do Jornal **A União**, lembro que o busquei para publicação de um texto sobre o cinema paraibano, no que fui prontamente atendido. O texto, em si, representava trabalho introdutório que fiz para a minha dissertação de mestrado na Universidade de Brasília, discutia sobre a questão da Linguagem, a partir da elipse como peça gramatical narrativa no cinema. Sendo na mesma forma de outro tema que André já conheci, e que fora também publicado por ele – “Sortilégio”.

De outra vez, apresentei ao amigo André uma nova proposta a ser vista



André Cananéa, novo membro da APC

e divulgada, essa com relação à Academia Paraibana de Cinema, ainda na gestão da atriz Zezita Matos. Quando foi feita uma correção do número de cadeiras da entidade, que extrapolava as normas acadêmicas vigentes em todo o mundo. A solicitação a André alegava o seguinte: “Acreditamos ser da maior importância a publicação dessa nova lista atualiza-

da de acadêmicos, já que representa a real situação da APC, após a reforma dos estatutos da nossa entidade, no ano passado. Quando foram adequados os reais números de cadeiras, passando de 50 para 40 o número de associados da APC. Entende-se a importância dessa divulgação, pois, só esta semana foi formalizada a mudança em cartório”.

Como fica claro, a participação de André Cananéa na rotina de nossa academia não é apenas de agora, quando foi eleito por uma maioria de votos, sobre os dois mais votados – o prof. José Nilton da Silva e o *videomaker* e fotógrafo Daniel Rosas – para vaga do jornalista Carlos Aranha. Daniel, um ex-aluno meu da UFPB, hoje atuante nas mídias digitais e que acaba de me enviar um amplo portfólio do trabalho que vem realizando no cinema e no audiovisual.

Quanto ao nosso novo parceiro de Academia Paraibana de Cinema (APC) André Cananéa, gostaria de desejar-lhe as boas-vindas – *Para mais Coisas de Cinema, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br.*



APC exhibe documentário sobre Zé Américo

A Academia Paraibana de Cinema, reunida na quinta-feira passada, em sua nova sede de Tambaú, exibiu o filme *José Américo e as Secas*, em uma sessão conduzida pelo prof. João de Lima, presidente da APC.

Após a sessão houve um debate sobre a obra americista com pessoas interessadas, que ali se fizeram presentes.

A sessão foi prestigiada pelo diretor do filme, Renato Alves, ampliando os debates. Para o prof. João de Lima, “foi um encontro rico entre arte, memória e crítica social”.

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

Renato César Carneiro toma posse amanhã

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A Academia Paraibana de Letras (APL) empossa amanhã um novo imortal – o jurista, professor e escritor patoense Renato César Carneiro. Ele ocupará a cadeira 29, que pertenceu ao jornalista e produtor cultural Carlos Aranha, falecido em 2024, e cujo patrono é o folclorista João Rodrigues de Carvalho. A cerimônia será realizada a partir das 18h30, no Auditó-

rio Celso Furtado, situado nas dependências da instituição; esta, por sua vez, está localizada no Centro de João Pessoa. A entrada é franca.

Ex-vendedor de jornais e entusiasta da literatura desde a infância, Carneiro será saudado pelo desembargador Marcos Cavalcanti de Albuquerque. Em abril deste ano, concorreu à vaga com Onaldo Queiroga, também desembargador, Walter Santos, jornalista, e Ana Paula Cavalcanti, escritora. A disputa foi

para o segundo turno. Marcado para maio, no novo pleito Carneiro chegou ao primeiro lugar, com 19 votos.

O imortal que toma posse amanhã tem cerca de 10 livros publicados, todos voltados para a investigação de fatos que marcaram a Paraíba no século 20, como *Cabresto*, *Curral e Peia* – *A História do Voto na Parahyba até 1930* (2009) e *A Bagaceira Eleitoral* – *A História do Voto na Parahyba de 1930 a 1965* (2011). Os últimos lançamentos são *O Crime da Rua da Pedra* – *Realidade e Ficção na História de um Processo Judicial em Patos*, sobre o assassinato da menina Francisca, e *Allyrio Meira Wanderley: o Romancista*, sobre o autor conterrâneo.

Comentando o trabalho realizado nessas duas obras, Carneiro diz que não se considera um bom escritor, mas atesta que o resultado alcançado em ambos os títulos é fruto de seu espírito determinado. “Tive a sorte de, no ano em que completei o centenário do crime da menina Francisca, em

2023, ter localizado dois documentos jurídicos importantes, no Arquivo Judicial do Tribunal de Justiça, em Mangabeira: um *habeas corpus* e o pedido de transferência do júri dos acusados pela morte da menina Francisca”, cita.

Carneiro confidencia que experimentou um período de muita ansiedade entre o primeiro e o segundo turno das eleições da academia, parte deste sentimento alimentada pelo respeito que tem por Walter Santos, que adjetiva como “forte e valoroso”. “[O dia do resultado do pleito] foi um dos mais felizes da minha vida. Representa um reconhecimento do meu esforço, trabalho, dedicação e contribuição que tenho dado às letras paraibanas, ainda que de forma modesta e inicial. Posso contribuir mais e vou fazê-lo”, planeja.

Dentro e fora, da APL, Carneiro pretende dar continuidade à investigação biográfica sobre Meira Wanderley; nessa empreitada ele contará com a ajuda do acadêmico e decano de **A União**, Gonzaga Rodrigues. “Mas o meu projeto imediato é resgatar a vida e obra de José Rodrigues de Carvalho, Padre Manoel Otaviano Moura de Lima, Afonso Pereira da Silva e Carlos Antônio Aranha de Macedo, respectivamente, patrono, fundador e ocupantes dessa cadeira 29”, conclui.

A próxima eleição da APL já está marcada: será para a cadeira 24, vaga desde a morte de Evaldo Gonçalves de Queiroz. A data prevista é 25 de julho e conta com candidatura única: a do escritor Francisco Gil Messias.

Carneiro foi eleito, em maio, para a cadeira que foi do jornalista Carlos Aranha

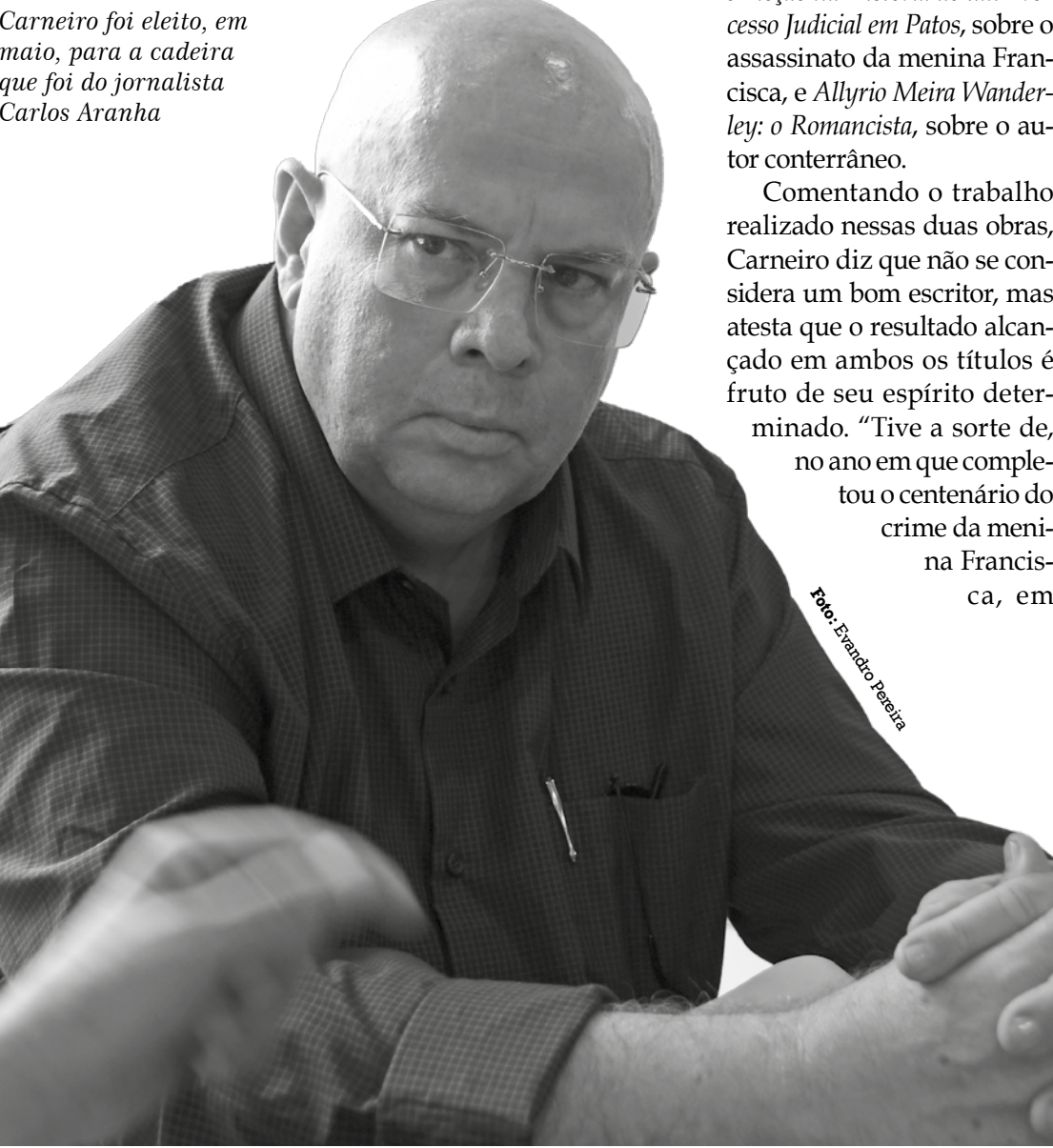


Foto: Renato Pereira

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Autodiagnose

Primeiro foi a coqueluche. Devia ter quatro ou cinco anos. Mamãe me dizia: “Você quase morreu!”. Mas não morri. Hoje sei que morro a toda hora.

Depois me vieram o sarampo, a papeira, a catapora. Esta me deixou, embutido nas vísceras, calado, vivo, agudo, o vírus da herpes zoster, que os simples chamam de cobreiro. Este achou de vir à tona e me atacar, já maduro à beira da velhice.

Minha imunidade baixara com a idade e o *stress* dos dilemas emocionais preparou o terreno para o bicho me levar de vez, com suas garras envenenadas e cruéis. Não foi na barriga nem nas costas. Foi no rosto. Subiu pela cabeça, aproximou-se do nervo cerebral, querendo me matar ou me fazer cego, surdo e mudo. Sofri como o diabo.

Parecia que tinha uma perfuradora dentro do miolo, uma agulha furando as fibras da carne, dos nervos e dos ossos. Tive de me submeter a uma cirurgia. O anestesista sabia das coisas, o cirurgião era competente, a

enfermeira era linda.

Abriam a minha cabeça, removeram um sinal que crescera para dentro, me desconstruíram tecidos, pele, cabelo, na eternidade de 7 horas em que estive fora de mim.

Sei que foi bom esse tempo que não apalpei. Nele não sofri, não vivi, não amei, não tive ilusões nem utopias. Tenho saudade desse tempo neutro, fora da história e, talvez, na esfera do mito. Fiquei bom daquele mal, mas não melhorei. Nunca melhorei. Nunca ficarei bom.

Depois tive Covid, porém, escapei, embora com sequelas sutis e inclassificáveis. Os bons ficaram melhores, os ruins pioraram!

Tive úlcera, tenho gastrite, intolerância à lactose, tendinite no braço direito, bursite, manchas na pele, cansaço no corpo, desespero na alma, unícofagia, transtorno obsessivo, tédio e alucinações.

Sou vítima de síndrome de pânico. Não entro em elevador, não ando de avião, não suporto multidão, escuridão, altura, gato, gente besta.

Ultimamente, dei para vadiar, sozinho, pelas madrugadas, como um lobisomem. Só que inofensivo. Com os anos avançados, venho perdendo certos interesses e declinando de certos pedidos e insinuações. Não tenho dormido bem. A insônia aumenta, os fantasmas do passado não me deixam em paz, os mortos cada vez mais zombam de mim.

Sou presa, quase sempre, de uma estupidez negativa que me leva para o ostracismo do repouso e do recolhimento. Tenho vontade de desaparecer, habitar, para sempre, um lugar que não existe.

Como me aposentei, decidi me dedicar a não fazer nada, a não ser pequenos poemas sem sentido. E, exatamente, ali, nessa clareira de espanto e magia, que me salvo por um minuto.

Gostaria mesmo de dar um tiro no homem que se recusa a ser homem, de afagar, com imagens delicadas e oximoros acesos, a pele do idioma que nada traduz.

Cada vez mais falo menos. Cada vez mais desconheço o apetite do mundo. Cada vez mais sinto a diminuição das coisas. Minha próstata cresceu, o desejo ainda me belisca, a vitalidade se espatifou, virou uma merda que nem fede nem suja. Dói!!



Foto: Reprodução

“Fiquei bom daquele mal, mas não melhorei. Nunca melhorei”

Colunista colaborador



MÚSICA

O legado de Kaplan

Simpósio no Fimus debate, em Campina, a vida e a obra do maestro

Daniel Abath
abathjournalista@gmail.com

A 16ª edição do Festival Internacional de Música de Campina Grande (Fimus) apresenta em sua programação de 2025 uma homenagem inédita. O 1º Simpósio do Fimus, dedicado ao maestro, compositor e pianista argentino José Alberto Kaplan, referência na história musical paraibana, acontece hoje, das 8h às 18h, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com mesas-redondas pela manhã e à tarde, além de um concerto dedicado à obra de Kaplan, às 20h, no Teatro Municipal de Campina Grande, no Centro da cidade.

Participante da terceira mesa-redonda do evento, intitulada “J. A. Kaplan – Compositor e Sujeito Político” (das 14h30 às 16h), o professor e regente Eli-Eri Moura será um dos interlocutores da trajetória de José Alberto Kaplan. “No meu caso, vou abordar um traço bem característico da obra dele, que é a intertextualidade”, explica.

O tema será discutido a partir da análise de três obras: *Sonata para Piano* (1991), *Três Sátiras para Piano* (1979) e o musical *Burgueses ou Meliantes* (1984). A escolha das peças não está relacionada apenas à complexidade das criações, mas também a experiências pessoais do palestrante com o homenageado.

“Kaplan foi meu professor. Eu o considero como um segundo pai, não somente em termos musicais, mas também em termos pessoais. Ele e a esposa, a Márcia, me acolheram quando cheguei sozinho a João Pessoa. Criou-se entre nós uma aproximação muito forte”, relata.

Burgueses ou Meliantes, composto por Kaplan a partir de texto do escritor W. J. Solha, marca um momento de virada na vida profissional de Eli-Eri. Ainda aluno de regência na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Moura foi convidado pelo maestro para substituí-lo temporariamente na condução do coral universitário, durante uma viagem de Kaplan ao exterior. A peça em questão estava em processo de montagem e, com a saída definitiva do maestro para assumir a regência da Orquestra Sinfônica da Paraíba, Moura ficou responsável pelo coral.

“Ele era procurado por estudantes de várias partes do país. Vieram muitos pianistas, compositores e músicos para João Pessoa com o objetivo específico de estudar com Kaplan. Ele foi, sem dúvida, uma das figuras mais influentes da música na Paraíba”, afirma Moura.

Segundo o professor, a projeção do maestro ultrapassa as fronteiras estaduais e alcança o circuito nacional da música de concerto, tanto pela qualidade das composições quanto por sua atuação como educador.

“Eu já compunha antes de conhecê

-lo, mas era autodidata. Um dia, levei para ele cerca de vinte composições que havia feito. Com muita generosidade, ele analisou e me disse: ‘O que não falta aqui é imaginação. Cada peça sua dá para compor outras 20. Mas falta disciplina, treino, um olhar profissional’”, lembra. “A partir disso, passei a ter aulas particulares de composição com ele. Foi quando comecei uma formação sólida nas áreas de harmonia, contraponto, linguagens musicais e regência”.

O simpósio sobre Kaplan marca um esforço institucional de preservação e valorização da memória musical da Paraíba. Desde 1961 no estado, Kaplan desempenhou papéis centrais na formação de músicos e no fortalecimento das estruturas musicais locais. Foi professor da UFPB, onde fundou a Camerata Universitária, regente do Coral Universitário e da Orquestra Sinfônica da Paraíba, além de manter uma produção composicional extensa, com mais de cem obras reconhecidas nacionalmente.

E para além das composições e da atuação como pianista e regente, Kaplan deixou um legado multifacetado, enquanto pensador da música e sujeito politicamente ativo. “A mesa que participo vai justamente discutir essa dimensão do sujeito político. A obra dele está impregnada de sentido social. Kaplan pensava o Brasil, pensava o povo, e isso se traduz nas suas partituras”, sintetiza Eli-Eri.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 10 a 16 de julho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

ALEGORIA URBANA + NÃO SOU EU (*Allégorie Citadine + C'Est pas Moi*). França, 2024. Dir.: JR e Alice Rohrwacher, Leos Carax. Drama/ documentário. No curta, garoto de 7 anos descobre verdades; no média, o cineasta Leos Carax revê sua carreira. 21min/41min. 12 anos/ 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 15/7: 19h; seg., 21/7: 19h; dom., 27/7: 15h; ter., 29/7: 19h; qui., 31/7: 19h.

CRIATURAS DA MENTE. Brasil, 2025. Dir.: Marcelo Gomes. Documentário. O neurocientista Sidarta Ribeiro tem suas teorias documentadas. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 13/7: 17h; qui., 17/7: 18h30; sáb., 19/7: 15h; ter., 22/7: 18h30; seg., 28/7: 20h30; qui., 31/7: 20h30.

SHADOW FORCE – SENTENÇA DE MORTE (*Shadow Force*). EUA, 2025. Dir.: Joe Carnahan. Elenco: Kerry Washington, Omar Sy, Jahleel Kamara, Mark Strong, Da’Vine Joy Randolph. Aventura. Casal separado precisa se unir para fugir com o filho de seu ex-chefe e uma unidade enviada para matá-los. 1h44. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 20h15.

O SILÊNCIO DAS OSTRAS. Brasil, 2025. Dir.: Marcos Pimentel. Elenco: Barbara Colen, Lucas Orammim, Lavisia Castellar. Drama. Família sofre enquanto depende do trabalho nas minas em Brumadinho. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 13/7: 19h; qua., 16/7: 20h; dom., 20/7: 19h; qui., 24/7: 20h30; sáb., 26/7: 19h; ter., 29/7: 20h30.

SUPERMAN (*Superman*). EUA, 2025. Dir.: James Gunn. Elenco: David Corenswet, Rachel Brosnahan, Nicholas Hoult, Maria Gabriela de Faria, Edi Gathegi. Aventura. Superman tenta conciliar suas herança de seu planeta natal e da Terra enquanto enfrenta terríveis perigos. 2h09. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 13h20, 16h, 18h45; leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 12h50, 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dom.: dub.: 12h15, 15h; leg.: 17h45, 20h30; seg., a qua.: dub.: 15h; leg.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 13h45, 16h30, 19h15; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 3D: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 3D: 14h15, 17h15, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h30, 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h50, 18h20, 20h45. **Campina Grande:** CI-

NESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h50, 18h20, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h30, 17h, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 21h. **Patos:** CINE GUEDES 3: sáb. a seg. e qua.: 3D: 16h20, 18h45; 2D: 21h10; ter.: leg.: 2D: 16h20; dub.: 3D: 18h45; 2D: 21h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 3D: 15h; 2D: 17h40. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 19h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 14h. CINEMAXXI CIDADELUZ 3: dub.: 2D: 16h10, 21h10; 3D: 18h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 20h45

YÔG ÁTAK – MEU PAI, KAIOWÁ Brasil, 2025. Dir.: Sueli Maxakali, Isael Maxakali, Roberto Romero e Luisa Lanna. Documentário. Mulher busca seu pai, indígena kaiowá, de quem foi separada quando bebê, na época da ditadura militar. 1h34. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 15/7: 20h30; sáb., 19/7: 19h; seg., 21/7: 20h30; qui., 24/7: 18h30; dom., 27/7: 17h.

PRÉ-ESTREIA

SMURFS (*Smurfs*). EUA/ Bélgica/ Itália, 2025. Dir.: Chris Miller. Vozes na dublagem brasileira: Jullie, Diego Martins, Ricardo Rossatto, Elcio Romar. Animação/ comédia/ aventura. Os smurfs precisam se aventurar no mundo real quando seu líder é sequestrado. 1h32. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg. a qua.: 15h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h20, 18h10, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h10, 19h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h50. CINE GUEDES 2: dub.: 14h50. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 14h20. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 17h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 16h25.

REAPRESENTAÇÃO

SANEAMENTO BÁSICO, O FILME + ILHA DAS FLORES. Brasil, 2007. Dir.: Jorge Furtado. Elenco: Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga, Lázaro Ramos, Bruno Garcia, Paulo José, Tonico Pereira, Janaina Kremer Motta, Lúcio Mauro Filho, Zéu Brito. Comédia. Moradores querem da prefeitura o conserto de uma fossa, mas recebem a verba para produzir um filme. Tentam, então, descobrir como fazer um para resolver junto o problema do saneamento. Exibição inclui o curta *Ilha das Flores* (1989). 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 14/7: 20h30; qui., 17/7: 20h30; qua., 23/7: 20h; dom., 27/7: 19h.

ESPECIAL

MOSTRA PRÊMIO GRANDE OTELO. Exibição de filmes indicados ao prêmio do cinema brasileiro. Terça (15/7): *Othelo*, o Grande (15h30); *O Auto da Compadecida 2* (19h). Terça (22/7): *Fernanda Young – Foge-me ao Controle* (15h30); *Ainda Estou Aqui* (18h30). Quinta (24/7): *Malu* (15h30). Terça (29/7): 3 *Obás de Xangô* (15h30); *Câncer com Ascendente em Virgem* (19h).

Sousa: CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE (R. Cel. José Gomes de Sá, 7, Centro). Até 29/7. Entrada franca.

CONTINUAÇÃO

ABÁ E SUA BANDA. Brasil, 2025. Dir.: Humberto Avelar. Vozes: Filipe Bragança, Zezé Motta, Rafael Infante. Animação. o príncipe do Reino do Pomar precisa enfrentar um vilão para conseguir realizar o sonho de ser músico. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 13/7: 15h; sáb., 19/7: 17h; dom., 20/7: 15h; sáb., 26/7: 15h.

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO (*How to Train Your Dragon*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mason Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/ infantil. Garoto de uma comunidade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. Refilmagem live action da animação de 2010. 2h05. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 12h30, 15h15, 18h, 20h50. CINEPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h30, 17h15, 19h55. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h40, 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h40, 18h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h35. CINE GUEDES 3: dub.: sáb. e dom.: 14h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 18h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg. e qua.: 16h10.

ELIO (*Elio*). EUA, 2025. Dir.: Adrian Molina, Madeline Sharrifian e Domee Shi. Vozes na dublagem brasileira: Lorenzo Tironi, Juliana Paiva, Danylo Miazato. Animação/ aventura/ infantil. Menino é abduzido e confundido com o embaixador intergalático do planeta Terra. 1h39. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 13h55. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: 14h05.

F1 – O FILME (*F1 – The Movie*). EUA, 2025. Dir.: Joseph Kosinski. Elenco: Brad Pitt, Javier Bardem, Kerry Condon. Aventura/ drama. Piloto de fórmula-1 sai da aposentadoria para formar equipe com um piloto mais jovem. 2h35. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h30, 21h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 2: dub.: 20h40.

JURASSIC WORLD – RECOMEÇO (*Jurassic World – Rebirth*). EUA, 2025. Dir.: Gareth Edwards. Elenco: Scarlett Johansson, Jonathan Bailey, Mahershala Ali. Aventura/ ficção científica. Equipe busca colher amostras de DNA de dinossauros para a criação de um novo medicamento. Sétimo da série iniciada com *Jurassic Park – Parque dos Dinossauros* (1993). 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 21h20. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 14h15, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA

4: dub.: 13h45, 16h50, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 15h45, 18h45, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: 15h15, 18h15. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h50, 21h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 20h20. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 3D: 14h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 1: dub.: 2D: 15h50, 18h25; 3D: 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h10; seg. e qua.: 18h20.

LILO & STITCH (*Lilo & Stitch*). EUA, 2025. Dir.: Dean Fleischer Camp. Elenco: Chris Sanders (voz), Maia Kealoha, Sydney Agudong, Zach Galifianakis, Curtney B. Vance, Tia Carrere, Jason Scott Lee. Infantil/ aventura/ comédia. Garota solitária faz amizade com alienígena destruidor que está em fuga. Refilmagem live action da animação de 2002. 1h48. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 12h40; seg. a qua.: 12h40, 17h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 12h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 14h50. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h45. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 16h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ 3: dub.: 14h.

PRÉDIO VAZIO. Brasil, 2025. Dir.: Rodrigo Aragão. Elenco: Caio Macedo, Leonardo Magalhães, Gilda Nomace. Terror. À procura da mãe, jovem chega a um prédio aparentemente vazio, mas habitado por almas torturadas. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 14/7: 18h30; dom., 20/7: 17h; ter., 22/7: 20h30; sáb., 26/7: 17h; seg., 28/7: 18h30.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - https://centerplex.com.br/cinema/joao-pessoa/). **CINE BANGÜÊ:** (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS:** (Manaíra Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/complexos/f0791-cinepolis-manaíra-shopping/; e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/complexos/f0726-cinepolis-mangabeira/). **CINESERCLA:** (Tambá Shopping, JP, e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES:** (Guedes Shopping, Patos - https://www.guedes-shopping.com.br/entretenimento/cinema). **PATOS MULTIPLEX:** (Patos Shopping, Patos - https://multiplexpatos.tikt.com.br/). **CINE RT:** (Remígio - Instagram: @cinertremigio). **CINE VIEIRA:** (São Bento - Instagram: @cinevieira_sb).



GUÁ E OS MORTAIS. Espetáculo do festival Bróduei Nordestina.

João Pessoa: SALA VLADIMIR CARVALHO (Usina Energisa, R. João Bernardo de Albuquerque, 243, Tambiá). Domingo, 13/7, 19h. Ingressos: de R\$ 15 (antecipado/ meia) a R\$ 40 (na bilheteria/ inteira), antecipados na plataforma Sympyla.

Música

HOJE

CASA DE CABA E SEU PEREIRA & COLETIVO 401. As duas bandas se apresentam no Circuito Travessia.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 13/7, 17h. Entrada franca.

FIMUS/ FIMUS JAZZ. Atrações de música instrumental no Festival Internacional de Música de Campina Grande. Domingo (13/7): Concerto do I Simpósio do Fimus em homenagem a José Alberto Kaplan (20h). Segunda (14/7): Maria Teresa Madeira (piano, 20h).

Campina Grande: TEATRO SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/n, Centro). Domingo, 13/7, 20h. Entrada franca.

POLYANA RESENDE. Cantora apresenta show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 13/7, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 14/7, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

CONTINUAÇÃO

ARIANO SUASSUNA VISTO POR GUSTAVO MOURA. Seleção de registros do fotógrafo sobre o escritor.

João Pessoa: ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS (R. Duque de Caxias, nº 37, Centro). Visitação até 31 de outubro. Entrada franca.

FORRÓZÉANDO. Exposição histórica sobre as festas juninas.

João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSE AMÉRICO – UNIDADE TAMBAÚ (Av. Nossa Senhora dos Navegantes, nº 122, Tambau). Visitação até 28 de julho. Entrada franca.

KIVI MAERZI. Artista mostra pinturas na exposição *Entre Fluxos e Sentidos*.

João Pessoa: ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação até 11 de julho. Entrada franca.

CAMINHOS DA DEMOCRACIA

Fim da reeleição resgata raízes constitucionais

Texto aprovado na CCJ do Senado propõe reformulação no exercício dos poderes Executivo e Legislativo no país

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

A democracia brasileira pode estar prestes a virar mais uma página de sua história. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 12/2022, recém-aprovada na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, reacende um dos debates mais sensíveis do sistema democrático: o equilíbrio entre a estabilidade institucional e a renovação do poder. O texto sugere o fim da reeleição para cargos do Executivo; estabelece mandatos únicos de cinco anos para presidentes, governadores, prefeitos e parlamentares; e unifica todos os pleitos eleitorais, a partir de 2034.

Mais do que uma simples atualização das regras, a proposta representa a ruptura do modelo vigente desde 1997, quando a reeleição foi incorporada à Constituição, como forma de garantir continuidade administrativa. Passadas quase três décadas, diante das distorções causadas pelo uso da máquina pública e da desigualdade entre candidatos, ganha for-

ça a ideia de resgatar a alternância no poder como princípio democrático central.

Especialistas apontam que, embora ofereça avanços em termos de isonomia eleitoral, a PEC impõe desafios importantes. Entre eles, estão os riscos de descontinuidade de políticas públicas, em ciclos de governo mais curtos; o enfraquecimento do debate local, diante de eleições simultâneas; e a necessidade de que o Estado desenvolva mecanismos mais robustos para garantir a implementação de projetos de longo prazo, independentemente das trocas de gestão.

Em um cenário político marcado por fragmentação partidária e baixa previsibilidade, a PEC não apenas altera o calendário eleitoral — ela coloca em xeque o modelo de governança adotado nas últimas décadas e convida o país a repensar os caminhos de sua democracia.

Freio da máquina pública
Instituída em 1997, pela Emenda Constitucional (EC) nº 16, a possibilidade de reeleição para cargos do Executivo sempre esteve cercada

de controvérsias. Para o especialista em Direito Eleitoral Renato César Carneiro, a medida é um dos maiores exemplos de raciocínio enganador da história política brasileira. “A Emenda de 1997 é um dos maiores casuísmos eleitorais da história do Brasil. Foi feita sob medida para favorecer a reeleição do então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB)”, afirma. Para ele, a reeleição nasce com um vício que compromete a legitimidade do instituto.

Essa visão é compartilhada por outros especialistas, os quais apontam que, desde sua implantação, a reeleição tem demonstrado um claro favorecimento para quem ocupa o cargo, ao permitir o uso da estrutura administrativa em benefício da própria candidatura, sem necessidade de afastamento.

Segundo o cientista político Lúcio Flávio de Vasconcelos, a adoção da reeleição no Brasil seguiu o modelo norte-americano, permitindo apenas uma recondução ao cargo. No entanto, aqui, a proposta teria sido fruto da pressão de setores do Congresso Nacional, que busca-



Foto: João Pedrosa

PEC nº 12/2022 sugere que, a partir de 2034, eleições sejam unificadas para todos os cargos



Foto: Leonardo Áriel

vam garantir a permanência de Fernando Henrique Cardoso no poder, o que reforça a percepção de que se tratou de uma mudança institucional com motivações específicas. “Desde que foi implantada, a reeleição tem demonstrado um nítido favorecimento para quem está no exercício do poder, pois [o gestor] não precisa se afastar do cargo e lança mão de todo o aparato governamental em seu favor”, acrescenta.

Diante desse cenário, Renato César Carneiro avalia que a PEC nº 12/2022 surge como uma resposta aos vícios do atual modelo e corrige distorções institucionais, ao sinalizar um retorno às raízes constitucionais do país. “Ela representa um avanço importante na consolidação da democracia brasileira. Ao resgatar a tradição constitucional centenária de

vedar a reeleição para chefes do Executivo, ela promove maior alternância no poder, reduz o uso da máquina pública em benefício de candidatos à reeleição, combate desigualdades no processo eleitoral e contribui para diminuir a instabilidade e a corrupção que têm marcado nossa política desde a introdução da reeleição no país”, argumenta.

Unificação de pleito representa risco aos debates municipais

O doutorando em Políticas Públicas Cosmo Junior reconhece aspectos positivos na proposta, mas aponta possíveis efeitos colaterais. “Um risco das eleições unificadas é que o foco se desloque para o embate nacional, enquanto a escolha de representantes municipais, peça-chave na execução de políticas públicas após a Constituição de 1988, perca espaço no debate”, alerta.

Outro ponto sensível, segundo ele, é a própria con-

centração de todos os pleitos em um único ano, o que pode gerar sobrecarga no processo eleitoral e dificultar o debate sobre temas locais. “Nas eleições municipais, por exemplo, o foco tende a ser diluído. Quando se vota para todos os cargos ao mesmo tempo, há risco de enfraquecimento do debate público sobre as demandas das cidades”, adverte.

Essa preocupação também é compartilhada pelo cientista político Lúcio Flá-

vio de Vasconcelos, que aponta prejuízos diretos para o eleitor. “Acredito ser muito prejudicial para o eleitor brasileiro. Imagine uma única eleição em que ele terá de escolher, ao mesmo tempo, vereador, prefeito, deputado estadual, deputado federal, senador, governador e presidente da República. É uma sobrecarga de decisões que dificulta o discernimento e compromete a qualidade do voto”, avalia.

Para ele, o sistema atual,

com eleições separadas, é mais adequado, porque permite debates específicos sobre os problemas locais, que são muito distintos dos desafios estaduais e nacionais. “O grande risco da unificação é a contaminação dos temas nacionais com os locais, como se tivessem a mesma origem e solução. São realidades completamente diferentes, que exigem análises e propostas também distintas”, pontua.

Longo prazo

A mudança na duração dos mandatos também levanta preocupações entre especialistas em Administração e Políticas Públicas. Acrescentar um ano ao mandato — como propõe a PEC nº 12/2022 — não garante, por si só, a efetividade das políticas públicas.

“Ter mais tempo de gestão não é sinônimo de sucesso na implementação e na consolidação de políticas públicas. Para que isso ocorra, é fundamental que Municípios, Estados e União desenvolvam capacidades institucionais, administrativas, técnicas e políticas que sejam determinantes para a ação governamental”, analisa Cosmo Júnior.

Conforme o especialista, o sucesso do novo modelo dependerá da capacidade de planejamento e da profis-

sionalização da gestão pública. Cosmo Júnior destaca que já existem, no Brasil, mecanismos institucionais e legais que visam garantir a continuidade e a qualidade das políticas públicas, mesmo diante de mudanças de gestão. Entre eles, estão:

- Controle social — assegurado pela Constituição Federal de 1988, que permite a participação da sociedade, desde a definição até a avaliação das políticas;
- Controle externo — exercido pelos Tribunais de Contas, por meio de auditorias operacionais;
- Atuação do Ministério Público — por vias judiciais ou extrajudiciais, especialmente em ações voltadas ao combate à pobreza e à exclusão social;
- Controle interno — realizado no âmbito da pró-

pria administração pública.

Esses instrumentos, podem e devem ser fortalecidos para proteger projetos de Estado e garantir que políticas públicas estruturantes não fiquem reféns das mudanças de governo ou de interesses eleitorais.

Impactos

A proposta aprovada na CCJ do Senado ainda precisa ser votada em dois turnos no plenário da Casa e, em seguida, ser apreciada pela Câmara dos Deputados. Caso receba o aval do Congresso, a PEC será promulgada ainda em 2025. As mudanças previstas serão implementadas de forma escalonada.

Para Renato Carneiro, os principais desafios não são de natureza jurídica, mas política, já que a PEC expressa uma decisão estratégica do Congresso Nacional. Do ponto de vista jurídico, a expectativa é de que a mudança traga maior estabilidade institucional e reduza conflitos judiciais durante os processos eleitorais. Ao romper com a lógica da reeleição, a proposta pode limitar o uso da máquina pública por candidatos no exercício do cargo, o que tende a fortalecer a isonomia entre os concorrentes e a confiança da sociedade no processo democrático.

Saiba Mais

Como ficam os mandatos com a PEC nº 12/2022:

Cargo	Eleições 2026	Eleições 2030	Eleições 2034
Presidente	Mandato de quatro anos (2027–2030). Quem for eleito pela primeira vez, ainda terá direito de se reeleger.	Mandato de quatro anos (2031–2034). Quem for eleito nesse pleito, não poderá mais se reeleger.	Mandato único de cinco anos (2035–2039).
Governadores	Mandato de quatro anos (2027–2030). Quem for eleito pela primeira vez, ainda terá direito de se reeleger.	Mandato de quatro anos (2031–2034). Quem for eleito nesse pleito, não poderá mais se reeleger.	Mandato único de cinco anos (2035–2039).
Deputados federais, estaduais e distritais	Mandato de quatro anos (2027–2030).	Mandato de quatro anos (2031–2034).	Mandato de cinco anos (2035–2039).
Senadores	Mandato de oito anos (2027–2034).	Mandato de nove anos (2031–2039).	Mandato de cinco anos (2035–2039).

Cargo	Eleições 2028	Eleições 2034
Prefeitos	Mandato de seis anos (2029–2034). Quem for eleito nesse pleito, não poderá se reeleger.	Mandato único de cinco anos (2035–2039).
Vereadores	Mandato de seis anos (2029–2034).	Mandato único de cinco anos (2035–2039).

* Os cargos do Legislativo — deputados federais, senadores, deputados estaduais e vereadores — continuam com a possibilidade de reeleição inalterada.

■ Especialistas temem que sobrecarga de decisões dificulte o discernimento dos eleitores e comprometa a qualidade do voto



Norma garante a inclusão de determinados crimes praticados em colégios na lista de hediondos, considerados de extrema gravidade

EM VIGOR

Nova lei amplia penas para crimes em escolas

Punição para os casos de homicídios pode variar de 12 a 30 anos de reclusão

Marcelo Oliveira
Agência Câmara

Neste mês, entrou em vigor, no país, a Lei nº 15.159/25, que aumenta a punição para crimes cometidos dentro de escolas. Surgida a partir do Projeto de Lei nº 3613/23 — elaborado pelo Poder Executivo, aprovado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal — a norma modifica o Código Penal e a Lei dos Crimes Hediondos para reprimir agressões e homicídios no ambiente escolar, tendo alunos, professores e funcionários entre os grupos protegidos. O texto foi sancionado pelo presidente da República em exercício, Geraldo Alckmin, no dia 3, e estabelece, entre as principais mudanças, agravantes específicos para crimes cometidos no ambien-

te escolar. No caso de homicídio, por exemplo, a pena — que até então variava de seis a 20 anos de reclusão — passa a ser de 12 a 30 anos quando o crime ocorre na escola. O tempo de prisão pode aumentar ainda mais, de 1/3 até a metade, se a vítima for pessoa com deficiência ou com alguma limitação física ou mental. Já se o agressor for parente próximo da vítima, tutor, professor ou funcionário da instituição, a pena pode subir em até 2/3. Para os casos de lesão corporal dolosa (quando há intenção), a pena será aumentada de 1/3 a 2/3 se o crime ocorrer na escola. Esse aumento poderá dobrar se a vítima for pessoa com deficiência ou se o autor for alguém com autoridade sobre ela, inclusive profissionais do próprio estabelecimento.

A lei também inclui os crimes cometidos em escolas como agravantes genéricos no Código Penal, o que significa que essas circunstâncias passam a ser levadas em conta no cálculo da pena, mesmo quando não forem elementos qualificadores do crime. **Natureza gravíssima** Outra mudança é a inclusão de determinados crimes praticados em escolas na lista dos crimes hediondos — aquele considerado de extrema gravidade —, como lesão corporal de natureza gravíssima ou seguida de morte. Esses crimes passam a ter punições mais altas, como o cumprimento inicial da pena em regime fechado e a proibição de fiança. Por fim, a nova lei amplia a proteção a integrantes do sistema de Justiça ao esten-

der as agravantes e a classificação como crime hediondo para casos de assassinato ou lesão corporal dolosa praticados contra membros do Judiciário, do Ministério Público, da Defensoria Pública, da Advocacia Pública ou oficiais de Justiça — tanto no exercício da função quanto em razão dela — e contra seus familiares.

■ **Penas podem aumentar se a vítima for pessoa com deficiência ou tiver limitações físicas ou mental**

Casos aumentam a sensação de insegurança

Agência Gov

De acordo com o 1º Boletim Técnico Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas, produzido pelo Governo Federal, desde 2001 ocorreram 43 ataques de violência extrema contra escolas. Os incidentes resultaram em 115 feridos e 53 mortes. Os dados não contabilizam o último caso registrado, ocorrido na Escola Muni-

cipal de Ensino Fundamental Maria Nascimento Giacomazzi, em Estação (RS), na última terça-feira (8). Uma criança de 9 anos perdeu a vida e outras duas ficaram feridas. O autor dos ataques, de 16 anos, foi apreendido. Entre 2001 e 2018 ocorreram 10 ataques, sendo que em 2020 não houve incidentes em razão do fechamento das escolas. Desde 2021, ocorreram ao menos dois casos por ano,

com aumento significativo de 2022, com 10 ataques, a 2023, com 15, que resultaram na morte de nove pessoas e outras 29 feridas. **Ameaças** Em pesquisa realizada em 2023, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, verificou-se que 12,6% (16.506 escolas) das escolas brasilei-

ras sofreram ameaça ou tentativa de ataque nos 12 meses anteriores à pesquisa. No Boletim Técnico foi informado que, em 2021 um total de 669 (ou 0,9%) escolas tiveram o calendário escolar interrompido em razão de violência ocorrida nos entornos da instituição de ensino. Já a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, constatou que a sensação de insegurança afeta a frequência escolar. Na pesquisa verificou-se que 10,8% dos alunos de 13 a 17 anos deixaram de ir à escola, nos 30 dias anteriores à pesquisa, em razão da falta de segurança no ambiente escolar. Entre as causas apontadas para o aumento da violência, uma pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), junto ao Ministério da Educação (MEC), observou a desvalorização da atividade docente, a relativização de discursos de ódio e problemas envolvendo o entorno da instituição, como tráfico, tiroteios e assaltos, são as principais causas apontadas.

Toca do Leão
Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Pescador de sonhos

Sabe o pescador amador que bota seu anzol na água e fica ao sol o dia todo, esbanjando paciência, suportando os mosquitos, formigas e lacraus, sem perder a calma? E depois de tanto trabalho, aliás, de tanta capacidade de suportar incômodos, pesca um peixinho miúdo, uma piaba vagabunda, sem muita sustância. E ainda tem os azarados feito meu compadre pescador Maciel Caju. Só por desfeita, o peixe comeu sua isca e ainda defecou no anzol. Assim é o trabalho do cara que aplica suas forças e mecanismos mentais em determinada ação voluntária, sem apoio de quase ninguém. É o sujeito que desafia o ridículo por trabalhar sem ganhar nenhuma remuneração, numa sociedade onde o mais importante é o lucro financeiro. O pescador sabe que a maré não está para peixe, que o poço quase secou, que o anzol enferrujou e os peixes sumiram. Entretanto, permanece no seu posto, volta a pescar, contra o frio, contra a indiferença, contra o preconceito, contra a má vontade dos peixinhos, até recolher cada vez uma pescaria maior. Esse meu compadre Rosival é um desses raros elementos que lançam seu anzol e esperam até décadas em sua solidão de pescador de ilusões. Entretanto, não é nenhum fenômeno. Ele é somente um cara normal, cujas surpresas da vida vão se revelando nas curvas do rio do destino. Faz alguns anos que entrou no Ponto de Cultura Cantiga de Ninar para aprender técnicas de mosaico artístico. Virou mestre, deu aulas dessa arte. Depois, foi aprender violão com Vital Alves. De novo passou de aluno a professor, formou um grupo de aprendizes de violão, montou a Orquestra Som do Coração e sai por aí, mostrando com seus discípulos que é possível, sim, extrair do nada alguma coisa que preste. Com seu jeito humilde, seu sorriso tímido, Rosival foi pescar seus pias e traíras na arte do audiovisual. Fez cursos no Ponto de Cultura, aprendeu a mexer com câmeras e a ter uma visão artística do cinema. Num instante estava na equipe técnica de produções cinematográficas, pescador de sonhos que sempre foi. Agora mesmo exhibe, com orgulho, o curta metragem “Candeeiro”, no qual figura na ficha técnica. Daqui a pouco, vai repassar seus conhecimentos na área para outros jovens, que esse é seu destino e sua missão de vida. Pedro era pescador e Jesus lhe disse: “Pedro, vou te fazer pescador de homens.” Parafraseando, Rosival é tratador de animais na vida real, e algum deus misericordioso lhe disse: “Rosival, segue-me e eu te ensinarei como tratar e cuidar de almas sedentas de conhecimento”. Bem-aventurados os pescadores e os peixes que são seus sonhos. Numa luta ferrenha, pescador e sonho brigam uma briga limpa entre ilusão e realidade. Nasci pobre e continuo mais nu do que Adão. Minha riqueza é isso também, essa satisfação de doar o que tenho de melhor para meu semelhante. Por isso, somos irmãos, eu e Rosival. Teimo em acreditar nos seres humanos, no que eles podem ter de melhor. E levo a vida a divulgar essas pessoas, muitas vezes indivíduos humildes, avessos à publicidade. É preciso, no entanto, dar notícias dessas experiências de vida dedicadas ao bem comum e promover a fraternidade universal entre as pessoas de boa vontade. Eu não sou essa tampa de Crush toda, tenho cá meus defeitinhos, mas adoro realçar as virtudes dos amigos e parceiros. Então, viva o bom caráter, os honestos, os criativos em prol da sociedade. Sempre com vontade de comprovar a tese de que a humanidade tem jeito, que as pessoas são boas e o bem no fim sempre vence. Rosival, mestre Josino Mendes, Das Dores Neta, Ricardo Alves, esse pessoal que batalha comigo nos projetos culturais e sociais reflete a consciência de nossa gente, porque não se engane: o povo brasileiro é generoso, virtuoso e decente. Nossas elites dirigentes é que não valem o que o gato enterra de manhãzinha.



Comunidade escolar sofre o impacto dos crimes cometidos contra alunos e profssionais

Colunista colaborador

GRYPE AVIÁRIA

Butantan testará vacina em pessoas

Produção do imunizante pelo instituto visa prevenção ao risco de uma eventual pandemia causada pelo vírus

Ana Cristina Campos
Agência Brasil

O Instituto Butantan, órgão vinculado à Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, vai iniciar os testes, em seres humanos, da primeira vacina brasileira contra a gripe aviária (H5N8). O instituto recebeu autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em 1º de julho, para o início dos ensaios clínicos e agora aguarda o aval da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep).

Segundo o Butantan, a vacina influenza monovalente tipo A (H5N8) será testada em duas doses, com intervalo de 21 dias, em adultos de 18 anos até 59 anos, em um primeiro momento. Depois, serão realizados os testes em pessoas com mais de 60 anos.

O instituto concluiu os estudos pré-clínicos em camundongos e coelhos com resultados positivos de segurança e imunogenicidade (capacidade de gerar uma resposta imunológica). O Butantan pretende recrutar 700 adultos e idosos voluntários, que participarão das fases 1 e 2 do estudo em cinco centros de pesquisa, em Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo. O objetivo é terminar o acompanhamento destes participantes em 2026, para ter dados que contemplem uma faixa etária ampla para a submissão do pedido de registro à Anvisa.

Risco de pandemia
O diretor do Instituto Butantan, Esper Kallás, expli-

ca que existe uma quantidade muito grande de vírus aviários de *influenza* e que há uma pequena percentagem deles que pode ganhar agressividade e causar doenças mais graves. Mesmo que afetem primeiramente as aves, esses seres podem chegar a alguns mamíferos que entram em contato com elas e, finalmente, caso se adaptem, existe o risco de causarem infecções em humanos. Segundo Kallás, desde 1996, um tipo de vírus específico de aves chamado H5 demonstrou a capacidade de ser transmitido esporadicamente para algumas pessoas.

“Nos últimos anos, o vírus vem se adaptando cada vez mais e conseguindo cau-



Foto: Divulgação/Butantan

Está cada vez mais próximo de o vírus ter as adaptações para ser transmitido entre os humanos

Esper Kallás

Foto: Divulgação/Butantan



Estudos clínicos serão conduzidos em Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo, com a aplicação de duas doses da vacina

sar levar a mortes em mamíferos, primeiro em aquáticos, mas agora também em mamíferos terrestres. Está cada vez mais se aproximando de ter as adaptações que precisaria para ser transmitido entre as pessoas. Essa possibilidade alerta a toda a comunidade científica e a saúde pública sobre a possibilidade de a gente ter uma pandemia causada pela gripe aviária”, afirmou o diretor. De acordo com ele, essa

não é uma opinião apenas de especialistas do Instituto Butantan, do estado de São Paulo ou dos brasileiros. É uma avaliação que está presente no mundo todo. “É para se antecipar, fazer uma preparação para isso, que o Instituto Butantan vem, desde o começo de 2023, trabalhando no desenvolvimento de uma vacina candidata para prevenir uma infecção ou o desenvolvimento de doença grave por esse vírus H5, que vem sendo transmi-

tido principalmente entre os animais das Américas. Nosso objetivo é verificar se a vacina é bem tolerada, se é segura e se induz uma proteção verificada pelo exame de sangue depois de as pessoas terem sido vacinadas”, explica. “Se a gente tiver isso

pronto, caso esse vírus comece a ser transmitido entre as pessoas e a causar um surto, uma epidemia ou uma pandemia, o Butantan já trilhou um caminho de desenvolvimento para produzir essa vacina no enfrentamento em saúde pública”, completa Kallás.



Foto: Joedson Alves/Agência Brasil

Perigo de transmissão inter-humana deve-se às mutações

A diretora médica do Instituto Butantan, Fernanda Boulos, destaca que o grande risco que existe para a gripe aviária é ter uma transmissão inter-humana, de pessoa para pessoa. “Se isso acontecer, há chance de ocorrer uma epidemia. Isso não aconteceu até agora porque esse vírus da *influenza* não tem a capacidade de se adaptar em sistema respiratório humano. No entanto, sabemos que os vírus da *influenza* são altamente mutagênicos e, se sofrerem uma mutação específica que permita eles se adaptarem no sistema respiratório de humanos, aí, sim, há o risco de transmis-

são entre humanos e o risco de epidemia. Estamos querendo nos antecipar a esse risco”, afirmou Fernanda.

A diretora acrescenta que a vacina em desenvolvimento é de vírus inativado, também chamado de vírus morto, incapaz de causar infecções. “Com a aprovação ética do estudo se concretizando, a gente abre os cinco centros de pesquisa que recrutarão participantes desse estudo para avaliar se a vacina é segura e gerou imunidade nesse primeiro teste em humanos”, disse a pesquisadora.

Letalidade
Segundo a Anvisa, espe-

cialistas de todo o mundo alertam para o risco de disseminação de novas variantes do vírus da gripe aviária, como o H5N1, H5N8 e H7N9, que chamam a atenção por seu alto potencial de letalidade e capacidade de mutação. Desde 2021, esses vírus causaram a morte de 300 milhões de aves e impactaram 315 espécies silvestres em 79 países, segundo dados globais.

“Em humanos, embora ainda sejam raros, os casos chamam a atenção pela gravidade: de 2003 a 2024, houve 954 infectados em 24 países, com 464 mortes — uma taxa de letalidade de 48,6%, signi-

ficativamente mais alta que a registrada durante a pandemia de Covid-19, de menos de 1%”, destaca a agência reguladora.

O Ministério da Saúde informa que, até o momento, não foi confirmado nenhum caso humano de *influenza* aviária no Brasil. “O risco de infecção humana é baixo e não ocorre pelo consumo de carne ou ovos devidamente cozidos, mas, sim, por contato direto com aves doentes ou com ambientes contaminados. Dessa forma, a medida preventiva mais eficaz é evitar o contato com aves mortas ou doentes”, diz a pasta.

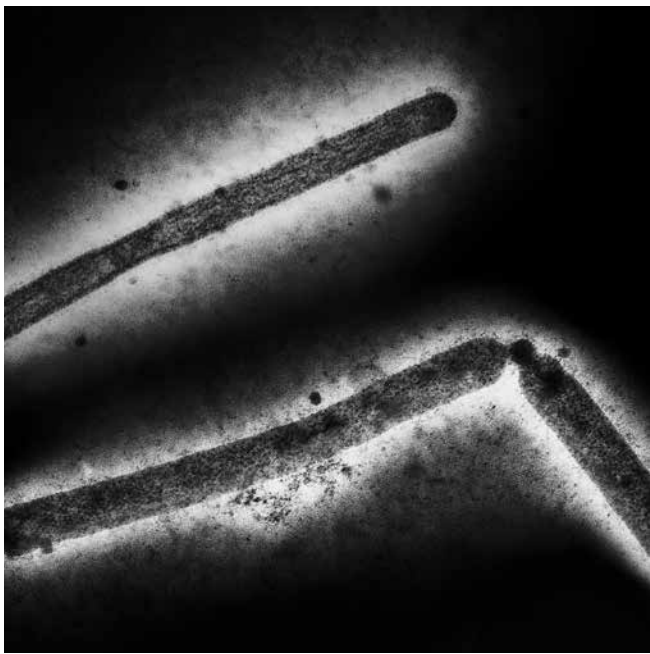


Foto: CDC/Niaid

Variantes como o H5N1 têm alto índice de letalidade

Ainda raro, contágio ocorre após o contato com aves doentes

Neste ano, foi notificada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) a infecção em aves comerciais de uma granja no município de Montenegro, no Rio Grande do Sul. No dia 18 de junho, o Brasil voltou a ser um país livre da *influenza* aviária, após ter cumprido os protocolos internacionais que preveem, entre outras medidas, o prazo de 28 dias sem novos registros em granjas co-

merciais. O anúncio oficial de cumprimento do período de vazio sanitário foi dado pelo Mapa, em comunicado enviado à Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA).

De acordo com o Ministério da Saúde, as aves, quando infectadas, podem disseminar vírus através da saliva, secreções de mucosas e fezes. A infecção dá-se tanto pelo contato direto — respirar o vírus contido em gotícu-

las ou partículas transportadas pelo ar — ou pelo contato com superfícies contaminadas por ave infectada e depois tocando seus próprios olhos, boca ou nariz.

“As pessoas raramente contraem a *influenza* aviária, mas, quando isso ocorre, geralmente é devido ao contato direto desprotegido com aves infectadas, sem uso de equipamentos de proteção individual como luvas, rou-

pas de proteção, máscaras, respiradores ou proteção dos olhos”, diz a pasta.

Plano de contingência
Para garantir uma resposta rápida a possíveis surtos, o ministério lançou, em dezembro de 2024, o Plano de Contingência Nacional do Setor Saúde para Influenza Aviária, que orienta a atuação da pasta, incluindo vigilância integrada, diagnóstico

laboratorial, assistência e comunicação em saúde. Além do plano, a pasta publicou também o Guia de Vigilância da Influenza Aviária em Humanos, com definições de caso e demais detalhes operacionais de toda a rotina de vigilância, desde o monitoramento de pessoas expostas até o manejo clínico de casos suspeitos e os fluxos laboratoriais adequados. “O Brasil atua em diferen-

tes frentes para se preparar diante de um eventual risco de casos em humanos. Por meio do SUS, o Ministério da Saúde possui capacidade para a realização de exames laboratoriais, mantém estoque do medicamento oseltamivir, utilizado no tratamento dos diversos tipos de *influenza* e, caso necessário, dispõe de tecnologia para a produção de vacinas”, diz, em nota.

SEGUNDA EDIÇÃO DO CPNU

Certame contempla todo o Nordeste

Na Paraíba, há oportunidades para o Exército e a ANM; aprovados no país devem ocupar mais de 3,6 mil vagas

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Trabalhar “perto de casa” e com salário federal: essas são as vantagens que o novo Concurso Público Nacional Unificado (CPNU) promete ao paraibano que sonha com a estabilidade do serviço público sem precisar sair da região. A segunda edição do certame reúne mais de 3,6 mil vagas em órgãos federais, com oportunidades confirmadas nos nove estados do Nordeste. João Pessoa, Natal e Recife estão entre as principais cidades com lotação direta, segundo o edital. As inscrições seguem abertas até o dia 20 de julho e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* da Fundação Getúlio Vargas (FGV), responsável pela organização do concurso. A taxa de inscrição é de R\$ 70 para todos os candidatos.

Muito aguardada pelos concurseiros, a segunda edição do CPNU reúne vagas de diversos órgãos federais em uma única seleção, organizada, desta vez, por nove blocos temáticos. São eles: Seguridade Social; Cultura e Educação; Ciência e Tecnologia; Engenharia e Arquitetura; Administração; Desenvolvimento Socioeconômico; Justiça e Defesa; Saúde; e Regulação. Cada candidato deve escolher o bloco de sua preferência e, com isso, pode concorrer a vários cargos dentro do mesmo grupo, indicando as localidades onde deseja atuar. Dependendo da função, os salários podem chegar a mais de R\$ 14 mil.

Já a avaliação será feita em duas fases. A primeira consiste em uma prova objetiva, prevista para o dia 5 de outubro, com 90 questões para cargos de nível superior e 68 para os de nível intermediário, divididas entre conhecimentos gerais e específicos. Já a segunda fase será uma prova discursiva, marcada para 7 de dezembro, com duas questões para os candidatos de nível superior e uma redação dissertativa-argumentativa para os cargos de nível médio.

Ambas as provas serão realizadas em 228 municípios do Brasil. As cidades paraibanas contempladas são Campina Grande, João Pessoa, Patos e Sousa. Haverá ainda análise de títulos, para alguns cargos, e confirmação de cotas, conforme o edital.

Vagas na Paraíba

Na Paraíba, o destaque vai para uma vaga aberta para o Comando do Exército, em João Pessoa. O cargo é voltado a engenheiros de tecnologia militar, especializados em Engenharia Elétrica, com registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea). Há, ainda, uma vaga para formados em Engenharia Civil, no mesmo órgão; essa, contudo, pode ser ocupada tanto na capital paraibana como em Manaus. Os aprovados para ambas as funções devem atuar em projetos de infraestrutura, obras, sistemas elétricos e su-



Foto: João Pedrosa

Candidatos preparam-se para duas fases da prova, marcadas para outubro e dezembro

porte às unidades da região.

Além dessas oportunidades, a Paraíba também está incluída na Região Nordeste II da Agência Nacional de Mineração (ANM), ao lado de Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Neste caso, os aprovados para as oito vagas disponíveis po-

derão ser encaminhados para qualquer um desses estados, de acordo com a demanda. Os salários dessas três funções variam de R\$ 7,2 mil a R\$ 8 mil.

Região nordestina

Outros estados do Nor-



Pelo QR Code, acesse a página com informações do concurso

Engenheiro eletricista, o tecelão das redes urbanas

Quando se fala em energia elétrica, a primeira imagem que costuma vir à cabeça é a do eletricista consertando uma tomada ou mexendo na fiação de casa. Mas, por trás de cada fio desencapado, existe uma rede complexa alimentada por usinas e projetada para funcionar com a precisão de um relógio. O engenheiro eletricista é quem desenha e sustenta os sistemas que fazem cidades inteiras funcionarem, da iluminação pública aos trilhos de um Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), passando por complexos hospitalares, *data centers* e indústria. Desde que a eletricidade começou a ser usada como fonte de energia, a profissão tornou-se estratégica para a sociedade e, com o avanço da tecnologia, segue ganhando cada vez mais espaço, agora impulsionada pela inteligência artificial (IA).

Projetar e operar sistemas, calcular consumo, automatizar processos e garantir a segurança: tudo isso faz parte do cotidiano de quem escolhe essa profissão. E os desafios não param por aí. O engenheiro eletricista precisa ter visão sistêmica, manter-se continuamente atualizado e saber trabalhar em equipe para dar conta da rotina, que envolve cálculos e muita tecnologia. Segundo Franklin Martins Pereira Pamplona, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), a formação em Engenharia Elétrica lhe permite atuar em ambientes diver-



Foto: Arquivo pessoal

“
O engenheiro pode trabalhar com projetos de fibra óptica, automação industrial e até na área hospitalar

Franklin Pamplona

sos, de prédios a indústrias, passando por subestações, sistemas de controle, usinas de energia renovável e até redes inteligentes de distribuição de energia elétrica, as chamadas *smart grids*.

Com o avanço da tecnologia, o engenheiro eletricista passou a lidar, cada vez mais, com inteligência artificial, robótica, sistemas embarcados e comunicação de dados, fato que tem ampliado suas possibilidades

de atuação. “O engenheiro pode trabalhar com telecomunicações, em projetos de fibra óptica, 5G/6G, rádio e satélite; redes de computadores, microeletrônica, automação industrial e até nas áreas hospitalar e biomédica”, enumera Franklin.

A diversidade de possibilidades inclui ainda os setores militar, de infraestrutura pública e industrial. Mas não basta apenas dominar o que se aprende na faculdade para ser bem-sucedido nesses segmentos. A demanda do “mundo moderno” pede atualização contínua. “As novas tecnologias exigem competências complementares, como programação, modelagem matemática e análise de dados”, observa.

Além do conhecimento técnico, o engenheiro eletricista precisa desenvolver habilidades adicionais, como comunicação, liderança, organização e gestão de tempo — uma combinação que faz ainda mais sentido diante da pressão por desempenho e dos prazos apertados, impostos por projetos complexos. “De forma geral, os

profissionais da engenharia trabalham em atividades que requerem muita responsabilidade e alta precisão, pois erros em sua atuação podem causar acidentes graves, danos ou apagões com consequências severas. É necessário construir uma base sólida de conhecimentos para se aprofundar na área em que deseja atuar”, reforça Franklin. E, como quase nada se faz sozinho, ele destaca que é igualmente necessário saber planejar desde o conceito até a execução e ter “jogo de cintura” para atuar com equipes que envolvem múltiplos profissionais, de arquitetos a engenheiros civis.

Diferença

Mesmo com toda a complexidade que envolve a Engenharia Elétrica, tem muita gente que ainda confunde o papel do engenheiro com o do eletricista, mas a diferença está longe de ser apenas uma questão de nomenclatura. Franklin é direto ao esclarecer a confusão: “O eletricista, geralmente, é um profissional de nível básico ou técnico, com conheci-

pecialidades médicas, todas com lotação em Natal.

Na Bahia, há cargos da Marinha com atuação em Salvador, além de oportunidades para técnicos vinculados à ANM. Em Pernambuco, o concurso oferece vagas na ANM, postos para psicólogos e terapeutas ocupacionais no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), pesquisadores na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e profissionais da saúde na Marinha, incluindo médicos, nutricionistas e psicólogo.

Alagoas e Sergipe também estão incluídos nas vagas regionais da ANM, dentro da chamada Região Nordeste II, com possibilidade de lotação conforme a necessidade. Já Ceará e Piauí integram a Região Nordeste I, junto com Maranhão e Rio Grande do Norte, no mesmo formato. Em ambos os casos, as oportunidades são voltadas para técnico em Atividade de Mineração.

mentos voltados à prática de execução e manutenção de instalações, sob supervisão e sem responsabilidade legal por projetos. Seu campo de atuação é limitado”, aponta.

Já o engenheiro eletricista faz cálculos, gerencia projetos e toma decisões com peso técnico e legal. “A diferença prática está na formação, no campo de atuação, nível de complexidade e responsabilidade legal, que inclui o reconhecimento pelo conselho profissional para assinatura de projetos, supervisão técnica e segurança”, explica. Ainda assim, o professor do IFPB ressalta que um não existe sem o outro. “Esses profissionais se complementam como equipe para que os desafios apresentados sejam devidamente resolvidos”, finaliza.

João Pessoa

Para quem deseja transformar essa trajetória “eletrizante” em carreira pública, a segunda edição do CPNU pode ser o caminho. Entre as vagas disponíveis, há uma oportunidade para engenheiro eletricista com atuação no Comando do Exército, em João Pessoa. Os requisitos para concorrer são diploma de graduação na área e registro no Crea. O profissional selecionado será responsável por elaborar projetos elétricos, fiscalizar instalações, planejar e executar manutenções, garantir o funcionamento de sistemas essenciais, como geradores e subestações, além de desenvolver projetos com fontes renováveis, como solar e eólica. Também atuará em sistemas híbridos e de monitoramento energético, na fiscalização de contratos, elaboração de pareceres e aplicação de normas técnicas.

Selic Fixado em 18 de junho de 2025 15%	Sálário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +0,10% R\$ 5,548	Euro € Comercial +0,03% R\$ 6,484	Libra £ Esterlina -0,43% R\$ 7,487	Inflação IPCA do IBGE (em %) Maio/2025 0,26 Abril/2025 0,43 Março/2025 0,56 Fevereiro/2025 1,31 Janeiro/2025 0,16	Ibovespa 136.144 pt -0,44%
---	---	--	--	---	--	---

EMPREGOS

Rotatividade elevada afeta o setor de *telemarketing*

Função traz desafios físicos e psicológicos para os profissionais da área

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Lilian Viana
lilian.vianacananear@gmail.com

Aprofissão de operador de *telemarketing* lidera, até o momento neste mês, a oferta de empregos no estado, segundo dados dos postos do Sistema Nacional de Emprego (Sine) estadual e municipais. A profissão, que segue entre as que mais contratam, também expõe os desafios do setor, marcado por alta rotatividade e condições de trabalho que dificultam a permanência dos profissionais. Somente nesta semana, foram ofertadas mais de 100 vagas em João Pessoa, 300 vagas em Campina Grande e 50 em Patos.

Conhecida como *turnover*, a rotatividade nos *call centers* tende a ser ainda mais acentuada em grandes centros urbanos, como São Paulo, mas o cenário no Nordeste também reflete essa instabilidade. De acordo com uma pesquisa realizada pela Contact Babel em 2025, a rotatividade anual pode atingir 44% em grandes operações e cerca de 17% em empresas com menos de 50 colaboradores. Já em termos mensais, dados obtidos por meio de entrevistas publicadas pelo SciELO revelam que, em São Paulo, a taxa varia de 13% a 15%, enquanto na Paraíba o índice é consideravelmente menor, girando em torno de 3%.

Na visão de quem já trabalhou na área, diversos fatores ajudam a explicar o alto *turnover* no setor de *telemarketing*. Entre os mais citados estão a sobrecarga mental causada pela atividade, a ausência de um plano de carreira estruturado



Mercado de trabalho tem mais de 450 oportunidades para operadores de telemarketing na PB

e a remuneração considerada limitada. Para muitos ex-operadores, no entanto, a jornada de trabalho é o principal motivo para deixar o cargo.

A experiência de João Galvão na área foi negativa, principalmente devido ao horário do expediente. O ex-funcionário de um *call center* de Campina Grande conta que sofreu com a carga horária exaustiva, que incluía sábados e domingos. “O que me motivou a sair foi justamente isso: o cansaço. Eu estava na faculdade e não conseguia nenhum tempo para estudar. Ninguém enxerga esse emprego como carreira, é só realmentenecessidade”, relatou.

Quando trabalhava na área, Galvão atendia cerca de 60 ligações por dia e sentia-se pressionado por não poder ficar muito tempo em uma ligação, para não prejudicar sua nota. Ele avalia que a própria natureza do trabalho de operador de *telemarketing* impõe desafios significativos, por tratar-se de uma atividade repetitiva e emocionalmente desgastante, que exi-

ge constante paciência e resiliência. “Durante o dia, você precisa lidar com pessoas extremamente estressadas e, até mesmo, com ódio da instituição, que vão acabar descontando tudo em você. Ninguém liga para o *call center* para elogiar, só para reclamar de problemas”, expressou.

Cansaço físico

Ao contrário de João, que deixou a área, Hellen Azevedo continua atuando em um centro de atendimento campinense, especificamente no setor de atendimento via *chat*. Com o passar dos anos, ela começou a sentir os impactos físicos da função, desenvolvendo dores constantes no pulso.

“É um trabalho repetitivo também do ponto de vista físico. A gente passa horas sentado, digitando e clicando no mouse, sempre no mesmo movimento. A maioria das pessoas desenvolve algum problema. Eu, por exemplo, tenho tendinite, que vive voltando porque estou sempre repetindo os mesmos

gestos, todos os dias. E por parte da empresa, não há qualquer tipo de apoio. Não oferecem nenhuma estrutura ergonômica. O ambiente é extremamente básico e você que se vire”, comentou a funcionária.

Para Hellen, a alta rotatividade nos cargos de teleatendimento poderia ser reduzida com melhores benefícios e condições de trabalho. “Poderiam oferecer um salário melhor, com uma carga horária mais organizada, além de vale-alimentação e plano de saúde — mas sem descontar do salário. Acho que o *turnover* acontece justamente por causa disso”, avalia.

A profissional atua no setor de *telemarketing* há cinco anos. Ela conta que entrou com outras seis pessoas, mas, hoje, é a única que continua no local. “Vi muita gente sair por cansaço físico e mental. O *burnout* é muito real. E, no fim das contas, o que também falta é um suporte psicológico dentro da empresa, porque a quantidade de colegas que vi saindo com problemas emocionais é absurda”, constatou.

Expansão impulsiona a oferta de vagas

Enquanto a rotatividade continua sendo um desafio no setor de teleatendimento, a Paraíba vem se consolidando como um polo crescente de oportunidades na área. Somente de janeiro a junho de 2025, foram abertas 7.162 vagas para operadores de *telemarketing* no estado, segundo a AeC, uma das maiores empresas de *contact center* do Brasil e parceira do Governo do Estado. Desse total, 4.030 foram em João Pessoa, sendo 792 somente em junho, e 3.132 em Campina Grande.

A psicóloga Yveth Alves, superintendente de Pessoas da AeC na Região Nordeste, explica que o volume expressivo de contratações não se deve apenas à rotatividade, mas também à expansão da carteira de clientes e à promoção interna de colaboradores. “Os resultados dos colaboradores da Paraíba são muito satisfatórios, e isso possibilita

clientes da base crescerem e terem novos”, afirma. Para ela, a qualidade do desempenho dos profissionais locais tem sido um diferencial competitivo no setor.

Embora os desafios do setor de *telemarketing* ainda exijam atenção, Yveth ressalta que algumas iniciativas permanen-

tes ajudam a reduzir o *turnover* e transformar o ambiente dos *call centers* em espaços mais saudáveis, produtivos e promissores para milhares de trabalhadores paraibanos. “Oferecer um ambiente de trabalho seguro e acolhedor é essencial para garantir a permanência do profissional e sua saúde mental”, defende Yveth.

A psicóloga acrescenta que a empresa investe na formação de lideranças por meio de treinamentos em gestão humanizada e proporciona trilhas de crescimento para quem deseja se desenvolver na carreira. Thalys Silva, de 28 anos, por exemplo, começou na empresa como atendente, há pouco mais de seis anos. No final de 2023, participou de uma seleção interna e foi promovido a supervisor. Pouco tempo depois, participou de mais uma seleção interna para o cargo de instrutor de

treinamento, sendo promovido mais uma vez. “Procuro mostrar que é possível crescer, ser respeitado e fazer a diferença. O acolhimento que recebi aqui me deu segurança”, conta.

Com mais de 45 mil colaboradores distribuídos em 18 unidades no Brasil, a AeC aposta em um modelo de gestão que busca integrar tecnologia de ponta com cuidado humanizado. A empresa é certificada pela ISO 45001, norma internacional que atesta boas práticas em Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional, e reconhecida pelo selo Great Place to Work (GPTW), que certifica as melhores empresas para se trabalhar no Brasil. “Ao cuidar do bem-estar dos trabalhadores, o clima da organização melhora, impactando positivamente em sua produção e, ainda, fazendo com que esse profissional chegue em casa mais feliz”, finaliza.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Economista, consultor e mestre em Economia

Quem perde com as tarifas de Trump?

A recente decisão do presidente Donald Trump de impor uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros exportados aos Estados Unidos acendeu um alerta importante para a economia nacional. Embora o Brasil historicamente mantenha uma postura de paz e equilíbrio nas relações internacionais — inclusive com os Estados Unidos — a medida evidencia uma tendência crescente: a adoção de políticas comerciais protecionistas, que contrariam os princípios fundamentais do livre comércio e da eficiência econômica.

Barreiras tarifárias, como essa imposta ao Brasil, são parte da estratégia recorrente de Trump para “proteger” a indústria americana. No entanto, como alertam economistas de diferentes escolas, inclusive o Nobel Paul Krugman, essas medidas raramente entregam os resultados esperados. Krugman demonstrou, em diversas análises, que déficits comerciais não são, por si só, sinal de fraqueza. Na verdade, o comércio internacional tende a beneficiar todos os países envolvidos, desde que ocorra de forma livre e previsível. Medidas intervencionistas apenas geram distorções, aumentam os custos e desorganizam cadeias produtivas.

Sob a ótica liberal, inspirada nos clássicos como David Ricardo, o livre comércio é vantajoso justamente porque permite que cada nação explore suas vantagens comparativas. O Brasil, por exemplo, é altamente competitivo em setores como agronegócio, mineração e papel e celulose. Em vez de responder com barreiras, o mais eficaz seria fortalecer esses setores com investimentos em infraestrutura, desburocratização e redução de impostos. Isso aumentaria a produtividade, melhoraria a competitividade e prepararia o país para disputar mercados no cenário global.

Além disso, medidas protecionistas costumam ter efeitos colaterais danosos. No curto prazo, parte da produção brasileira, ao perder competitividade no exterior, pode acabar “sobrando” no mercado interno, pressionando os preços para baixo e contribuindo para uma queda momentânea da inflação. Mas esse alívio é ilusório. Empresas com prejuízo investem menos, contratam menos e produzem menos. O resultado, ainda que com impacto proporcionalmente pequeno no PIB (menos de 2%), é a retração econômica e aumento do desemprego. A arrecadação do governo também sofre, já que os setores exportadores representam uma fatia significativa das receitas tributárias — justamente num momento em que as contas públicas já enfrentam fragilidades.

Há ainda o risco de uma escalada diplomática, caso o Brasil adote a reciprocidade como resposta. Tarifas sobre tarifas desorganizam o ambiente de negócios e geram insegurança jurídica e comercial. Empresas com contratos vigentes precisam adaptar-se rapidamente, buscar novos mercados ou rotas logísticas — mudanças que geram custos e, muitas vezes, prejuízo.

Neste contexto, o Brasil deve agir com pragmatismo. É fundamental diversificar seus parceiros comerciais, investir em acordos bilaterais e multilaterais e garantir a competitividade de seus produtos. Apostar na produtividade interna é sempre a melhor resposta.

A lição econômica permanece: quando o comércio é livre, todos ganham. Quando barreiras são erguidas, todos perdem — até mesmo os que pensam estar se protegendo.

COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL

Custo Brasil é barreira na Indústria

Empresários citam bitributação, burocracia e insegurança jurídica como principais entraves, aponta CNI

Uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) revelou que 45% dos empresários industriais brasileiros acreditam que a bitributação e a complexidade tributária são as principais barreiras para a competitividade internacional. Em seguida, aparece o Custo Brasil, citado por 35% dos empresários; a falta de mão de obra qualificada, para 31%; burocracia e ambiente regulatório, apontado por 25%; e a insegurança jurídica, para 22%.

A lista ainda traz inovação e tecnologia, na opinião de 14%; reputação e imagem do Brasil, para 13%; custos de energia, mencionados por 13%; exigências da legislação ambiental internacional, na opinião de 11%; falta de crédito para a exportação, 10% dos entrevistados; e cumprimento de exigências ambientais de clientes, para 8%.

Impacto
“O Custo Brasil é esse conjunto de dificuldades estruturais, burocráticas e econômicas que prejudica o ambiente de negócios do país, pois encarece os custos das empresas, atrapalha investimentos e compromete a competitividade. Todos os fatores apresentados na pesquisa estão ligados ao valor do Custo Brasil, estimado em R\$ 1,7 trilhão por ano, o que equivale a 20% do PIB [Produto Interno Bruto] brasileiro”, pontua o presidente da CNI, Ricardo Alban.

Visão regional
Quando comparado regionalmente, 55% dos em-

“
Todos os fatores apresentados na pesquisa estão ligados ao valor do Custo Brasil, estimado em R\$ 1,7 trilhão por ano, o que equivale a 20% do PIB

Ricardo Alban

presários do Nordeste afirmam que a bitributação e a complexidade tributária são os fatores que mais influenciam a competitividade industrial, seguidos dos industriais do Sudeste, com 45%; do Sul, 43%; e do Norte/Centro-Oeste, com 33%.

Quando o assunto é o cumprimento de exigências ambientais de clientes, apenas 7% dos empresários da Região Sul acreditam que esse fator pode impactar a competitividade industrial; enquanto 8% dos industriais do Sudeste acham o mesmo; 9%, do Norte/Centro-Oeste; e 11%, do Nordeste.

Fortalecimento da imagem
Outra pergunta destaca que da pesquisa é se o fortalecimento da imagem da indústria brasileira pode contribuir para o aumento da exportação do setor. Os empresários são otimistas e 77% acreditam que sim. 29% informaram que o fortalecimento pode “aumentar muito” a exportação, enquanto 48% disseram “aumentar um pouco”. Já 19% responderam que o fato não interfere.
A pesquisa “Sustentabilidade e Indústria” foi realizada pelo Instituto de Pesquisa Nexus e ouviu representantes de mil empresas industriais de pequeno, médio e grande portes, em todo o país. As entrevistas foram realizadas no período de 15 de maio a 17 de junho de 2025.

■
Fortalecer a imagem da indústria pode contribuir para a exportação, acreditam 77% dos entrevistados



Custos das empresas podem atrapalhar investimentos



Ricardo Alban, presidente da CNI, destaca que dificuldades estruturais do país prejudicam o ambiente de negócios

SEQUÊNCIA NEGATIVA

Faturamento do setor cai pelo terceiro mês

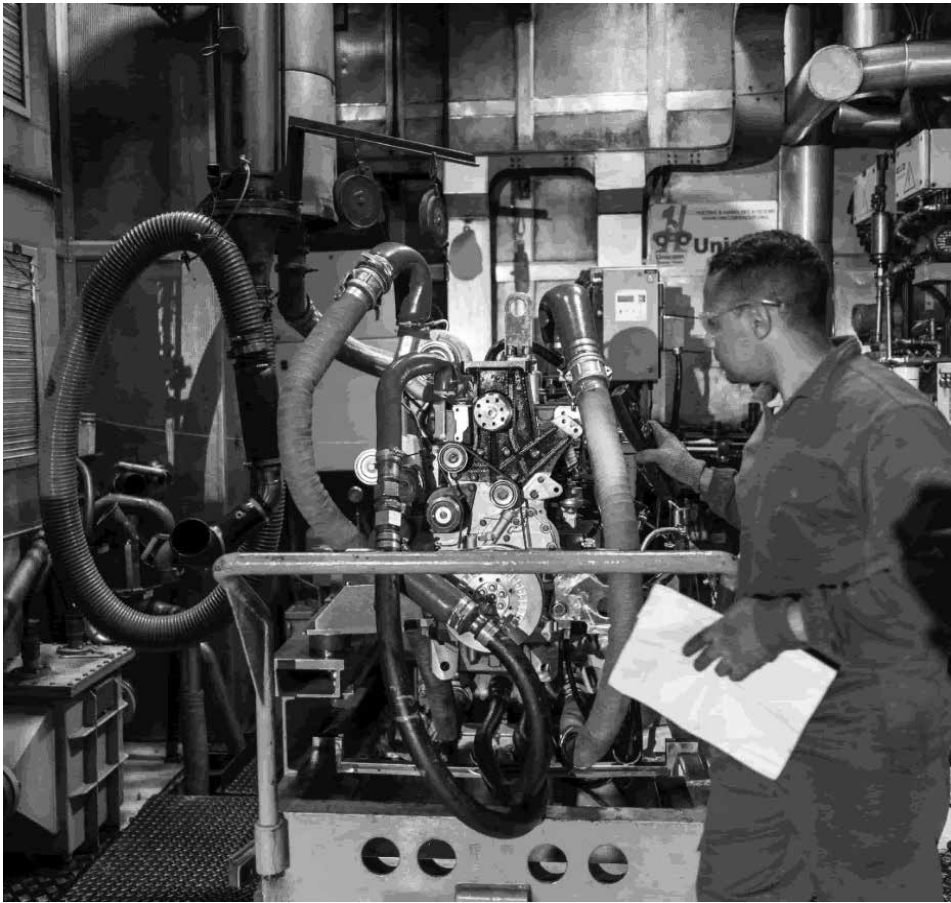
O faturamento industrial caiu 1,2% de abril a maio, mostram os Indicadores Industriais, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). É o terceiro mês consecutivo de queda no indicador.

A sequência negativa resultou no encolhimento de 1% do faturamento industrial no trimestre encerrado em maio, comparado ao trimestre encerrado em fevereiro. Segundo o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo, o resultado reflete a perda de dinamismo da atividade industrial.

“A demanda por produtos industriais vem diminuindo, com impactos na atividade e, consequentemente, na receita das empresas. O ano de 2025 ainda será positivo para a indústria, mas em ritmo abaixo do observado em 2024”, explica.

Por outro lado, o emprego registrou ligeira alta de 0,1%, após queda observada em abril — a primeira em 18 meses. Na comparação do trimestre encerrado em maio com o trimestre imediatamente anterior, o mercado de trabalho da indústria acumulou alta de 0,4%.

Outro indicador que se recuperou após dois meses de desaceleração foi o número de horas trabalhadas na produção, que cresceu 0,8% em maio, interrompendo sequência negativa de março (-2,1%) e abril (-0,3%). No entanto,



Redução da demanda por produtos industriais impactou a atividade econômica

■
Trimestre encerrado em maio registrou o encolhimento de 1% no faturamento, se comparado aos três primeiros meses do ano

o resultado de maio não foi suficiente para o fechamento positivo do trimestre, que registrou diminuição de 0,4%.

Rendimento médio

Segundo o levantamento, a massa salarial caiu 3,9% em maio, revertendo a maior parte da alta observada em abril, de 4,9%. Na comparação entre o trimestre finalizado em maio e o trimestre encerrado em fevereiro, a massa salarial diminuiu 0,6%.

O rendimento médio dos trabalhadores da indústria também encolheu. O indicador caiu 3,8% na passagem de abril para maio. De março a abril,

havia subido 5,2%. O rendimento médio fechou o trimestre de março a maio 0,8% abaixo do observado no trimestre de dezembro de 2024 e fevereiro de 2025.

UCI sobe

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI) da indústria subiu 0,3 ponto percentual de abril a maio, de 78,2% para 78,5%. O resultado reverte parte da queda vista na passagem de março para abril, quando a UCI caiu 0,6 ponto percentual. No trimestre encerrado em maio, a UCI caiu 0,1 ponto percentual em relação ao trimestre encerrado em fevereiro.

Foto: Reprodução/Instagram

Foto: Reprodução/CNI

ENERGIAS RENOVÁVEIS

Sousa amplia formação profissional

Campus da Universidade Estadual da Paraíba está se consolidando na capacitação de novos especialistas

Ascom Secties

O curso superior de Tecnologia em Energias Renováveis, ofertado em Sousa (PB), vinculado ao Campus IV da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tem se consolidado como uma iniciativa estratégica para a formação de profissionais aptos a atuar em um setor cuja demanda por mão de obra especializada é crescente. Criado em 2021, em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), ele tem uma localização estratégica e é o primeiro do Sertão da Paraíba.

Sousa está situada no Alto Sertão, numa região com índices de radiação solar que atingem mais de 2.200 kWh/m² anualmente. Os ventos também favorecem a geração de energia, com velocidade média superior a 7,5 m/s, ideais para geração solar e eólica (Atlas Brasileiro de Energia Solar, 2ª edição).

O secretário Claudio Furtado, um dos idealizadores do curso, explicou a importância de ele ser ofertado no Sertão paraibano. “Essa região que abrange Sousa, Santa Luzia e Patos possui condições ideais para produção de energia solar. O mesmo ocorre com os ventos, para a geração de energia eólica — um recurso renovável abundante nessa área — e o aproveitamento da biomassa como fonte energética”, disse.

“
Por uma iniciativa do governador João Azevêdo, a Secties viabilizou a criação do curso em parceria com a UEPB
Claudio Furtado

O curso foi idealizado pelo Governo da Paraíba e desenvolvido por meio da Secties e da UEPB, a partir da análise do cenário local. “O Governo da Paraíba, por uma iniciativa do governador João Azevêdo, e a Secties viabilizaram a criação do curso em parceria com a UEPB. É o primeiro curso superior de tecnologia voltado para energias renováveis da Paraíba, justamente no Sertão”, explicou Claudio Furtado.

Além de garantir aulas práticas a poucos quilômetros da universidade, Sousa também oferece um mercado de trabalho promissor para os formandos. Os primeiros diplomados, no ano passado, já estão inseridos no mercado de trabalho. A

previsão é que a segunda turma colará grau em agosto deste ano. Tendo em vista essas condições naturais promissoras, empresas do setor de energia renovável estão se instalando em Sousa. O mercado abriu as portas para mão de obra qualificada. “A importância desse curso está em sua proximidade com as necessidades reais das empresas que estão aqui se instalando. Esse alinhamento é um grande diferencial, além da alta taxa de empregabilidade. A maioria dos formandos na primei-



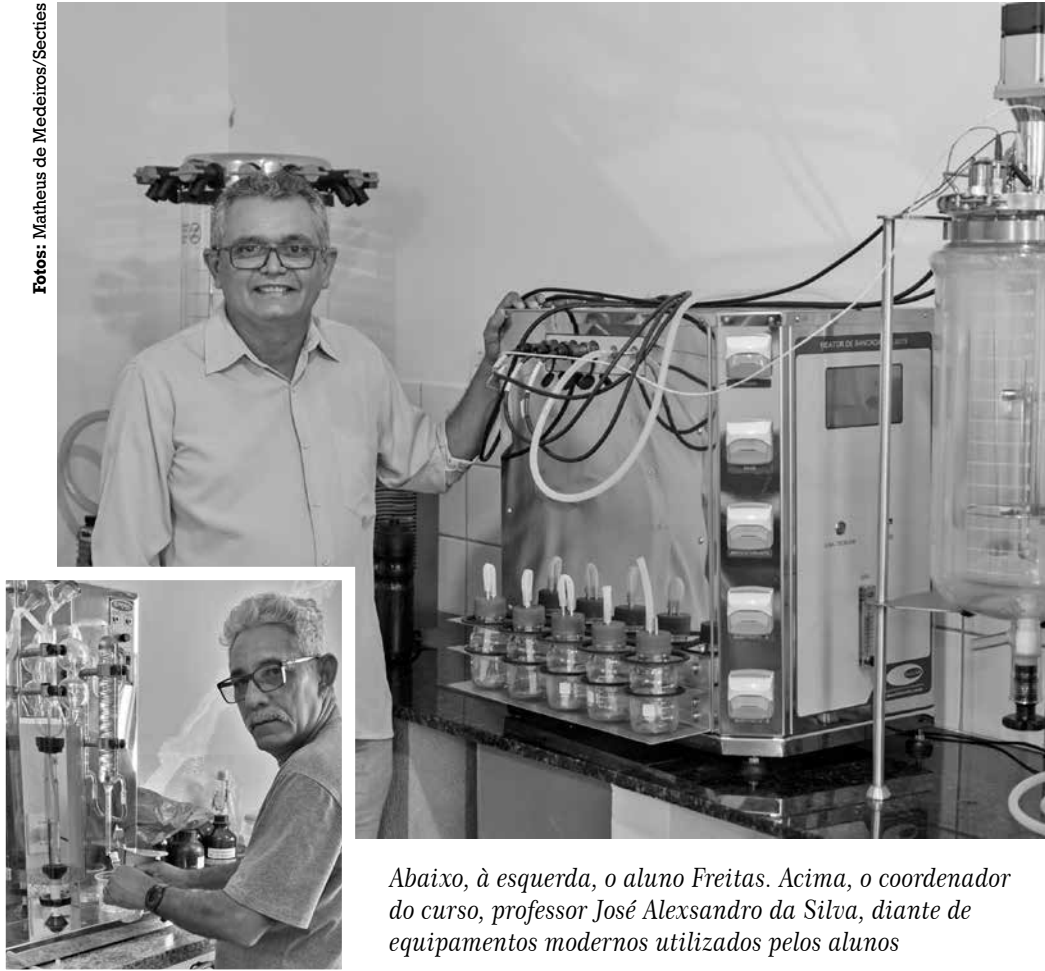
Estudantes que integram primeira turma, ao lado do pesquisador e coordenador do curso Alessandro Silva



Foto: Arquivo pessoal

Foto: Matheus de Medeiros/Secties

Município é um “laboratório a céu aberto”, diz coordenador



Abaixo, à esquerda, o aluno Freitas. Acima, o coordenador do curso, professor José Alessandro da Silva, diante de equipamentos modernos utilizados pelos alunos

Atualmente, o setor energético paraibano demanda profissionais capacitados que possam atuar no segmento de geração de energia eólica, fotovoltaica e de biomassa. O curso de Tecnologia em Energias Renováveis da UEPB em Sousa busca atender a essa necessidade crescente, oferecendo disciplinas essenciais aliadas a conteúdos voltados ao empreendedorismo inovador e às demais fontes de energias renováveis, como biogás e térmica. O coordenador do curso, professor e pesquisador José Alessandro da Silva, destaca a inclinação da cidade sertaneja. “Sousa é um laboratório aberto, extremamente estratégico para o desenvolvimento de competências nas três áreas, eólica, solar e de biomassa. Nossos alunos têm acesso a atividades de campo nos parques eólicos instalados próxi-

mos à cidade”, salientou. Os profissionais formados têm a oportunidade de atuar diretamente no segmento, reduzindo a necessidade de importar mão de obra qualificada e ampliando a oferta local. Também poderão seguir a carreira como cientistas, empresários, investidores e gestores, proporcionando, assim, a geração de emprego e renda para o Estado e a sustentabilidade do setor energético estadual. O curso tem três anos de duração, com carga horária de 2.150 horas de componentes curriculares básicos e 200 horas de atividades complementares. São ofertadas 40 vagas semestrais com ingresso por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Um exemplo do impacto social do curso é a experiência do estudante do 5º período, Freitas Neto. Ele

vislumbra a proximidade da formatura e diz que o curso foi também um incentivo para o retorno aos estudos após mais de três décadas longe das salas de aula. “Estava afastado da sala de aula há 36 anos, quando terminei o Ensino Médio na antiga Escola Agrotécnica Federal de Sousa, hoje IFPB”. Uma amiga comentou sobre o curso e insistiu para ele se matricular. Em agosto de 2023, Freitas iniciou o primeiro semestre. “Com a força de meus novos colegas, eu segui em frente e, com muito esforço, estou chegando ao fim. Hoje, me sinto feliz e fiz grandes amizades. Tenho sido uma espécie de liderança entre os alunos, quando queremos reivindicar alguma coisa. Inclusive, fui eleito para fazer parte do conselho deliberativo do Polo de Sousa”, conta, orgulhoso.

Políticas públicas incentivam busca para uma nova transição

O panorama das políticas e iniciativas públicas para a transição energética na Paraíba é propício ao aproveitamento dessas potencialidades. O Atlas Brasileiro da

Transição Energética (MME/2025), lançado em maio, aponta a existência de sete leis que promovem uma matriz energética mais sustentável e diversificada.

Biocombustíveis
Dentre essas, estão leis que incentivam o uso de biomassa, especialmente para a produção de biocombustíveis, e a geração de energia eólica, fotovoltaica

e de hidrogênio verde. **Linha de crédito**
Em termos executivos, o Atlas Brasileiro da Transição Energética identificou o andamento de dois projetos,

duas ações e dois programas, como o Balanço Energético da Paraíba e o Empreender Solar, uma linha de crédito destinada a pessoas jurídicas que pretendem investir em projetos de microgeração e distri-

buição solar fotovoltaica. As iniciativas e regulamentações na Paraíba contribuem para reduzir a dependência de fontes fósseis e mitigar vulnerabilidades climáticas.

REFLORESTAMENTO

Primatas voltam a ser vistos na Mata Atlântica

Espécies ameaçadas de extinção passeiam em áreas recuperadas

Sara Gomes
sara.gomesreporter@uniao.com

O Programa de Restauração Florestal recuperou 450 hectares de áreas degradadas na Usina Japungu, localizada em Santa Rita, no Corredor ecológico Pacatuba-Gargaú entre duas Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN's) Fazenda Pacatuba e Engenho Gargaú. A iniciativa, liderada pelo Centro de Projetos Ambientais do Nordeste (Cepan) em parceria com a Usina Japungu e a empresa Eco Ocelote, vem gerando impactos positivos. Além de recompor a vegetação nativa, as espécies guariba-de-mãos-ruivas e o macaco-prego-galego, macacos ameaçados de extinção, voltaram a ser vistos nas áreas em processo de restauração. Esses primatas são encontrados no Centro de Endemismo Pernambuco — uma faixa de Mata Atlântica litorânea que se estende de Alagoas até o Rio Grande do Norte.

De acordo com o artigo “Ocorrência de *Sapajus flavius* e *Alouatta belzebul* no Centro de Endemismo Pernambu-

co”, a Paraíba é o estado que apresenta um maior número de populações de ambas as espécies. “Segundo o estudo, existe registro nos municípios de Santa Rita, Mataraça, Rio Tinto, Mamanguape e João Pessoa, na Mata do Burauquinho.

João Pedro Souza, doutor em Biologia e professor do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco, esclarece que a criação de corredores ecológicos contribui para o aumento da diversidade genética. “Quando esses indivíduos expandem a área de circulação aumenta o fluxo genético entre as populações. Afinal, quando um grupo de primatas fica restrito a uma área, a diversidade genética daquela população vai reduzindo a longo prazo. Ou seja, além de reconectar fragmentos de Mata Atlântica, permite o contato entre populações distintas. “Isso impede, por exemplo, o cruzamento entre parentes”. acrescentou.

Reflorestamento

A projeção é que até o fim do ano, a agroindústria Usina

Japungu alcance 1.050 hectares restaurados, sendo 600 com recursos próprios. Os serviços ecossistêmicos estão se regenerando por meio da recuperação do solo. Segundo o geógrafo e coordenador geral do Cepan, Joaquim Freitas, existem áreas onde o solo já demonstra sinais de recuperação, com presença de matéria orgânica e diminuição de erosão. “Isso contribui para a melhoria na infiltração e na disponibilidade de água, considerando que essas áreas estão próximas de nascentes e riachos. Quanto ao carbono, o crescimento das plantas indica o aumento da quantidade de biomassa armazenada”.

Dentro do processo de restauração, a equipe realiza um monitoramento periódico, no qual se acompanha o crescimento do plantio, identificando a flora nativa que está se desenvolvendo e verifica se existe algum fator de degradação. Outro indício de equilíbrio ecológico é a fauna que está circulando na região. “Identificamos pegadas, pelos e fezes de animais”, afir-

mou o coordenador.

Técnicas

Existem diversas técnicas de restauração que vão desde o plantio de mudas tradicionais até a condução de regeneração natural, que ajudam áreas próximas de fragmentos de mata atlântica a se recuperarem. Para alcançar esse objetivo, por exemplo, a equipe removeu gramíneas invasoras, cana-de-açúcar e capins, criando condições favoráveis à regeneração.

A semeadura direta foi outra inovação pioneira na Mata Atlântica do Nordeste. A técnica utilizou sementes colhidas localmente por moradores da região, conforme explica o coordenador do Cepan. “Compramos essas sementes e realizamos os primeiros plantios, fortalecendo a participação da comunidade na recuperação sustentável dessas áreas”, detalhou.

João Pedro Souza, doutor em Biologia e professor do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco, enfatiza, ainda, que todo esse conjunto de técnicas é planejado de forma estratégica, levando em consideração a flora nativa da região, o contexto da paisagem e o grau de degradação das áreas. “Quanto mais próximo de um fragmento florestal e menos degradada a área estiver, menor será a intervenção. Por outro lado, áreas mais distantes de áreas florestais exigem maior intensidade de manejo, como o plantio de mudas e sementes para que a área seja reflorestada”.

Financiamento

O Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (Cepan) busca por meio de seu Programa de Restauração Florestal financiadores dentro e fora do Brasil. O objetivo

é captar recursos identificando empresas e instituições que tenham perfil para investir em áreas de restauração, as quais cerca de 90% das motivações são por responsabilidade social dessas empresas. Um dos principais financiadores do projeto é a Ecosia — uma empresa de tecnologia sediada em Berlim, na Alemanha. Para cada buscador direciona um aporte financeiro para o plantio de árvore em regiões tropicais. Desde 2017, o Cepan vem colaborando com a Ecosia na realização de projetos de reflorestamento em sete estados do Brasil, tendo plantado mais de cinco milhões de árvores nos biomas Mata Atlântica e o Cerrado.



Sementes usadas para reflorestamento de 450 hectares foram colhidas por moradores da região, viabilizando a restauração da vegetação nativa e da biodiversidade

Usina faz ações sustentáveis que envolvem a comunidade

A Usina Japungu produz etanol hidratado (utilizado como combustível em veículos) e álcool em gel 70%. Além disso, a agroindústria produz bioenergia — uma instalação que converte biomassa (matéria orgânica de origem vegetal ou animal) em energia elétrica.

O engenheiro ambiental da Usina Japungu, Antônio Campos, enfatiza que a Usina Japungu capacitou 10 moradores da comunidade Lerolândia para coleta de sementes, o beneficiamento e a produção de mudas. “Parte dessa produção é feita pelos colaboradores da Usina e a outra parcela são os moradores da região”. Além disso, a agroindústria ministra cursos de viveirista, produção de mudas e restauração florestal. Dentro desse contexto surgiu o projeto Adote uma Muda, em que crianças de escolas da comunidade acompanham o crescimento da planta até se tornar uma árvore.

Além do projeto em parceria com o Cepan, a Japungu desenvolve outras iniciativas sustentáveis, a



Todas as ações ambientais, incluindo as voluntárias, exigem cumprimento de obrigações legais

exemplo da irrigação por gotejamento e a colheita mecanizada da cana-de-açúcar. De acordo com Antônio Gomes, a irrigação por gotejamento — uma tecnologia agrícola de alta eficiência — vem sendo aplicada na empresa há mais de 16 anos. “Esse sistema permite uma economia significativa de água, na qual o aproveitamento de água chega a 97% e o desperdício a menos de 3%”. A técnica também proporciona ganhos

de escala na produção agrícola, dobrando a produtividade. Enquanto na irrigação convencional, a eficiência se limita a 70%.

Outro destaque importante da Usina Japungu é a colheita mecanizada da cana-de-açúcar feita sem a queima da palha. Segundo o engenheiro ambiental, essa técnica traz benefícios significativos ao meio ambiente, pois reduz as emissões de gases de carbono. “Cerca de 60% do cultivo da cana-de-

-açúcar é mecanizada. Isso contribui diretamente para a preservação da biodiversidade, pois aumenta a umidade do solo e microfauna. Ou seja, um ganho enorme em termos de sustentabilidade”. Tanto é que a Usina Japungu recebe benefício por Redução de Emissão de Carbono na Atmosfera.

Compensação ambiental

Alciênia Albuquerque, coordenadora da Divisão de Florestas da Superinten-

dência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), considera fundamental essas ações ambientais da iniciativa privada, tendo em vista que elas possuem responsabilidade socioambiental. “As empresas impactam diretamente na pressão dos recursos naturais. Ao desenvolver ações de compensação e de reflorestamento demonstram o interesse e o compromisso com o desenvolvimento sustentável”, ressaltou.

Além de ações ambientais voluntárias, existe o cumprimento de obrigações legais que norteiam essas práticas. “As atividades empresariais no ato da implantação, alteração e/ou ampliação, requerem uso alternativo do solo, exigindo medidas compensatórias, como a reposição florestal. Isso é cobrado no Código Florestal e indispensável dentro do processo de licenciamento”, completou.

A exigência está prevista na Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), conforme o artigo 36: “Todo em-

preendimento de significativo impacto ambiental, assim considerado pelo órgão ambiental competente, com fundamento em estudo de impacto ambiental e respectivo relatório — EIA/RIMA, o empreendedor é obrigado a apoiar a implantação e manutenção de unidade de conservação”, diz a lei.

Quando uma empresa é responsável por emissões significativas de gases de efeito estufa, torna-se necessário adotar medidas mitigadoras com o objetivo de reduzir ou compensar esses impactos, conforme explica Alciênia Albuquerque, que também é doutora em Engenharia Florestal. “No âmbito do mercado de carbono, empresas que emitem abaixo de seus limites podem gerar créditos de carbono, os quais podem ser adquiridos por empresas que ultrapassam o limite. Uma das estratégias de mitigação mais utilizadas é a implementação de projetos de restauração ecológica com espécies nativas, que promovem a captura e o sequestro de carbono da atmosfera”, explicou.

Foto: João Pedro Souza/Colaboração

BOTAFOGO-PB X LONDRINA

Hora de reagir na Série C

Estreia do técnico Evaristo Piza é o novo combustível do Belo para deixar a zona de rebaixamento e sonhar mais alto na disputa

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O Botafogo entra em campo hoje, às 16h30, para enfrentar o Londrina, no Estádio Almeidaão. A partida é válida pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro Série C e marca o retorno de Evaristo Piza, que chegou, na última terça-feira (8), para iniciar sua quarta passagem como treinador do Alvinegro da Estrela Vermelha. O primeiro desafio do velho conhecido da torcida botafoguense será fazer o time sair da zona de rebaixamento da competição nacional. Após 11 jogos, o Belo tem apenas 10 pontos, duas vitórias, quatro empates e cinco derrotas, campanha que o levou à 17ª posição da tabela após a finalização da 10ª rodada. De acordo com o *site* estatístico [chancedegol.com.br](#), o Botafogo tem, no momento, apenas 1,9% de chances de se classificar para a segunda fase e 47% de probabilidade de rebaixamento para a Série D. O histórico do técnico, no entanto, anima o torcedor: na temporada 2020, ele foi contratado em cenário parecido com

o atual e conseguiu impedir o rebaixamento, com direito a um empate que valeu como vitória no clássico contra o Treze, no qual o rival alvinegro acabou caindo para a Série D. Além disso, Piza tem a missão de reconduzir a equipe ao caminho da vitória, algo que não acontece desde a 7ª rodada, quando venceu o Retró por 1 a 0, com gol marcado por Henrique Dourado. A partir daí, em quatro jogos, foram três derrotas e um empate — este na última partida, contra o São Bernardo, na última segunda-feira (7). “Temos que colocar em campo o melhor time para encarar o Londrina. Temos que ter a melhor leitura do jogo no decorrer da partida, fazer as melhores mudanças. Os jogadores também têm que fazer o melhor jogo. É esse o trabalho para o jogo contra o Londrina. E precisamos voltar a vencer. Agora, precisamos pensar em ganhar. Não dá mais para pensar só em não perder. Temos que jogar para ganhar, ir para cima”, afirmou Piza, em coletiva de imprensa de apresentação realizada na quarta-feira (9), na Maravilha do Contorno.

“Primeiro, a gente tem que sanar a parte de baixo da tabela. Só depois vamos pensar na sequência. Podemos vencer duas e saímos de uma zona para olhar outra zona. Mas agora é trabalharmos jogo a jogo, para sair dessa situação. Preciso pensar, agora, no imediato. O principal, hoje, é pensar na manutenção”, acrescentou o treinador.

Adversário

Diferente do Botafogo, o Londrina tem uma realidade bem mais confortável na Terceirona. Invicto há três jogos, o Tubarão vem de um empate diante do Guarani, por 1 a 1, e iniciou a rodada na 4ª colocação na tabela de classificação, com 20 pontos. Diante do Belo, a equipe sulista busca manter a invencibilidade e permanecer no G8. Para o confronto de hoje, o time terá o retorno dos dois volantes: Alison, que volta de suspensão; e Lucas Marques, que tinha ficado fora do último jogo por conta de um problema estomacal. No entanto, o técnico Roger Silva, que cumprirá suspensão, não poderá ficar à beira do gramado.



Jogadores do Botafogo se empenham bastante nos treinamentos para buscar uma nova vitória

Ingressos

A entrada exclusiva pelo setor Oeste Sombra custará R\$ 20 (meia) e R\$ 40 (inteira). No setor Cadeiras, o valor será de R\$ 60 (meia) e R\$ 120 (inteira). Visitantes pagam R\$ 20 (meia) e R\$ 40 (inteira). O clube continua com a promoção dos ingressos sociais, com carga limitada e pelo valor simbólico de R\$ 5,00 + 1kg de alimento não perecível.

Os ingressos podem ser adquiridos, hoje, nas bilheteiras do Estádio Almeidaão, a partir das 9h.

Arbitragem

A arbitragem do confronto será comandada por Marcello Ruda Neves Ramos da Costa (CBF-DF), que terá como assistentes Daniel Henrique da Silva Andrade (CBF-DF) e Lucas Costa Modesto (CBF-DF).

O quarto árbitro será Tiago Ramos de Oliveira (CBF-PB).

Outros jogos

Além de Botafogo x Londrina, a 12ª rodada do Campeonato Brasileiro Série C terá outros dois jogos hoje, ambos às 19h: Caxias recebe o Anápolis, no Estádio Centenário; enquanto o Figueirense duela com o Náutico, no Orlando Scarpelli.

BRASILEIRÃO

Clássico cearense é o principal destaque da rodada de hoje

Da Redação

A 13ª rodada da Série A do Brasileirão terá continuidade hoje, com mais três partidas; às 19h, Corinthians e Bragantino entram em campo, na Neo Química Arena, em São Paulo (SP); já às 20h30, o Cruzeiro duela com o Grêmio, no Mineirão, em Belo Horizonte, enquanto Fortaleza e Ceará enfrentam-se na Arena Castelão, em Fortaleza.

Corinthians x Bragantino

Antes do início desta rodada, o Timão ocupava a décima posição no Brasileirão, com 16 pontos. Fora de campo, o clube enfrenta uma série de problemas internos, que começaram com o afastamento do presidente Augusto Melo, ainda antes da pausa para a disputa da Copa do Mundo de Clubes da Fifa, e se agravaram nos últimos dias, com atraso salarial e a ausência do ata-

cante Memphis Depay em um treinamento, sem justificativa prévia. Do outro lado, o Massa Bruta faz um início de Brasileirão surpreendentemente bom. A equipe de Bragança Paulista briga entre os primeiros colocados. Antes do início da rodada, ocupava o terceiro lugar, com 23 pontos, apenas um ponto atrás

do vice-líder Cruzeiro e do líder Flamengo. A partida de hoje será exibida ao vivo na Record (TV aberta), CazéTV (*streaming*) e Premiere (*pay-per-view*).

Cruzeiro x Grêmio

O confronto entre mineiros e gaúchos será transmitido, com exclusividade,

pelo Amazon Prime Video, por meio da plataforma de *streaming*. O Cabuloso vive ótima fase e briga pela liderança, enquanto os visitantes tentam embalar após sequência de resultados positivos. As equipes já se enfrentaram 82 vezes, com 33 vitórias do Cruzeiro, 26 do Grêmio e 23 empates. Jogando

em Belo Horizonte, a vantagem é expressiva para o time mineiro: foram 25 vitórias em 39 partidas, com apenas oito triunfos gremistas e seis empates. A equipe também conta com uma defesa sólida e está entre as menos vazadas do campeonato. O Grêmio iniciou a rodada na 11ª posição, com 16 pontos, em 12 rodadas. Apesar de um início irregular, o time venceu quatro dos últimos cinco compromissos e vive seu melhor momento na temporada. A equipe tem demonstrado habilidade e destaque na defesa, pois sofreu apenas um gol nos últimos seis jogos.

Ceará x Fortaleza

O clássico cearense é um dos destaques desta rodada. Até o momento, após 12 jogos na competição nacional, o Fortaleza soma 10 pontos e está na zona de rebaixamento, enquanto o Ceará

tem 15 e está na 12ª posição, mas com um jogo a menos. Um triunfo tira o Leão do Z4 e afasta a sequência negativa. Já o Vozão quer a vitória para ficar mais perto do G6 e aumentar a distância da parte de baixo da tabela. O duelo marca o retorno do Clássico-Rei ao Brasileirão após quase três anos. Em 2022, cada equipe venceu uma vez pelo placar mínimo. Naquela temporada, o Fortaleza terminou em 8º, enquanto o Ceará foi rebaixado. A transmissão da partida ficará a cargo do Premiere de maneira exclusiva. O Fortaleza entrou em campo durante a semana pela Copa do Nordeste e foi superado pelo Bahia, fora de casa, por 2 a 1, sendo eliminado da competição nas quartas de final. O Ceará também entrou em campo pela Copa do Nordeste durante a semana e se classificou ao eliminar o Sport fora de casa.



Foto: Ari Ferreira/Red Bull Bragantino

Jogadores do Red Bull Bragantino treinando para o jogo de hoje contra o Corinthians



No livro “Maria, a Vitória da Arte”, o leitor vai conhecer tudo sobre a carreira de Maria Esther Bueno, que encantou o mundo com as vitórias maiúsculas no circuito internacional de tênis

MARIA ESTHER BUENO

Biografia resgata trajetória vitoriosa

Lenda do tênis brasileiro tem sua brilhante história contada num livro de quase 400 páginas com os seus feitos

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

Quase cinco décadas após sua aposentadoria, Maria Esther Bueno ganhou, enfim, uma grande biografia. “Maria, a Vitória da Arte”, do jornalista e escritor Odir Cunha, preenche incrível lacuna sobre a história da lenda do esporte brasileiro e do próprio tênis nacional, em um livro de quase 400 páginas, com diversas fotos inéditas e um robusto registro sobre os feitos da atleta que faleceu em 2018, aos 78 anos.

Os novos e os velhos fãs de tênis vão poder se aprofundar numa das histórias mais brilhantes do esporte nacional, mas que pouco foi acompanhada pelos torcedores na época, em razão das tecnologias restritas e da distância entre o Brasil e a Europa. Maria Esther Bueno foi uma das protagonistas de um período raro na história, quando o país dominava diversas modalidades esportivas, com Pelé, Eder Jofre (boxe) e Ademar Ferreira da Silva (atletismo), além da própria tenista.

“É uma história inspiradora, vai ajudar muita gente”, diz o biógrafo ao Estadão. Odir Cunha acredita que a história de Estherzinha, como era conhecida pelos mais próximos, poderá até injetar ânimo nos jovens tenistas nacionais. “Os jovens vão ter mais confiança quando forem jogar tênis, sabendo que uma brasileira já chegou lá.”

O “lá” a que o jornalista se refere é uma longa lista de títulos e feitos no tênis mundial. São exatamente 589 conquistas, entre chaves de simples, duplas femininas e duplas mistas. A nata destes troféus são os incríveis 19 títulos de Grand Slam, distribuídos também nas três categorias. Em simples, Maria Esther foi tricampeã de Wimbledon e tetra do US Open. Nas duplas, ela fechou o Grand Slam em 1960. Somente no Major britânico, que está sendo disputado até este domingo, foram 14 finais

Ranking

Os títulos fizeram a brasileira alcançar o topo do *ranking* por quatro anos, numa

época pré-WTA, sem a lista oficial tão conhecida hoje em dia. “Não tinha *ranking* oficial, mas havia uma classificação feita por especialistas e revistas. Em 1959, 1960 e 1964, ela foi a número 1 na grande maioria dessas listas. Em 1966, havia divergências. Para muitos, empatou com a Billie Jean King”, explica Cunha.

Os feitos também elevaram o *status* de Maria Esther na Europa, palco das suas maiores conquistas. Até sua morte, era tratada como uma das maiores da história em Wimbledon. Era tão respeitada que deu aulas particulares de tênis para os filhos da princesa Diana, os príncipes William e Harry.

A lenda brasileira também se destacou ao influenciar na moda dentro de quadra. Seus vestidos, mais curtos que o comum para a época, causaram frisson. As vestimentas eram obra do famoso estilista britânico Ted Tinling, que veio a ser personagem na cinebiografia de Billie Jean King, “A Batalha dos Sexos”.

Maria Esther viveu a mesma época de outras lendas do

tênis feminino, como Althea Gibson, Rosie Casals e Margaret Court, a recordista de títulos de simples de Grand Slam no feminino, com 24 troféus. Com seu estilo “saque e voleio”, sucesso na grama onipresente na época, a brasileira foi campeã ao lado de Althea e Billie Jean. Fez duelos históricos com Court e teve a americana Darlene Hard como sua melhor amiga e parceira no circuito.

A paulistana teve carreira curta em comparação às principais rivais. Ela viajava pelo circuito sozinha, sem treinador e sem uma equipe, algo recorrente hoje em dia. E foi alvo fácil de diversos problemas físicos, como uma hepatite e uma crônica contusão no cotovelo direito, que veio a ser responsável pelo fim de sua carreira.

“Maria Esther poderia ter sido ainda maior se tivesse se cuidado mais do ponto de vista físico”, atesta o biógrafo. “Ela achava que treinamento físico, intenso, era sinônimo de inferioridade técnica. Ela nasceu com o dom de jogar e tinha um estilo criativo, artis-

tico. Acreditava que o treino excessivo, o jogo repetitivo, acabaria com sua arte”.

Patrocínio do Estadão

A tenista enfrentou dificuldades financeiras ao longo de sua carreira. O circuito de tênis nas décadas de 50 e 60 era amador, sem premiações em dinheiro. O profissionalismo só vigorou a partir de 1968, justamente na época em que a brasileira enfrentava problemas físicos e pouco jogava. O incentivo das premiações polpudas fizeram Maria Esther tentar estender sua carreira para poder compensar, ao menos em parte, o que perdeu no início da carreira, quando suas vitórias não tinham compensações econômicas.

Em seus primeiros anos no circuito, um dos poucos apoios que recebeu foi do jornal Estadão. Durante quatro anos, o jornal ajudava a atleta com passagens aéreas, tão necessárias para poder acompanhar o circuito. O veículo também ajudava a divulgar os seus feitos, que renderam seus primeiros momentos de

reconhecimento no país. Em 1959, seu primeiro título em Wimbledon foi festejado em seu retorno ao Brasil, com direito a desfile no carro de Bombeiros e *status* de campeã mundial. Na época, o presidente Juscelino Kubitschek chegou a conceder um passaporte diplomático à tenista para ela poder entrar no país com seus troféus sem pagar impostos — o benefício foi retirado anos depois, de forma inexplicada.

Como comprar o livro

Documento essencial para a compreensão do tênis nas décadas de 50 e 60, a biografia de Maria Esther contou com um lançamento incomum, via financiamento coletivo. Assim, não é possível encontrar a obra, ao menos por enquanto, nos *sites* das grandes livrarias.

O livro saiu pela microeditora do próprio autor, a Verbo Livre. Para adquiri-lo, é necessário enviar um e-mail para editoraverbolivre@uol.com.br. A obra é enviada pelos Correios. O preço: R\$ 99,90.

MULHERES NO ESPORTE

Ministério defende protagonismo e mais políticas de gênero

As mulheres no esporte vêm superando limites, alcançando conquistas históricas e reafirmando sua importância dentro do cenário esportivo. O Ministério do Esporte esteve presente na audiência pública realizada pela Comissão do Esporte do Senado Federal, na última quarta-feira (9), para debater justamente os desafios enfrentados pelas mulheres no esporte brasileiro. O encontro reuniu atletas, dirigentes e representantes de entidades públicas, com foco na construção de políticas públicas que promovam a igualdade de gênero no esporte de alto rendimento.

A secretária Nacional de Excelência Esportiva do Ministério do Esporte, Iziane Marques, representou a pasta e destacou os esforços do governo para enfrentar barreiras históricas vividas por atletas mulheres, como a desigualdade salarial, a escassez de patrocínios, a invisibi-

lidade midiática e a ausência de estrutura adequada. “O debate sobre igualdade de gênero é, antes de tudo, sobre acesso, permanência e reconhecimento. Essas barreiras estruturais precisam ser enfrentadas com políticas públicas robustas e interseoriais, que escutem as atletas e gestoras esportivas”, afirmou.

Iziane ressaltou iniciativas lideradas pelo Ministério do Esporte, como a ampliação do programa Bolsa Atleta, que passou a incluir gestantes e puérperas; e o programa Revelar Talentos, que estimula a presença feminina desde a base até a transição de carreira. “Estamos trabalhando para garantir que o esporte seja, de fato, um direito de todas. Isso inclui apoio à maternidade, infraestrutura adequada, acompanhamento multidisciplinar e incentivo à liderança feminina na gestão esportiva”, completou.

A secretária também destacou a representação femi-



Iziane defende a equidade de gênero na gestão esportiva

nina nos espaços de decisão dentro do órgão federal. “Precisamos garantir que as mulheres estejam não só nas quadras, piscinas e pistas, mas também nas comissões técnicas, nos conselhos e nos cargos de liderança. Essa transformação já começou dentro do próprio ministério, com mulheres à frente de áreas estratégicas como a Diretoria de Incentivo ao Esporte,

a Certificação da Lei Pelé e a presidência da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD)”, destacou Iziane, agradecendo o apoio do ministro André Fufuca à equidade de gênero na gestão esportiva. A presidente da ABCD, Adriana Taboza, acompanhou do plenário as discussões.

Além do Ministério do Esporte, participaram da au-

diência representantes do Comitê Olímpico do Brasil (COB), e atletas históricas como Daiane dos Santos, Joanna Maranhão, Jaqueline Silva, Valeska dos Santos e Verônica Hipólito.

Yane Marques, que fez história ao se tornar a primeira mulher a ocupar a vice-presidência do COB, compartilhou sua trajetória como atleta nordestina, mãe e gestora. “Minha história como dirigente não se separa da minha história de mulher. É uma conquista histórica, depois de 111 anos do Comitê Olímpico do Brasil. O desafio é enorme, mas o compromisso é ainda maior. Quero abrir portas para que muitas outras mulheres venham depois”, declarou.

A atleta, Verônica Hipólito, representou o movimento paralímpico e ressaltou os desafios e as expectativas por um melhor cenário da mulher no esporte. “Sabemos o quanto é difícil o cenário para

as mulheres dentro do esporte. E nós do movimento paralímpico temos além de lutar contra o machismo, precisamos lutar também contra o capacitismo. Eu espero um dia, inspirada em vocês, ser um dia voz de liderança dentro do CPB ou do movimento esportivo”.

Presidente da comissão, a senadora Leila Barros, enfatizou que, mesmo com avanços nas últimas décadas, as atletas ainda enfrentam barreiras que limitam o desempenho esportivo e o crescimento do país na formação de talentos. “Falar sobre igualdade de gênero no esporte é reconhecer que, apesar dos avanços, ainda temos um longo caminho a percorrer para garantir às mulheres as mesmas oportunidades que, historicamente, têm sido concedidas aos homens. Suas vozes são fundamentais para que possamos formular políticas mais justas, eficientes e transformadoras”, concluiu.

MUNDIAL DE CLUBES

Relembre a campanha dos brasileiros

Flamengo e Botafogo foram os primeiros a cair nas oitavas; Palmeiras ficou nas quartas e o Flu, nas semifinais

O futebol brasileiro disse adeus ao Mundial de Clubes da Fifa 2025 na última terça-feira (8). Com a derrota do Fluminense para o Chelsea por 2 a 0, todas as quatro equipes do país com mais representantes na competição foram eliminadas.

Além do Tricolor das Laranjeiras, Palmeiras, Flamengo e Botafogo também participaram do Mundial, completando o quarteto dos campeões da Conmebol Libertadores no ciclo de classificação para o Mundial.

“Acredito que a demonstração do torcedor é uma coisa que deixa a gente muito feliz”, falou Thiago Silva, capitão do Fluminense, que saiu sob aplausos do gramado do Estádio MetLife, após a derrota para o Chelsea.

“Nem o mais otimista torcedor poderia imaginar que a gente chegaria numa semifinal com esse adversário na frente. Os aplausos aqui e no Brasil nos deixam satisfeitos. Não foi fácil”. Relembre agora, com a Fifa, a campanha de cada um dos times brasileiros no Mundial.

Fluminense

Cabeça de chave do Grupo F, o Fluminense foi aos Estados Unidos como a equipe brasileira menos badalada. Com o menor orçamento do quarteto, o Tricolor fez uma campanha surpreendente, a começar por sua estreia, um empate em 0 a 0 com o Borussia Dortmund, na qual o Flu jogou melhor. Uma vitória contra o Ulsan por 4 a 2 e um empate sem gols diante do

Mamelodi Sundowns deram ao time de Renato Portaluppi a classificação para o mata-mata como segundo lugar.

Na segunda fase, o Fluminense enfrentou Internazionale (2 a 0), Al-Hilal (2 a 1) e Chelsea (0 a 2) antes de se despedir do Mundial. Apesar do resultado, o clube adotou um tom de orgulho ao falar sobre sua campanha, justamente por ter contrariado as expectativas de muitos dos especialistas, sendo o único time não europeu entre os semifinalistas.

Em uma campanha de resultados surpreendentes, o artilheiro do Fluminense também foi uma surpresa. O volante Hércules, com dois gols marcados contra Internazionale e Al-Hilal, saindo do banco, liderou a tabela de goleadores do Flu.

Principal jogo

Após uma classificação suada no Grupo F, o Fluminense tinha um desafio e tanto já nas oitavas de final: a Internazionale de Milão, vice-campeã da última Liga dos Campeões da UEFA. Com um novo esquema de três zagueiros, pensado e treinado em poucos dias pelo técnico Renato Portaluppi, o Tricolor neutralizou as principais ameaças dos italianos e, com gols de Cano e Hércules, conquistou uma grande vitória por 2 a 0. Foi o único triunfo do Flu em três jogos contra adversários europeus no Mundial.

Palmeiras

O Palmeiras foi o primeiro time brasileiro a entrar em campo no Mundial de Clubes da Fifa. A estreia foi um 0 a 0 com o Porto que, se pareceu representar dois pontos deixados na mesa, deixou o torcedor animado para a sequência do Verdão na competição. A vitória por 2 a 0 sobre o Al Ahly e o empate em 2 a 2 com o Inter Miami levaram o time ao primeiro lugar do Grupo A. Nas oitavas de final, um confronto doméstico contra o Botafogo precisou de prorrogação para ser vencido por 1 a 0. Nas quartas, contra o Chelsea, nem mesmo o marcante gol de Estêvão foi suficien-



O Fluminense foi o melhor brasileiro no Mundial de Clubes disputado nos Estados Unidos

te para evitar a derrota por 2 a 1 e a eliminação do Palmeiras para os ingleses.

Sofrendo com dores na canela, o atacante Paulinho foi ao Mundial com os minutos contados em campo. Mesmo assim, ele fez seu tempo limitado valer, com dois gols decisivos contra Inter Miami e Botafogo, saindo do banco, sendo o artilheiro.

Principal jogo

Rivais em várias das últimas disputas de título no Brasil e na América do Sul, Palmeiras e Botafogo tiveram uma espécie de tira-teima para o mundo inteiro ver nos Estados Unidos. Jogando de maneira imponente, como tornou-se sua marca com Abel

Ferreira, o Verdão precisou de prorrogação, mas fez justiça ao placar e levou a melhor sobre o Botafogo, que, em uma tarde pouco inspirada, sucumbiu diante do gol de Paulinho a minutos do fim.

Flamengo

Reforçado pela contratação do experiente meio-campista Jorginho, o Flamengo fez a melhor primeira fase, em termos de resultado, entre todos os brasileiros. Com duas vitórias contra Espérance (2 a 0) e Chelsea (3 a 1), o Rubro-negro tornou-se o primeiro time de toda a competição a se garantir nas oitavas de final, classificando-se na liderança do Grupo D com uma rodada de antecedência.

Já classificado, o Fla empatou por 1 a 1 com o Los Angeles, em um jogo em que se permitiu fazer alguns testes no time, mas foi surpreendido com um chaveamento forte já nas oitavas de final, enfrentando o Bayern de Munique. Em um duelo franco, o Rubro-negro conheceu sua primeira e definitiva derrota na competição, sendo superado por 4 a 2.

Com poucos minutos, mas muito impacto, o jovem Wallace Yan, de 20 anos, foi o único jogador do Flamengo a marcar dois gols no Mundial de Clubes da Fifa. Ele foi às redes nos jogos contra Chelsea e Los Angeles, mesmo saindo do banco.

Principal jogo

O jogo mais esperado do Flamengo na primeira fase era o confronto com o Chelsea, pela segunda rodada. Mesmo saindo atrás com um erro defensivo, o Rubro-negro soube manter sua cabeça no lugar para conquistar uma grande vitória, de virada, por 3 a 1, graças aos gols de Bruno Henrique, Danilo e Wallace Yan. O resultado foi definitivo para

garantir a classificação como primeiro lugar do Grupo D para o Flamengo, que teve nesse jogo a maior exibição de sua filosofia e talento no Mundial.

Botafogo

Atual campeão do Brasileiro e da Libertadores da América, o Botafogo viajou até os Estados Unidos ciente de que tinha uma tarefa muito complicada pela frente. O Glorioso foi o único brasileiro a ter dois rivais europeus em sua chave e, ao lado de Paris Saint-Germain, Atlético de Madrid e Seattle Sounders, formou o que, para muitos, era o grupo mais difícil do Mundial.

Com um 2 a 1 sobre o Seattle na estreia e uma grande vitória por 1 a 0 contra o PSG, o Botafogo se classificou em segundo lugar, mesmo perdendo para o Atlético de Madrid, na terceira rodada, por 1 a 0. Uma derrota por 1 a 0 para o Palmeiras na prorrogação encerrou a campanha alvinegra nas oitavas de final.

Fazendo seus últimos jogos pelo Botafogo, antes de se transferir ao Nottingham Forest, da Inglaterra, Igor Jesus marcou dois dos três gols do time no Mundial, deixando sua marca nas partidas contra Seattle Sounders e Paris Saint-Germain.

Principal jogo

Na segunda rodada, o Botafogo tinha um encontro marcado com o Paris Saint-Germain, atual campeão da Liga dos Campeões da UEFA. As goleadas por 5 a 0 contra a Internazionale, na final da Champions, e por 4 a 0 sobre o Atlético de Madrid, na estreia do Mundial, mostravam o tamanho do perigo. Mas o Glorioso teve uma atuação defensiva irretocável e, com um gol de Igor Jesus, superou os franceses por 1 a 0 no Rose Bowl. O PSG chegou à grande final.

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



O Palmeiras fez boa campanha, mas caiu para o Chelsea

Foto: Vitor Silva/Botafogo/RJ



O Botafogo conseguiu vencer o finalista PSG por 1 a 0

Foto: Divulgação/Fifa



O Flamengo foi bem na fase de grupos do Mundial, mas nas oitavas acabou goleado pelo Bayern de Munique por 4 a 2

NOS ESTADOS UNIDOS

PSG e Chelsea decidem o Mundial

Final confirma a força do futebol europeu com os dois clubes de maior destaque ao longo de toda competição

Dois gigantes do futebol europeu se enfrentam hoje, em Nova Jersey, para decidir quem será o primeiro campeão da história do Mundial de Clubes da Fifa 2025. Ambos perderam a segunda partida da fase de grupos para times brasileiros — o Chelsea contra o Flamengo, e o Paris Saint-Germain contra o Botafogo —, mas, desde então, não olharam mais para trás. Os dois técnicos da grande final falaram sobre a decisão. “É uma grande conquista. Foi uma temporada fantástica: ficamos entre os quatro primeiros na Premier League, conquistamos o título da Liga Conferência e, agora, estamos na final do Mundial. Estamos muito, muito felizes. Vamos jogar a jogo. Agora temos a última partida da temporada e esperamos ganhar o Mundial”, disse Enzo Maresca, treinador do Chelsea.

“Estamos vivendo uma temporada especial, um momento especial, e temos mais um passo contra um grande time como o Chelsea. Agora é hora de nos prepararmos. Queremos fazer história para o nosso clube”, falou Luis Enrique, treinador do Paris Saint-Germain.

Os ingleses chegam à final graças ao brilho do novo reforço João Pedro, ex-Brighton, que marcou os dois gols da vitória por 2 a 0 sobre seu ex-time, o Fluminense, nas semifinais. O PSG foi ainda mais impres-



Atacante João Pedro foi fatal nas semifinais ao marcar os dois gols contra o Fluminense

sionante, ao golear o Real Madrid por 4 a 0, embora tenha jogado na última quarta-feira (9) e, com isso, fique com um dia a menos de descanso antes da decisão.

O Chelsea contará com a volta do zagueiro Levi Colwill, que cumpriu suspensão na semifinal e deve formar dupla com Trevoh Chalobah no centro da defesa. Liam Delap também retorna de suspensão, mas provavelmente não fica entre os titulares devido ao impacto imediato de João Pedro como referência na frente.

Além disso, o lateral Reece James briga para voltar ao time depois de sair do banco

na vitória sobre o Fluminense, enquanto Moisés Caicedo sofreu uma lesão no tornozelo no fim da mesma partida, o que pode ameaçar sua participação na decisão. Do outro lado, Luis Enrique seguirá sem poder contar com os suspensos Willian Pacheco e Lucas Hernandez. Lucas Beraldo, possivelmente, continua ao lado do capitão Marquinhos no miolo da defesa do PSG. O trio de meio-campistas Viti-nha, João Neves e Fabian Ruiz, além dos pontas Désiré Doué e Khvicha Kvaratskhelia, começaram os quatro jogos anteriores da equipe e devem manter a titularidade.

Após ter jogado cerca de uma hora contra o Real Madrid, a estrela Ousmane Dembélé estará novamente no comando do ataque nesta final.



Fabian Ruiz foi o destaque na vitória sobre o Real Madrid

Equilíbrio é marca constante dos confrontos entre as duas equipes

Paris Saint-Germain e Chelsea o encontro mais importante do Mundial de Clubes, afinal define o primeiro campeão nesse novo formato da competição, mas, ainda assim, é apenas mais um capítulo de uma longa série de duelos entre esses dois gigantes do futebol europeu. Este será o nono jogo entre eles no total, sendo que as equipes se enfrentaram seis vezes em um período intenso de três anos entre 2014 e 2016.

Tem sido um confronto equilibrado, com duas vitórias para os londrinos, três para os parisienses e três empates — commuitos gols marcantes.

O primeiro confronto da história, em setembro de 2004, foi palco do show de Didier Drogba, na partida de estreia da fase de grupos da Liga dos Campeões da Uefa. O marfinense, que havia acabado de chegar do rival do PSG, o Olympique de Marseille, marcou dois gols e silenciou a torcida que o via. Antes, o capitão do Chelsea, John Terry, havia aberto o placar.

Já em novembro de 2004, o técnico do PSG, Vahid Halilhodzic, viu sua equipe fazer uma partida bem melhor em Stamford Bridge, segurando os donos da casa em um empate sem gols. Mateja Kezman, Frank Lampard e Joe Cole quase marcaram pelo Chelsea, assim como o atacante Reinaldo pelo PSG.

Em abril de 2014, uma vitória francesa. O PSG largou na frente nas quartas de final da Liga dos Campeões com um belo sem-pulo de Ezequiel Lavezzi, logo no início. Eden Hazard empatou de pênalti, mas



Drogba marcou os gols na vitória do Chelsea em 2004

um gol contra de David Luiz devolveu a vantagem ao time francês antes de Javier Pastore anotar um golaço, em jogada individual, já nos acréscimos.

Ainda no mesmo mês, o time inglês se impôs. Numa noite dramática em Londres, um gol no fim, de Demba Ba, levou o técnico José Mourinho à loucura, completando a virada no placar agregado, que começou com o gol de André Schurrle no primeiro tempo. O Chelsea avançou às semifinais pelo critério de gols fora de casa.

No ano seguinte, um empate. O time francês saiu frustrado após empatar no jogo de ida das oitavas de final da Liga dos Campeões. Branislav Ivanovic abriu o placar de cabeça para o Chelsea, mas Edinson Cavani empatou para o PSG, que pressionou muito, mas não conseguiu a vitória.

Em março de 2015, novo embate eletrizante. Com um jogador a menos, o PSG deu o troco numa noite épica. Zlatan Ibrahimovic foi expulso, aos 31

minutos, e Gary Cahill parecia ter garantido a classificação, até David Luiz empatar contra seu ex-time. Eden Hazard marcou de pênalti na prorrogação, mas Thiago Silva, com uma cabeçada histórica, classificou o PSG pelo critério de gols fora de casa.

Em 2016, o PSG voltou a vencer, agora de 2 x 1. Outro duelo de oitavas de final terminou em festa parisiense na Europa. Um chute de falta desviado, de Ibrahimovic, abriu o placar, mas John Mikel Obi empatou. Mais uma vez, Cavani marcou contra o Chelsea, ao completar o passe de Ángel Di María, garantindo vantagem para o jogo de volta.

Em março do mesmo ano, outra vitória parisiense. O Chelsea voltou a ser eliminado, dessa vez por um PSG inspirado por Ibrahimovic. O sueco deu a assistência para Adrien Rabiot abrir o placar e depois marcou o gol da vitória, após Diego Costa empatar para dar esperança ao time inglês.

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

FABIANA KARLA

TANIA BONDEZAN

12

RADOJKA

UMA COMÉDIA FRIAMENTE CALCULADA

DE FERNANDO SCHMIDT E CHRISTIAN IBARZABAL

DIREÇÃO: ODILON WAGNER

25 A 27 DE JULHO • TEATRO PAULO PONTES

JOÃO PESSOA, PB • SEXTA 20H | SÁBADO 20H | DOMINGO 18H

INGRESSOS DISPONÍVEIS EM WWW.RADOJKA.ART.BR E [Ingresso Digital](#)

“Quem ama preserva. Preservar o meio ambiente, é preservar a vida”

PATROCÍNIO

APOIO

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

MEMÓRIA

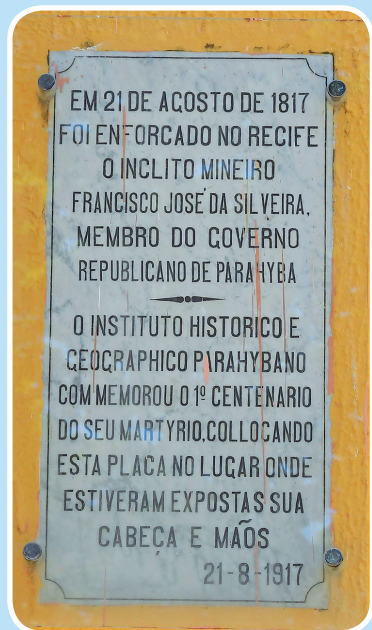
Marcos de um estado de terror

Espalhadas por João Pessoa, placas indicam exposições públicas de corpos dos “traidores” da coroa portuguesa

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Quem passa às pressas pela Rua Trincheiras, em João Pessoa, mais precisamente na esquina com a Av. João Machado, onde fica situada a Igreja Nossa Senhora de Lourdes, não deve imaginar que aquele local foi palco, há mais de 200 anos, de uma cena de terror: a exposição da cabeça e das mãos do jovem de 19 anos, José Peregrino Xavier de Carvalho, que havia sido enforcado no Recife, em 1817, por ter participado do movimento republicano que pregava a separação das capitanias do Nordeste brasileiro, incluindo a Paraíba, da corte portuguesa.

Esse fato só não passa despercebido por alguém mais atento graças a uma placa indicativa, afixada por ocasião do centenário do ocorrido, pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). O presidente da entidade, o historiador e escritor Jean Patrício, informa que a ação, realizada na gestão do presidente Flávio Maroja, no início do século passado, tinha por objetivo registrar determinados fatos históricos da Paraíba, mas também precisa ser retomada hoje. “Existem outras placas pela cidade, que são frutos de determinados momentos da história. E é uma iniciativa muito interessante, que o instituto, com os entes públicos e a iniciativa privada, poderia pensar até numa restauração”, sugere.



As placas afixadas pelo IHGP recuperam a memória dos locais nos quais foram executadas punições exemplares aos participantes da Revolução de 1817, conhecida também como Revolução dos Padres ou Revolução Pernambucana, e que é considerado um dos conflitos mais sangrentos da capital paraibana. Os outros locais de João Pessoa que guardam as marcas do terror do Estado Português no Brasil Colônia são uma casa em ruínas, situada na ladeira São Pedro Gonçalves, às margens da ferrovia, em frente à qual foram expostas a cabeça e as mãos de Amaro Gomes Coutinho, outro líder da revolta, e a Praça Rio Branco (onde acontece o *Sabadinho Bom*), onde foram expostas a cabeça e as mãos de Francisco José da Silveira. O Mosteiro de São Bento, na Rua General Osório, nº 36, no Centro da capital, foi lugar onde os revolucionários paraibanos renderam-se às tropas portuguesas e também possui uma placa alusiva ao fato. Segundo investigação feita pela historia-

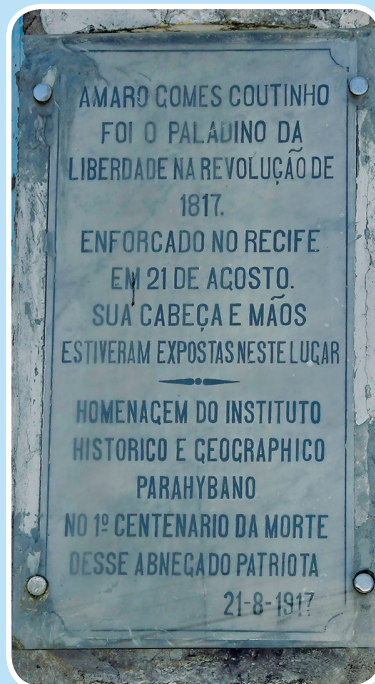
dora Serioja Mariano, na cidade de Parahyba, ao menos cinco participantes do movimento tiveram partes de seus corpos expostos em locais públicos.

O dado, recuperado pela professora de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Ariane Sá, corrobora a ideia de um “terror” do estado. “A existência do pelourinho nas cidades para punir os escravizados, os castigos, as execuções e as exposições públicas de corpos eram utilizadas como instrumentos de controle social e político”, explica a docente.

A historiadora lembra que a responsabilidade pela justiça era dos governadores e ouvidores, que tinham poder de julgar e aplicar punições, incluindo a pena de morte. Os casos mais graves eram julgados por um Tribunal da Relação, que também possuía o poder de revisar as decisões dos governadores e ouvidores. “Em relação à punição, que ocorreu em 1817, as ordens vieram diretamente de D. João VI que, desde 1808, estava instalado no Rio de Janeiro com sua corte. Após adiar sua festa de aclamação do soberano do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves em decorrência do movimento sedicioso, D. João VI ordenou que as punições aos participantes do movimento de 1817 fossem severas e exemplares, para que algo do tipo jamais voltasse a acontecer”, detalha Ariane Sá.

Indicar locais da prática de tamanho horror praticados pela coroa portuguesa, como os que ocorreram com os participantes do movimento separatista na Paraíba, pode até parecer chocante, mas podem servir para, de alguma forma, dar exemplo, agora, do que não deve acontecer. “A existência de placas e monumentos em uma cidade criam uma conexão entre o passado e o presente e permitem que as gerações atuais e futuras entendam melhor a importância dos eventos históricos ocorridos em sua cidade. No caso da placa na Rua Trincheira, na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, essa memória serve como um lembrete da história do movimento de 1817 e pode levar as pessoas a terem um maior interesse pela história local, encorajando-as a aprender mais sobre o assunto”, argumenta a professora Ariane. Segundo ela, demarcar os locais onde ocorreram fatos históricos é uma forma de preservar a história e a cultura de uma cidade, pois ajuda a definir a

identidade de seus moradores e criar um senso de pertencimento da comunidade, além de ser um recurso educacional.



Algumas das placas afixadas pelo IHGP estão se apagando, mas boa parte da população quase não as nota. Quantos outros locais que guardam eventos históricos, na capital paraibana, sem placa, continuam apagados? As belas ruas, casarios e igrejas da terceira cidade mais antiga do Brasil reclama por ser mais conhecida, sobretudo, de seus moradores. “Falta investimento para que saíamos da categoria de cidade praiana e consolidemos um turismo histórico, que é mais sustentável e atraente para turistas interessados em aprender sobre a história da cidade e sua importância cultural. Para isso, seria interessante que o Poder Público investisse mais em iluminação, segurança e sinalização digital para identificar cada rua, prédio e igreja, com narrativas sobre a história e a importância cultural da cidade”, defende a professora Ariane.

Normas do medo

As leis penais aplicadas pela coroa portuguesa no período do Brasil Colônia ficaram conhecidas

como *Ordenações Filipinas*, um conjunto de normas compiladas. O *Livro V*, chamado de *Libri Terribilis* (livro terrível ou livro do terror, em tradução livre), era o que trazia as sentenças, cuja principal característica era a intimidação pelo terror, visando impor medo para que as pessoas se submetessem ao Estado sem a possibilidade de questioná-lo.

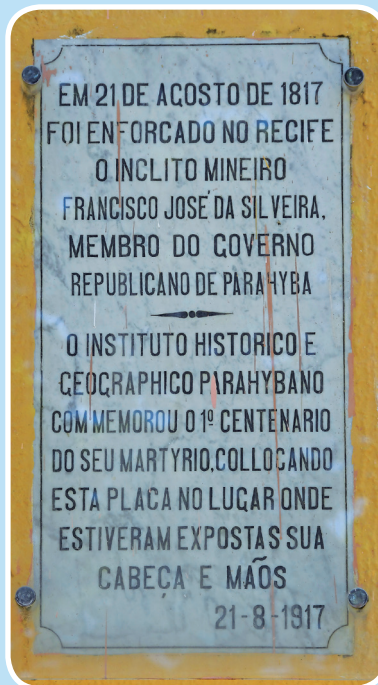
Dentre as penas aplicadas, constavam a “morte natural”, que era o enforcamento, e a “morte natural para sempre”, que deixava o enforcado pendente até cair podre sobre o solo, sem ser sepultado. Já o condenado à “morte natural cruelmente” era esquartejado e os seus restos mortais expostos, os seus bens eram confiscados e o crime atingia descendentes até a quarta geração.

Na sentença de condenação de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, consta que deveria ser “conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca e nela morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica onde, em o lugar mais público dela, será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma e o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes, pelo caminho de Minas, no sítio da Varginha e das Cebolas, onde o réu teve as suas infames práticas, e os mais nos sítios de maiores povoa-

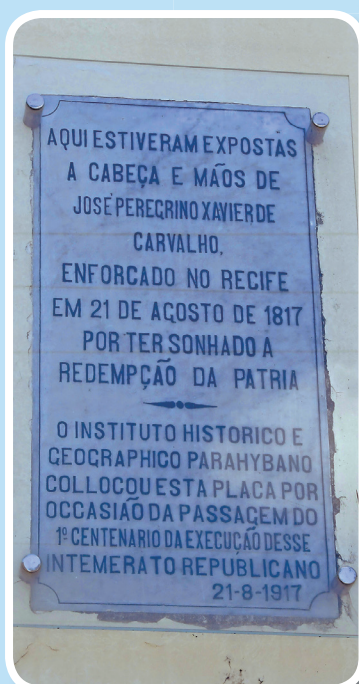
ções, até que o tempo também os consuma”.

O caso de Tiradentes também é ilustrativo de uma espécie de “delação premiada” prevista nas *Ordenações Filipinas*. Os que denunciasses conspiração contra a Coroa portuguesa antes que fosse descoberta poderiam ficar isentos da pena.

Talvez, pensando nisso, é que o pai do jovem José Peregrino Xavier de Carvalho o convenceu, tendo nas mãos um crucifixo nas mãos, a se entregar às tropas reais. A vida do rapaz, no entanto, não foi poupada. A cena do pedido do pai foi imortalizada em óleo sobre tela pelo artista Antônio Parreiras (1860—1937), que adorna o Salão Nobre do Palácio da Redenção, sede do Governo da Paraíba.



Afixadas pelo IHGP por conta do centenário (em 1917), placas detalham as punições exemplares aos participantes da Revolução de 1817, conhecida também como Revolução dos Padres



Placa na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, indicando o local de exposição da cabeça e das mãos do jovem separatista José Peregrino Xavier de Carvalho, em 1817

Mozart de Assis

Empresário foi um empreendedor pioneiro na indústria radiofônica

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Dinamismo e rigor fizeram do gerente comercial do Alto Sertão paraibano um empreendedor pioneiro na indústria radiofônica. Dos alto-falantes instalados pelas principais ruas da cidade, passando pelas frequências longas e curtas das ondas hertzianas, Mozart de Assis multiplicou habilidades como comunicador tanto no “boca a boca”, junto aos seus clientes, quanto na condução das emissoras que comandou, sempre atento aos ouvintes e buscando aperfeiçoar as qualidades técnicas e de programação.

Mozart de Souza Assis, o mais velho dos filhos de Emídio Assis e Otília Soares, nasceu em Acari, no Rio Grande do Norte, em 18 de outubro de 1923, em razão dos pais estarem a trabalho no município potiguar, mas foi registrado em Cajazeiras, na Paraíba. Ainda jovem, migrou para São Paulo (SP), de onde retornou casado com Genedy Lira, com quem teve seis filhos. Antes disso, já demonstrava seu tino para os negócios à frente de uma bodega familiar chamada Cova da Onça.

Na volta do Sudeste, trabalhou como escriturário em um hospital até que, por influência de um amigo, conseguiu o emprego como gerente da Loja Carvalho e Dutra & Cia. Ltda., que vendia itens como pianos, cofres, fogões, máquinas de costura e de escrever e outros eletrodomésticos, como rádio, rádios e toca-discos. Construiu ali sua trajetória como homem de negócios, atuando também como agente da Aeronorte, consórcio que operava com aviões Douglas DC-3 e realizava voos semanais partindo de Cajazeiras. Posteriormente, Mozart constituiria, com seus irmãos, Jessé e Francisco, a sua própria loja de eletrodomésticos, a Eletro Famoje, que se tornou referência na região.

Atento às novidades da cidade grande, incentivou os proprietários da Loja

Carvalho e Dutra a transformar o pequeno serviço de propaganda em frente do prédio em algo maior, instalando sistema de linhas físicas com alto-falantes pelas principais ruas e praças, fixados nos postes de iluminação e na frente dos prédios. Fundou, assim, em 5 de agosto de 1938, a Difusora Rádio Cajazeiras, que se tornaria um marco da história da comunicação da cidade.

Jornalista e cineasta Lúcio Vilar relata, no livro *Janela da sedução cotidiana: estudo sobre cultura e comunicação*, fruto de sua pesquisa de mestrado sobre a radiofonia sertaneja, que a instalação do serviço de transmissão deixou os cajazeirenses deslumbrados. A programação tratava, segundo o escritor, de interesses coletivos e divulgava os acontecimentos da cidade e os eventos culturais, funcionando algumas horas ao longo do dia.

O serviço de alto-falantes estimulou a instalação da primeira emissora, chamada também de Difusora Rádio Cajazeiras (DRC), que foi ao ar, em caráter experimental, em 19 de março de 1964. “Quando fundou a difusora, a população já tinha uma relação afetiva com esse tipo de comunicação, por enxergar nela ganhos sociais concretos. Com a rádio, essa expectativa se ampliou. A difusora virou uma plataforma de formação: nomes como Mailson da Nóbrega, então jovem bancário, começaram ali, fazendo programas de economia inspirados (ou copiando) comentaristas econômicos da BBC, de Londres”, explica Vilar. A colaboração dos cajazeirenses foi fundamental para manter a emissora nos primeiros dias, e a população respondia positivamente, doando discos espontaneamente. Tudo isso contribuiu para que a emissora se tornasse muito querida na cidade.

Em entrevista ao jornalista pesquisador, Mailson da Nóbrega, que posteriormente viria a se tornar ministro da Fazenda no Governo Sarney, recordou as dificuldades com termos técnicos, como BG, utilizado para entrada e



Potiguar radicado na Paraíba fundou a Difusora Rádio de Cajazeiras (DRC) e a Patamutê FM, além de ter criado a Orquestra Manaíra

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Linguagem Simples exige abordagem centrada nos cidadãos

O uso da Linguagem Simples vem ganhando mais e mais adeptos nos órgãos públicos brasileiros, especialmente por ser uma abordagem centrada nos cidadãos, buscando clareza, objetividade e empatia. Contudo, adotá-la vai além da simples escrita: envolve arquitetura da informação, estrutura de frases e *design*.

No Brasil, o termo Linguagem Simples refere-se a um conjunto de técnicas de redação e *design* da informação para produzir textos claros. Em outras nações, conceitos similares são utilizados, como “Lenguaje Claro” (países de língua espanhola), “Linguagem Clara” (Portugal) e “Plain Language” (países de língua inglesa).

Conforme o *Manual de Linguagem Simples: como planejar, desenvolver e testar textos que funcionam*, da jornalista Patrícia Roedel, o objetivo primordial da Linguagem Simples é capacitar o cidadão a encontrar as informações que procura facilmente; entender o que encontrou sem precisar reler o texto várias vezes; e conseguir usar a informação para aquilo que precisa.

Nesse contexto, não basta escrever bem, até mesmo porque “a Linguagem Simples vai muito além da escolha de palavras”, como está claro no manual. Logo, sua ado-



Jornalista e servidora pública Patrícia Roedel, autora do “Manual de Linguagem Simples”

ção não se trata meramente de substituir palavras complexas por termos fáceis. “Queremos que as pessoas usem a maior parte da sua cognição para entender o assunto, não para decifrar a mensagem”, explica Patrícia Roedel.

Em sua obra, a jornalista cita que a Linguagem Simples abrange diretrizes de arquitetura da informação, estrutura de frases

e *design* da informação, visando reduzir o esforço cognitivo do leitor. Tais diretrizes têm como base estudos da psicolinguística, da neurolinguística e do *design* da informação. Remetem também a questões de usabilidade, *UX writing*, jornada do usuário, acessibilidade e *design thinking*.

O foco da Linguagem Simples, orienta o manual, deve estar nas necessidades do

usuário, não nas de quem produz o conteúdo. Assim, para que o usuário da informação seja o centro do processo, três etapas devem ser levadas em consideração:

1. Planejar (conhecer as características e necessidades do público para definir o que deve ser comunicado, como e onde);
2. Desenvolver (definir a arquitetura, redigir e diagramar a informação de acordo com as diretrizes propostas pela Linguagem Simples);
3. Avaliar (verificar a compreensão e a usabilidade do produto final).

Cada uma dessas fases é detalhada no documento, que também traz testes de compreensão textual e testes de usabilidade, além de avaliação de inspeção (feita para verificar se as diretrizes de Linguagem Simples foram atendidas no documento).

Ao longo do *Manual de Linguagem Simples: como planejar, desenvolver e testar textos que funcionam* (editado pela Câmara dos Deputados e disponível gratuitamente), o leitor vai se deparar com um conteúdo rico sobre a aplicação da Linguagem Simples, incluindo exemplos de textos reformulados. Se você atua em órgãos públicos ou apenas quer saber mais sobre o tema, recomendando a leitura.

saída da música: “Quando entrava o locutor, que baixava música, tudo aquilo era feito de maneira improvisada. E, no dia da entrada no ar da DRC, eu me lembro que nós ficávamos discutindo, como é que entra, como é que funciona? Quando entra, quando é que não entra, sabe [sic]. Tudo aquilo foi feito com um mapa enorme, no qual a gente calculava os minutos, os segundos. Depois, a gente se deu conta de que, para tudo aquilo, existem técnicas eficazes de condução de programas”.

Em razão disso, o professor Francelino Soares, que integrou a primeira equipe de profissionais e chegou a desempenhar a função de diretor de Produção da emissora, conta que Mozart trouxe um especialista em sonoplastia de Juazeiro do Norte, no Ceará, para treinar os que ficariam responsáveis pelo controle de som e também os locutores, até que pudessem assumir as funções de forma independente. O professor cajazeirense explica que Mozart nunca chegou a atuar com os microfones, mas trabalhava no sentido de dar as condições de sustentabilidade à proposta, seja pelos apoios comerciais publicitários, inclusive na fase experimental, seja pela escuta atenta dos ouvintes, funcionando como uma espécie de medidor da audiência.

“Ele era o proprietário, o gerente, e dava sugestões e ideias para a programação, avaliando a audiência e nisso ele era muito cuidadoso. Era, o que a gente pode dizer, elétrico. E era muito conhecido em Cajazeiras, extremamente popular. Conhecia aquele pessoal que comprava um ferro de engomar, apare-

lho de rádio, pois a loja onde trabalhava foi a primeira a vender esses produtos. E o povo o conhecia e admirava, porque ele andava pelas casas das pessoas para saber se o aparelho estava pegando, para saber a opinião sobre a rádio”, destaca Francelino Soares.

A Difusora Rádio Cajazeiras aumentou progressivamente sua potência de transmissão, mas as dificuldades para conseguir anúncios publicitários em âmbito local e honrar os compromissos com a folha de pagamento motivaram Mozart a vendê-la, em 1985. No fim da década de 1970, no entanto, o empresário ousava novamente ao colocar no ar outra emissora, a Patamutê FM, considerada a segunda em frequência modulada a funcionar no estado e que investia numa programação “enlatada” e mais musical, com conteúdo da FM Transamérica, de São Paulo. A emissora também foi vendida em 1985, que passou a possuir o controle acionário do Grupo Cavalcanti & Primo.

Paixão musical

Lúcio Vilar descreve Mozart de Assis como um homem profundamente comprometido com sua missão, que tinha firmeza e clareza sobre os rumos da difusora. “Ele era inflexível e exigente, traços que marcaram sua atuação como gestor e comunicador. Como diretor e proprietário, era extremamente rigoroso. Cobrava pontualidade, qualidade e responsabilidade. Advertências, suspensões ou demissões eram comuns diante de falhas. No entanto, sem entrar muito no mérito de sua metodologia, anacrônica para os dias de hoje, esse es-

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O romantismo popular e o popularesco na MPB — VI

Ele é ainda considerado, na MPB, um dos maiores intérpretes românticos de seu tempo, considerado um “seresteiro fora de época”, ao melhor estilo de Francisco Alves, Orlando Silva ou Sílvio Caldas, para citar apenas essa trindade.

Cantor, compositor e instrumentista, Altamar Dutra de Oliveira (Aimorés, MG, 1940–Nova York, EUA, 1983) cuidou bem tanto de suas interpretações como da escolha do seu repertório, podendo e devendo ser rotulado como adepto de um romantismo popular, infenso, portanto, às chancelas de popularesco.

Desde a infância, já possuía o dom artístico, o que levou sua família a estabelecer-se na cidade de Colatina (ES), onde as perspectivas de reconhecimento do seu valor eram mais palpáveis. Assim, logo aos 12 anos de idade, iniciou sua carreira, apresentando-se com sucesso na Rádio Difusora de Colatina, interpretando músicas do repertório de Chico Viola. Então, diante do vislumbre e da continuidade do sucesso, mesmo antes de atingir a maioridade, seguiu para o Rio de Janeiro, levando a tiracolo uma carta do já compositor Jair Amorim (Santa Leopoldina, ES, 1915–São José dos Campos, SP, 1993), encaminhando-o a amigos do meio artístico carioca. Inicia-se, então, um período que Altamar considerava de estágio nas casas noturnas e de espetáculos, como era comum.

Após uma gravação inicial pela pequena gravadora Tiger— “Saudade que vem” (Olde-mar Magalhães e Célio Ferreira) e “Somente uma vez” (Luís Mergulhão e Roberto Moreira)— em 1963, Altamar foi apresentado à mídia radiofônica de então pelo próprio Jair Amorim, no programa *Boleros dentro da noite*, da Rádio Mundial do Rio. A repercussão do sucesso fez com que Joãozinho, integrante do consagrado Trio Irakitan, levasse-o à gravadora Odeon,



Na MPB, Altamar Dutra, um “seresteiro fora de época”, foi considerado um dos maiores intérpretes românticos de seu tempo

sendo logo contratado e lançando o seu primeiro grande hit: “Tudo de mim”, início de um longo caminho com sucessos da dupla Evaldo Gouveia e Jair Amorim: “De que é feito afinal/ este seu coração / e que espécie de amor / você deseja dar”. Melhor cartão de apresentação não teria sido possível! Da noite para o dia — pode-se dizer —, surgia no Brasil “A Grande Revelação”.

Obviamente, como “em time que ganha não se mexe”, da dupla de compositores, Altamar ainda emplacou outros grandes sucessos, como “Sentimental demais”, “Que queres tu de mim?”, “Brigas” (1966), esta seria a sua música preferida e com a qual, segundo ele afirmava, gostaria de ser sempre lembrado: “Brigo eu / você briga também / por coisas tão banais / E o amor / em momentos assim

inejável do empreendedor no comércio e na radiodifusão.

“Ele era empolgado com tudo que fazia. O poder de organização e liderança dele era imenso, tanto que transformava uma coisa pequena numa coisa fantástica. E a qualidade era de fundamental importância. Por isso, ele não considerava que a coisa fosse feita de qualquer jeito, mas com responsabilidade”, relata um dos filhos, Rogério Assis. Ele também recorda que a DRC, que foi chamada de “A pioneira”, também deu importante contribuição para formação de muitos profissionais do rádio paraibano.

“Ele nunca foi locutor, nunca foi repórter, mas tinha certa sensibilidade para isso. Uma história que ilustra bem isso é a de um repórter que, depois de chegar à emissora, que ficava no Centro da cidade, foi perguntado por ele qual era a notícia que tinha para dar. Ao responder que não tinha nenhuma, Mozart o questionou: ‘Quer dizer que você vem de sua casa até aqui e não encontrou nenhuma notícia?’. Ele estava provocando o repórter para mostrar que poderia produzir alguma notícia de algo que tinha visto durante o trajeto de sua casa até a rádio”, relata Rogério, destacando que o pai sempre buscava participar dos congressos de comunicação para ficar por dentro das inovações.

Depois que vendeu as emissoras de rádio em Cajazeiras, Mozart de Assis transferiu-se para Campina Grande, dedicando seu tempo ao *hobby* preferido: a música. Ele faleceu em João Pessoa, em 24 de junho de 2008, aos 84 anos de idade.

/ morre um pouquinho mais / E, ao morrer, então é que se vê / Que quem morreu / fui eu e foi você / pois sem amor / estamos sós / Morremos nós”.

Outro dos grandes sucessos de Altamar Dutra foi o bolero “Maldito”, de 1963: “Maldito seja o amor / o alucinado amor / que me prendeu / Maldito seja o olhar / aquele frio olhar / que me venceu. / A mão que me afagou / o beijo que ficou / perdido em minha boca / Quem tudo quis de mim / quem fez minha alma assim / sozinha e louca”.

Altamar foi casado com a também cantora Marta Mendonça (Uberaba, MG, 1940), casal que nos deixou os filhos, Deusa Dutra e Altamar Dutra Júnior, que, com semelhante sucesso, seguiu os passos do pai.

Em 1969, investindo em uma carreira latino-americana, a Odeon levou-o aos Estados Unidos, quando ele passou a ser cognominado de “O Trovador das Américas”, título, certamente, advindo de sua antológica gravação para a marcha-rancho “O Trovador” (“pra variar”, outra criação da dupla Evaldo e Jair).

Para o mercado latino, ele gravou um álbum (*El bolero se canta así*) com sucessos consagrados de Lucho Gatica.

Eclético, como intérprete, gravou de Tito Madi (“Espera”) e Luiz Vieira (“Os Olhinhos do Menino”) a Isolda e Milton Carlos (“Um jeito estúpido de te amar”).

Como se sabe, nos fins dos anos 1950, com o surgimento da Bossa Nova, o estilo de bolero romântico cultuado por Altamar Dutra sofreu um certo declínio, mas não atingiu a sua popularidade.

Em 1983, com apenas 43 anos, quando se apresentava para a comunidade latino-americana, no clube noturno El Continente, em Nova York, Estados Unidos, sofreu um derrame cerebral, que o levou a óbito.

ONLYFANS

Intimidade *on-line* que resulta em monetização

Quem é o enigmático bilionário por trás do império da pornografia digital

Henrique Sampaio
Agência Estado

Leo Radvinsky não aparece em eventos, não dá entrevistas e tem apenas uma ou outra foto pública circulando na internet. Mas, mesmo longe dos holofotes, ele comanda uma das plataformas mais lucrativas e controversas da era digital: o OnlyFans.

Nascido na antiga União Soviética e criado em Chicago, Radvinsky, hoje com 43 anos, transformou o que antes eram negócios obscuros na internet em um império bilionário centrado na monetização da intimidade *on-line*.

Desde cedo, ele percebeu oportunidades no sub-mundo digital. Ainda adolescente, fundou a empresa Cybertania, que operava *sites* oferecendo supostas senhas *hackeadas* para portais pornográficos. Embora não haja provas de que esses *sites* mantinham conteúdo ilegal, eles baseavam-se na lógica caça-clique para gerar receita. Em 2002, um de seus portais, o *Ultra Passwords*, faturava até US\$ 5 mil por dia. A empresa enfrentou processos de gigantes como Microsoft e Amazon por campanhas de *spam*, mas Radvinsky sempre evitou condenações formais, encerrando disputas fora dos tribunais.

Formado em Economia pela Universidade Northwestern, Radvinsky continuou expandindo seu império com iniciativas como o MyFreeCams, um dos pioneiros no setor de *camming*, combinan-

do conversas ao vivo com conteúdo sexual sob demanda. Em 2018, ele deu seu maior passo ao adquirir o controle total da britânica OnlyFans, então uma pequena rede voltada à venda de conteúdo por assinatura.

Sob sua gestão, o *site* explodiu durante a pandemia, quando milhões de pessoas buscaram novas formas de renda e conexão. O modelo é simples: criadores — de celebridades a trabalhadores sexuais — cobram assinaturas mensais por acesso a seus conteúdos, ficando com 80% da receita. O OnlyFans cresceu ao se apoiar nas redes sociais: imagens picantes no Instagram e TikTok, e trechos explícitos no X (antigo Twitter) funcionam como iscas para os *links* pagos. Em 2021, o *site* acrescentava até 300 mil usuários por dia.

Hoje, o OnlyFans tem mais de 300 milhões de usuários registrados e faturamento bilionário. Radvinsky, seu único dono, recebeu mais de US\$ 1,3 bilhão em dividendos nos últimos cinco anos. Ele mora na Flórida com a esposa, a advogada Katie Chudnovsky, em uma mansão que já pertenceu à tenista Chris Evert, e adquiriu recentemente um duplex à beira-mar por mais de US\$ 20 milhões.

Apesar de sua fortuna estimada em quase US\$ 4 bilhões, Radvinsky permanece avesso à exposição. Sua fundação pessoal divulga doações a instituições como o Memorial Sloan Kettering Cancer

Fortuna

Leo Radvinsky, o único dono da plataforma, recebeu mais de US\$ 1,3 bilhão em dividendos nos últimos cinco anos

Center e apoio a *softwares* de código aberto. Em uma rara aparição pública, participou, em 2024, de um evento beneficente ao lado da esposa, que hoje lidera uma fundação dedicada à pesquisa do câncer.

O passado, no entanto, continua batendo à porta. Investigações jornalísticas revelaram que os *sites* operados por ele nos anos 1990 usavam táticas duvidosas para atrair usuários, com linguagem que sugeria conteúdos ilegais, como pornografia infantil e sexo com animais — embora as acusações não tenham

sido comprovadas. Seu nome também esteve ligado a casos de uso indevido de imagens e denúncias sobre falhas do OnlyFans na verificação da idade de criadores, incluindo um escândalo envolvendo uma menina de 14 anos.

Mesmo com esse histórico, Radvinsky segue rodeado de investidores. Recentemente, sua empresa, a Fenix International, avaliou vender o OnlyFans por até US\$ 8 bilhões. O negócio, caso concretizado, colocaria seu criador no panteão dos maiores bilionários do mercado digital.

Enquanto executivos do OnlyFans, como a CEO Keily Blair, tentam distanciar a plataforma da pornografia e expandi-la para áreas como esporte e comédia, Radvinsky continua sem dar cara a tapa, ausente do debate público. Seu legado, porém, já está escrito: ele não só viu valor onde outros viram polêmica e tabu, como também erigiu, silenciosamente, um dos negócios mais lucrativos da internet.

Charada

Resposta da semana anterior: Embarcação (2) = ita + soletrava (2) = lia. Solução: país europeu (4) = Itália.

Charada de hoje: A paixão (2) serve para entrelaçar (2) e não para perder a intensidade (4).

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

Eita!!!!

Foto: Reprodução Arquivo do Iphan

Onde fica o centro dos continentes da Terra?

Descobrir o “meio” de cada continente pode parecer um exercício puramente geográfico, mas é revelado também uma história de política local e rivalidades entre países. Ao contrário da antiga crença dos gregos, que viam Delfos como “o umbigo do mundo”, a Terra, por ser esférica, não tem um centro absoluto. Mesmo assim, vários locais autoproclamam-se o “centro geográfico” de cada continente, recorrendo a diferentes critérios.

Antártida

O continente mais misterioso nesse contexto. Embora alguns apontem para uma área próxima ao Polo Sul como o centro geográfico, não há consenso nem cálculos claros sobre essa localização, segundo o *IFL Science*.

Ásia

A geografia cruza-se, inevitavelmente, com a política internacional. A cidade de Kyzyl, na Rússia, ergueu um monumento que a declara como centro da Ásia, em 1968. No entanto, em 1992, uma nova estimativa colocou o verdadeiro centro cerca de 20 km a sudoeste de Ürümqi, na China. O local foi transformado, com direito a uma vila nova, chamada simbolicamente de “Coração da Ásia”.

Austrália

O mais aceito é o chamado Lambert Centre, calculado com base em 24.500 pontos da linha costeira em maré alta e utilizando o centro de gravidade da figura resultante.

África

Fontes como o World Atlas apontam para uma localização próxima da cidade de Epena, nos Camarões. O método exato usado na determinação desse ponto não é claro, mas, pelo menos, não há múltiplos países a disputarem o título.

Europa

O caso mais disputado. Várias cidades em países como Alemanha, Polónia, Suécia, Eslováquia, Bielorrússia, Hungria, República Checa, Estónia e Ucrânia reclamam para si o título de centro geográfico do continente. Uma verdadeira corrida de patriotismos, com cientistas de cada país achando o centro bem dentro das suas fronteiras. No entanto, o ponto mais amplamente aceito fica na Lituânia, perto da aldeia de Girija, calculado por franceses com base no centro de gravidade da figura geométrica da Europa.

América do Norte

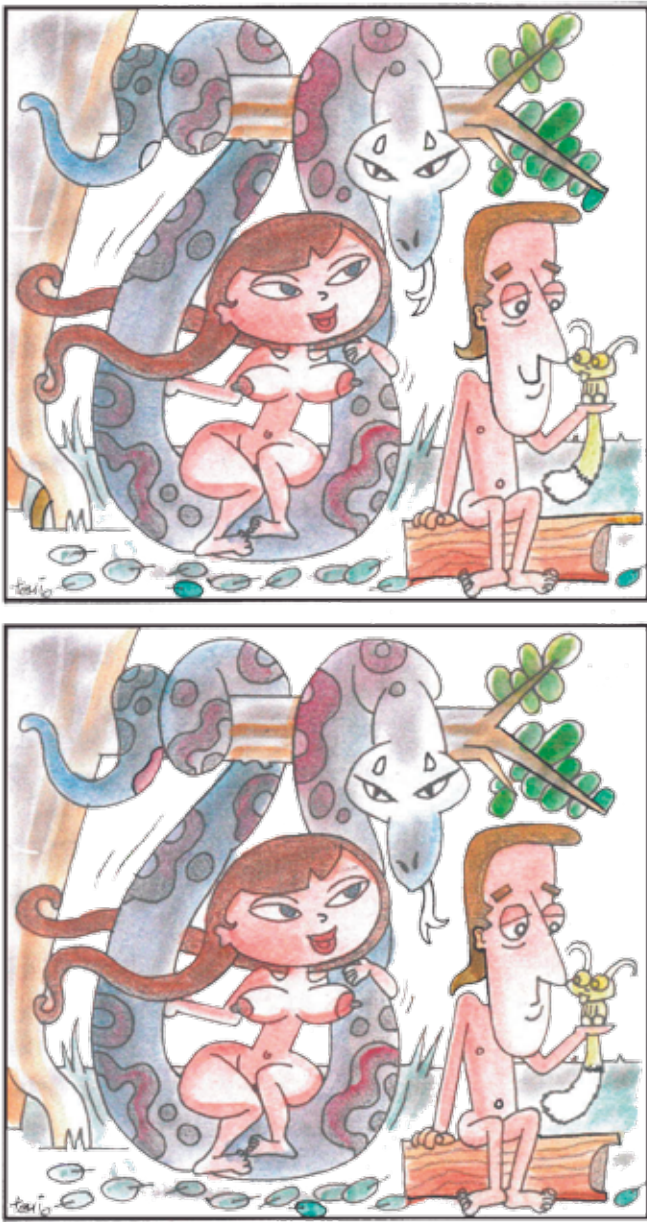
Durante décadas, a cidade de Rugby, em Dakota do Norte, nos EUA, era considerada o centro do continente. Tinha até um monumento. Nos anos 2010, o dono de um bar em Robinson, também no mesmo estado, reivindicou o título. Ainda assim, estudos mais recentes do geógrafo Peter Rogerson apontam que o verdadeiro centro está numa outra cidade — chamada, ironicamente, Center — a cerca de 230 km ao sul de Rugby.

América do Sul

Em 1909, determinou-se que o centro geográfico ficava no Centro da cidade de Cuiabá (MT), no Brasil (foto acima). Cálculos mais precisos, feitos nos anos 1990, reposiciona o centro a 45 km a nordeste da cidade.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – cabelo de Adão; 2 – língua da cobra; 3 – manchas da cobra; 4 – folha no chão; 5 – raias da árvore; 6 – folha da árvore; 7 – boca de Adão; 8 – loco; 9 – cauda do esquilão